



**UNICAMP**

NÚMERO: 178/2012

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS

**RICARDO DEVIDES OLIVEIRA**

**A GEOGRAFIA PÓS-UNIFICAÇÃO TERRITORIAL ALEMÃ: OSCAR PESCHEL,  
FRIEDRICH RATZEL E ALFRED HETTNER**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO APRESENTADA AO INSTITUTO  
DE GEOCIÊNCIAS DA UNICAMP PARA OBTENÇÃO DO TÍTULO  
DE MESTRE EM GEOGRAFIA, NA ÁREA DE CONCENTRAÇÃO:  
ANÁLISE AMBIENTAL E DINÂMICA TERRITORIAL.

**ORIENTADOR: PROF. DR. ANTONIO CARLOS VITTE**

ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE À VERSÃO FINAL DA  
DISSERTAÇÃO DEFENDIDA PELO ALUNO, E ORIENTADO  
PELO PROF. DR. ANTONIO CARLOS VITTE

---

Campinas / SP - 2012

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA POR  
CÁSSIA RAQUEL DA SILVA – CRB8/5752 – BIBLIOTECA “CONRADO PASCHOALE” DO  
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS  
UNICAMP

OL41g Oliveira, Ricardo Devides, 1984-  
A geografia pós-unificação territorial alemã: Oscar Peschel, Friedrich Ratzel e Alfred Hettner / Ricardo Devides Oliveira -- Campinas,SP.: [s.n.], 2012.

Orientador: Antonio Carlos Vitte.  
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências.

1. Geografia. 2. Desenvolvimento institucional. 3. Alemanha – História – Reunificação. I. Vitte, Antonio Carlos, 1962- II. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências. III. Título.

Informações para a Biblioteca Digital

**Título em ingles:** The Geography pos-unification territorial German: Oscar Peschel, Friedrich Ratzel and Alfred Hettner

**Palavras-chaves em ingles:**

Geography

Institution building

Germany – History - Reunification

**Área de concentração:** Análise Ambiental e Dinâmica Territorial

**Titulação:** Mestre em Geografia.

**Banca examinadora:**

Antonio Carlos Vitte (Presidente)

Antonio Carlos Robert de Moraes

Marcos Bernardino de Carvalho

**Data da defesa:** 18-05-2012

Programa de Pós-graduação em Geografia



**UNICAMP**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS  
PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA  
ÁREA DE ANÁLISE AMBIENTAL E DINÂMICA TERRITORIAL**

**AUTOR:** Ricardo Devides de Oliveira

“A Geografia Pós-Unificação Territorial Alemã: Oskar Peschel Friederich Ratzel e Alfred Hettener”

**ORIENTADOR:** Prof. Dr. Antonio Carlos Vitte

Aprovada em: 18 / 05 / 2012

**EXAMINADORES:**

Prof. Dr. Antonio Carlos Vitte

 - Presidente

Prof. Dr. Antonio Carlos Robert de Moraes



Prof. Dr. Marcos Bernardino de Carvalho



Campinas, 18 de maio de 2012.

Dedico este trabalho a todos os pensadores que buscam abrir os portões da ciência, da Geografia e da História, almejando novas possibilidades de conhecimento que ultrapassem o que está aí posto, convencionado e conformado por razões que às vezes a própria razão desconhece.

## *AGRADECIMENTOS*

A mim; por estar aqui, pertencente ao mundo; um ser pensante, intrigado e extremamente curioso.

A minha família, pelo apoio irrestrito e pelas condições que me foram dadas no desenvolvimento de meu conhecimento, da minha personalidade e da minha cultura desde a graduação.

Ao meu orientador, professor e amigo Antonio Carlos Vitte, pelas suas contribuições teóricas e intervenções práticas. Tudo fica mais fácil com experiência e enciclopédia viva ao lado.

Aos meus amigos da Academia pela troca de idéias, e aos não-acadêmicos também, que sabem muito quando ambientados pela liberdade de uma mesa de bar e intrigados por uma contradição qualquer.

À CAPES, FAPESP e UNICAMP, pelas ótimas condições fornecidas para a realização do Mestrado.

Ao Pink Floyd, Bob Dylan, Beatles e Stones; aos cafés, cigarros e madrugadas que me acompanharam quando estava apenas eu, só com uma idéia na mente pronta para racionalizá-la.

“A invocação do passado constitui uma das estratégias mais comuns nas interpretações do presente. O que inspira tais apelos não é apenas a divergência quanto ao que ocorreu no passado e o que teria sido esse passado, mas também a incerteza se o passado é de fato passado morto e enterrado, ou se persiste, mesmo que talvez sobre outras formas”

*(Edward Said, Cultura e Imperialismo)*

“O fundamento do Império é a Arte e a Ciência”

*(William Blake, Discursos de Reynolds)*



**UNICAMP**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS  
PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

**“A Geografia pós-unificação territorial alemã: Oscar Peschel, Friedrich Ratzel e Alfred Hettner”**

**RESUMO**

**Ricardo Devides Oliveira**

A institucionalização relativamente recente da Geografia, principalmente na Alemanha, resulta de um processo contínuo e dialético de reflexão e sistematização de idéias, fruto de inúmeros avanços tecnológicos, materiais e estéticos; ligados a um contexto político-econômico marcante, iniciados mais precisamente com o advento do pensamento moderno na Europa e a consolidação do capitalismo. Algumas concepções teóricas contribuíram com diferentes processos que influenciaram de maneira diversa e complexa para a constituição do arcabouço teórico no processo de institucionalização da geografia enquanto disciplina. Para compreender as nuances deste processo marcante, mas ainda pouco estudado, a presente dissertação buscará comprovar que os trabalhos e as práticas de Oscar Peschel, Friedrich Ratzel e Alfred Hettner permitiram a consolidação de um programa e uma metodologia para os estudos geográficos, pautados pela influência do Positivismo, do Darwinismo e do Imperialismo no processo de institucionalização da Geografia na Alemanha, na passagem do séc. XIX ao séc. XX.

*Palavras-chave:* Geografia; institucionalização; Alemanha.



**UNIVERSITY OF CAMPINAS  
INSTITUTE OF GEOSCIENCE**

**“The Geography pos-unification territorial German: Oscar Peschel, Friedrich Ratzel and Alfred Hettner”**

**ABSTRACT**

**Ricardo Devides Oliveira**

The relatively recent institutionalization of geography, especially in Germany, results from an ongoing, dialectical process of reflection and systematization of ideas, the result of numerous technological advances, materials and aesthetic, tied to a political and economic context marked, started more precisely with the advent of modern thinking in Europe and the consolidation of capitalism. Some theoretical concepts contributed different procedures that influenced in a diverse and complex way to form the theoretical framework in the institutionalization of geography as a discipline. To understand the nuances of this remarkable process, yet little studied, this paper will seek to prove that Oscar Peschel, and Friedrich Ratzel Alfred Hettner’s work and practices allowed the consolidation of a program and a methodology for geographic studies, guided by the influence of Positivism, Darwinism and Imperialism in the process of institutionalization of geography in Germany, in the passage of nineteenth century to the twentieth century.

*Key-words:* Geography; institutionalization; Germany.

## SUMÁRIO

	pag.
<i>Capítulo 1: INTRODUÇÃO</i> _____	1
<i>1.1- Qual é a história da Geografia?</i> _____	2
<i>1.2- CONSIDERAÇÕES SOBRE O MÉTODO</i> _____	5
<i>1.2.1- A hermenêutica filosófica de Gadamer</i> _____	6
<i>1.2.2- A micro-história de Lenoir</i> _____	7
<i>1.3- A INSTITUCIONALIZAÇÃO DA GEOGRAFIA NA ALEMANHA</i> _____	9
<i>Capítulo 2: CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA</i> _____	16
<i>2.1- O pensamento alemão no decorrer do século XIX: Ciência, a educação e a política</i> ____	16
<i>Capítulo 3: UNIFICAÇÃO TERRITORIAL: Geografia e Imperialismo</i> _____	23
<i>Capítulo 4: INFLUÊNCIAS POSITIVISTAS E DARWINISTAS</i> _____	28
<i>Capítulo 5: EXPOENTES DA INSTITUCIONALIZAÇÃO DA GEOGRAFIA ALEMÃ PÓS-UNIFICAÇÃO TERRITORIAL: Oscar Peschel, Friedrich Ratzel, Alfred Hettner</i> _____	33
<i>5.1- Oscar Peschel (1826 – 1875): As raças do homem e sua distribuição geográfica</i> _____	33
<i>5.2- Friedrich Ratzel (1844 – 1904): A narração da natureza</i> _____	38
<i>5.2.1- O conturbado fin de siècle e a maturidade intelectual de Ratzel</i> _____	42
<i>5.3- Alfred Hettner (1858 – 1941): A definição dos métodos em Geografia</i> _____	50
<i>6- PERCURSOS E TRANSFIGURAÇÕES DE UMA CIÊNCIA INSTITUCIONALIZADA</i> _____	57

<b>7- CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>80</b>
<b>8- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>82</b>
<b>8.1- Obras analisadas pela presente pesquisa</b>	<b>82</b>
<b>8.2- Referências metodológicas</b>	<b>82</b>
<b>8.3- Bibliografia referenciada e consultada</b>	<b>83</b>

## *LISTA DE QUADROS*

<i>Quadro 1. Cursos e Palestras de Oscar Peschel na Universidade de Leipzig</i>	<i>60</i>
<i>Quadro 2. Cursos e Palestras de Friedrich Ratzel na Universidade de Leipzig</i>	<i>65</i>
<i>Quadro 3. Cursos e Palestras de Alfred Hettner na Universidade de Leipzig</i>	<i>76</i>

## 1- INTRODUÇÃO

A presente dissertação de mestrado busca compreender um momento específico da história da Geografia, o qual seja, a formação da Geografia alemã no período bismarckiano pós-unificação territorial. Partindo de um novo olhar para o processo de institucionalização da Geografia na Alemanha, almeja uma ampliação do horizonte de compreensão deste peculiar momento da história da Geografia, assim como o entendimento das intrínsecas ramificações e inter-relações do referido processo.

Caracteriza-se assim por analisar o universo empírico do processo de Institucionalização da Geografia enquanto disciplina científica estruturada, na passagem do século XIX ao século XX, e, portanto, se baseia em alguns objetivos principais, tais quais a contextualização da passagem do século XIX ao XX nos aspectos sociais, econômicos, políticos, culturais, estéticos e no desenvolvimento do pensamento científico; a compreensão dos processos mais importantes que balizaram a institucionalização, assim como as influências positivistas e darwinistas na ciência alemã; destacando a importância do Estado e do Imperialismo neste processo; e por fim contextualizando e demonstrando a importância dos trabalhos e práticas de Oscar Peschel, Friedrich Ratzel e Alfred Hettner para desenvolvimento e institucionalização da Geografia Alemã.

Assim, uma pesquisa desta natureza justifica sua importância na medida em que se propõe a problematizar um momento ímpar da historiografia da institucionalização da Ciência Geográfica, processo marcante, contínuo, enriquecedor e repleto de contradições, e que consolidou-se e estruturou-se substanciada diretamente pelo Estado alemão unificado e pelo Imperialismo, numa relação umbilical com o desenvolvimento da Geografia. A presente pesquisa é importante no contexto da historiografia da Geografia desenvolvida no Brasil, ao buscar inter-relacionar e delimitar práticas, contribuições e contradições de pensadores em um mesmo contexto político-territorial, e de intensas manifestações culturais que influenciaram na institucionalização da Geografia na Alemanha.

## 1.1 - QUAL É A HISTÓRIA DA GEOGRAFIA?

Perguntar sobre qual é a história da Geografia é perguntar sobre qual é a história da Alemanha, dada a peculiaridade desta nação no processo de consolidação da Geografia enquanto ciência e disciplina. Ribeiro (2009) coloca a seguinte questão: Qual é a história da Geografia? São várias. Entre elas uma dispersão de práticas e de saberes inscritos na narrativa exótica dos viajantes, na confecção de mapas e na descrição física da superfície terrestre que, reunidas determinadas condições sociais, políticas e epistemológicas, cristalizaram-se em um campo de conhecimento autônomo chancelado pelo Estado-nação (RIBEIRO, 2009; MORAES, 1989). Na Alemanha do séc. XIX e início do séc. XX, a relação entre a ciência, o Estado e o suporte-institucional (RIBEIRO, 2009) que dá sustentação a mesma constituiu-se no principal eixo norteador do processo de institucionalização da Geografia neste país.

A geografia foi a disciplina cultural que obteve a mais firme base acadêmica no decorrer do séc. XIX (VALKENBURG, 1960; SMITH, 1991; DUNBAR, 2001). Sua vanguarda, gerada a partir da “Era dos Descobrimentos”, com alemães matemáticos, cartógrafos, editores de revistas geográficas, além dos naturalistas do séc. XVIII; ligando-se a isso a mudança da ideologia alemã, a preocupação com o ensino e com a estrutura universitária, as revoltas internas, a prussianização da Alemanha, a unificação e o imperialismo (CAPEL, 1981; MORAES, 1989; SMITH, 1991; RIBEIRO, 2009); constituiu um modelo teórico liberal e aplicado (SMITH, 1991), que propiciou uma estrutura disciplinar e um crescimento conceitual e metodológico único para a Geografia alemã, invejável a qualquer outra ciência; colocando-se muitas vezes, e isso se deu de fato, enquanto modelo para estruturas universitárias e disciplinares de grande parte da Europa e dos EUA<sup>1</sup>

“A estrutura disciplinar da geografia, que emergiram nos anos de 1860 não só produziu uma quantidade substancial de investigação cultural em si, mas também atuou como modelo para outras áreas, especialmente a antropologia cultural” (SMITH, 1991, 57).

---

<sup>1</sup> No sentido de uma estrutura curricular de conteúdos e disciplinas consolidadas e que abarcavam grande parte do conhecimento geográfico até então. É o momento em que muitos pesquisadores, principalmente franceses, ingleses e americanos, intercambiavam para a Alemanha e assim podiam observar a estrutura da Geografia alemã, como foi o caso de William Morris Davis

Uma estrutura disciplinar consolidada, substanciada por uma cultura técnica de ponta e pelas exigências de um campo investigativo (LENOIR, 2003), foram características da Geografia em finais do séc. XIX e início do séc. XX. Na Alemanha, da segunda metade do século XIX, a Geografia, assim com as outras ciências, teve a marca da *Wissenschaftspolitik*<sup>2</sup>, que deu às disciplinas, dentre outras coisas, sustentação de linhas particulares de pesquisa (LENOIR, 2003). Cabe aqui uma apreciação metodológica: ao analisar a constituição de uma disciplina em um momento peculiar e passado, é preciso atentar para o *contexto estrutural* e para o *contexto social* de formação de determinada ciência, pois padrões de ideias se desenvolvem em contextos que provavelmente se estendem além da esfera do intelecto (SMITH, 1991). No caso particular da Geografia na Alemanha, será possível analisar o contexto social e o contexto estrutural, incluindo neste último o contexto político.

“Além do amplo contexto social de classe, geração, sexo e grupo étnico, há também um contexto mais específico das instituições, dos padrões do dia-a-dia e no comportamento do ciclo de vida definidos pelas instituições, e organizou o exercício de poder que fortemente influencia o pensamento das pessoas. Podemos chamar este o contexto estrutural. Um aspecto específico da estrutura - a política - é de especial preocupação” (SMITH, 1991, 58).

Assim, compreender o processo peculiar de institucionalização da Geografia na Alemanha no séc. XIX é analisar o amplo contexto social e cultural balizador deste processo, seus pressupostos teóricos e metodológicos, estritamente ligados a consolidação do capitalismo, ao advento da modernidade, a unificação e ao imperialismo na Alemanha; a especificidade de suas instituições acadêmicas e o caráter de suas disciplinas; as relações substanciais entre o poder político e a ciência; o contexto de surgimento das obras analisadas e das práticas de seus autores, os quais sejam, Oscar Peschel, Friedrich Ratzel e Alfred Hettner.

O recorte histórico, definido de acordo com as necessidades e objetivos deste estudo, compreende o universo empírico da institucionalização da Geografia, entre a segunda metade do século XIX e início do séc. XX, na Alemanha, delimitado pelos anos de 1859 (ano de falecimento de

---

<sup>2</sup> Política da ciência, de caráter estatal.

Alexander von Humboldt e Karl Ritter, e da publicação da obra “A origem das espécies”, de Charles Darwin) e 1941, ano da morte de Alfred Hettner. Humboldt e Ritter fecham um ciclo da geografia denominado de sistematização (MORAES, 1989). Humboldt, apresentando uma visão holística e integrada dos processos da Natureza, e Ritter, apresentando uma síntese de geografia comparada ligada ao divino. No mesmo ano, a publicação da “Origem das Espécies”, de Charles Darwin, vai revolucionar o pensamento moderno e possibilitar uma nova interpretação metodológica para a Geografia.

Objetiva-se, portanto, aprofundarmos o conhecimento sobre o processo de institucionalização da Geografia. Para tal, elegemos como universo empírico a institucionalização da escola alemã de Geografia, basicamente as concepções desenvolvidas por Peschel, Ratzel e Hettner, os primeiros professores da Universidade de Leipzig, e o último de Heidelberg. Para o que compete a esta proposta de pesquisa, a nossa hipótese de trabalho é buscar compreender e comprovar que os trabalhos e as práticas de Oscar Peschel, Friedrich Ratzel e Alfred Hettner permitiram a consolidação de um programa e de uma metodologia para os estudos geográficos, que obedeceram e justificaram as diretrizes do estado bismarckiano (foi a regra, claro, mas não fugiu às contradições e dilemas), fazendo-se necessário a análise da particularidade da Alemanha no processo de institucionalização da Geografia, pontuando e contextualizando partes de obras dos autores elencados, apresentadas abaixo:

**Oscar Peschel** -The races of man and their geographical distribution. Leipzig, Universidade de Leipzig, 1876. Primeira edição em alemão (1874, Leipzig). Nesta obra o eminente geógrafo Oscar Peschel, criador do curso de geografia na Universidade de Leipzig e também o primeiro a inserir o curso de geografia física, particularmente o de geomorfologia no curso de geografia, discute o papel do *ambiente* na evolução das raças humanas ao analisar algumas distribuições de agrupamentos humanos e suas relações com o meio. Destaca-se neste trabalho a metodologia darwinista utilizada pelo autor e sua visão de que a geografia humana seria derivada da antropologia física. Será analisada a introdução desta obra, traduzida da publicação em inglês para o português, pelo próprio autor desta dissertação.

**Friedrich Ratzel.** Über Naturschilderung. 1904, Göttingen. Nesta obra, escrita no início do séc. XX e publicada algumas semanas após a sua morte, Ratzel apresenta uma discussão em torno de questões estéticas nas formas de representação da natureza. Discorre filosoficamente sobre o papel da arte e da ciência na descrição (*Beschreibung*) e narração (*Schilderung*) da natureza. Esta obra é importante na medida em que apresenta um conteúdo diferente do conjunto das obras de Ratzel, como a *Anthropogeographie* e a *Politische Geographische*, e expõe dilemas intelectuais vivenciados por este pensador na construção do conhecimento geográfico. A exemplo da obra do autor anterior, analisaremos apenas os dois primeiros capítulos desta obra ratzeliana. Para esta análise, houve a necessidade de seguirmos alguns passos, quais sejam, a tradução do alemão gótico ou clássico (*lettra Fraktur*) para o alemão moderno, e depois para o português; trabalho realizado pelo próprio autor da dissertação, com ajuda de uma tradutora de alemão.

**Alfred Hettner.** Das Wesen und die Methoden der Geographie. Berlin, Geographische Zeitschrift, 1905. Nesse breve artigo, Hettner discute e dialoga com a tradição geográfica alemã de Leipzig sobre as bases metodológicas da geografia. Faz uma releitura de Varenius, discutindo a relação entre a geografia regional e a geral, defendendo que a geografia não é uma ciência geral da terra, pois a argumentação positivista não se justifica por si só. Este texto exerceu forte influência no geógrafo americano Richard Hartshorne e na Geografia Regional do séc. XX. Será analisada a completude deste artigo com base na publicação em espanhol que consta na obra “*El pensamiento geográfico*”, organizada por Josefina Gómez Mendoza; Julio Muñoz Jiménez e Nicolas Ortega Cantero, publicada em 1994 pela Alianza Universidad Textos, de Madrid, Espanha.

## **1.2- CONSIDERAÇÕES SOBRE O MÉTODO**

Para a presente pesquisa, optamos por trabalhar com duas metodologias que se complementam: A *Hermenêutica Filosófica*, de Hans-Georg Gadamer; e o que podemos denominar de *Historiografia Contextualista*, teorizada por Timothy Lenoir.

A opção por estas duas metodologias de pesquisa, realizada desde o desenvolvimento do projeto de pesquisa que orientou esta dissertação, advém de características e elementos presentes nas duas metodologias, que possibilitaram um encaixe peculiar para os objetivos desta pesquisa, na medida em que a *Hermenêutica filosófica* vai propiciar um entendimento de uma determinada obra

(Peschel, Ratzel e Hettner), inserindo-a no contexto que a originou, e assim compreendendo suas características inerentes. E, por outro lado, a *Historiografia contextualista* vai possibilitar uma delimitação importante do contexto particular que substanciou o processo que elencamos como “a institucionalização da Geografia alemã em finais do séc. XIX e início do séc. XX”.

Outro ponto importante a ser destacado, é que estas opções metodológicas não foram seguidas à risca, dadas a complexidade das mesmas, e também a amplitude que estas poderiam tomar na compreensão das dimensões e da diversidade do conhecimento humano e científico, principalmente porque analisamos apenas capítulos previamente selecionados. São opções metodológicas, que não tem a pretensão de apresentar verdades e resultados específicos em razão de sua aplicabilidade, já que o método não é necessariamente um critério de verdade (GADAMER, 1997), mas encaixam-se nesta pesquisa enquanto orientações de entendimento e compreensão mais flexíveis, bem teorizadas e referenciadas, para a comprovação da hipótese que aqui se apresenta.

### **1.2.1- A Hermenêutica filosófica de Gadamer**

Hans-Georg Gadamer (1900 – 2002) foi um filósofo alemão, e também um dos principais expoentes da Hermenêutica filosófica, assim como Heidegger. Empreendeu diversas discussões sobre as problemáticas epistemológicas das ciências, refletindo sobre o método, a verdade, o Historicismo, o processo de entendimento do passado e do presente (GADAMER, 1993; CORTÊS, 2006). Sua principal obra é “Wahrheit und Methode” (Verdade e método), publicada em 1960. As discussões que se seguem terão como referência outra obra de Gadamer, “A consciência histórica” (1993), que através de diversas conferências discute os problemas epistemológicos das ciências humanas.

As ciências humanas, enquanto ciências históricas modernas, as *Geisteswissenschaften* (GADAMER, 1993), adquirem uma posição reflexiva com relação a tudo que lhe é transmitido pela tradição do conhecimento, e é justamente este comportamento reflexivo que Gadamer chama de Interpretação (GADAMER, 1993), um processo reflexivo que se aplica a tudo que nos é transmitido pela história (GADAMER, 1993), por fatos, fenômenos, textos, contextos e visões de mundo (GADAMER, 1993; DOMINGUES, 2008).

Gadamer (1998), explicando sobre a interpretação hermenêutica, exemplifica com belas palavras a opção e a importância que demos a esta metodologia para a presente pesquisa, onde a

hermenêutica visa “escutar beatificamente a voz que lhe chega do passado, mas, ao refletir sobre a mesma, recoloca-a no contexto em que ela se originou, a fim de ver o significado e o valor relativos que lhe são próprios”. (1998, pg. 18). É este tipo de reflexão que orientou a pesquisa, pois, ao estudar as obras de Peschel, Ratzel e Hettner, inserimo-as no contexto de formação das mesmas, assim como as interações que se sucederam no processo de institucionalização da geografia na Alemanha. Neste sentido, podemos elencar algumas relações que foram estabelecidas no estudo das obras escolhidas: A obra escolhida e o pensamento de seu autor; a obra escolhida em relação ao conjunto das obras do autor; a obra escolhida em relação ao contexto específico do autor; levando assim a uma reflexão explícita sobre as condições que levam o texto a ter este ou aquele significado (GADAMER, 1993).

### **1.2.2 - A historiografia contextualista de Lenoir**

Timothy Lenoir é professor de História em Stanford, e é conhecido por diversos trabalhos no campo da História e filosofia das ciências, analisando o desenvolvimento de teorias, a formação das disciplinas científicas e o papel das instituições na construção do conhecimento científico. Assim como Gadamer, tem seus trabalhos voltados a análise da construção do conhecimento científico da Alemanha, principalmente no decorrer do séc. XIX, com a institucionalização das disciplinas científicas. A obra que tomamos como referência para estas considerações é “Instituindo a ciência: a produção cultural das disciplinas científicas” (2003).

Estudar um processo de institucionalização de uma ciência é, necessariamente, estudar a formação de suas instituições científicas, que podem ser entendidas primeiramente como um sítio de coordenação e incorporação de habilidades (LENOIR, 2003), que dado um determinado contexto histórico, que é também contexto institucional (LENOIR, 2003), e ligado a uma interação dinâmica de atores e grupos interessados numa relação do conhecimento e poder, possibilita a percepção de uma instituição a partir dos processos dinâmicos que a constituem, e pelos quais as ciências são formadas.

Na Alemanha, as estruturais organizacionais permitiram a unificação do ensino e da pesquisa nas universidades ao longo do séc. XIX, aliadas a um mercado descentralizado e competitivo para o talento científico; e onde o conteúdo da ciência, ou seja, sua história interna, foi o elemento essencial em uma rede que envolveu ações simultaneamente culturais, sociais, econômicas e políticas

(LENOIR, 2003). Assim, a história da ciência, de sua institucionalização, como é o caso da análise da institucionalização da Geografia que nos compete, aumenta a dimensão do estudo da teoria para também um estudo das práticas e da cultura em questão (LENOIR, 2003).

Lenoir projeta uma perspectiva de estudo dos processos históricos em um recorte denominado de micro-história (LENOIR, 2003), ou seja, propõe a construir micro-estudos de um contexto específico e particular. Este autor estudou a formação das instituições e disciplinas científicas, analisando os processos pelas quais estas se consolidaram. Para Lenoir (2003), a micro-história possibilita “[...] explorar os processos dinâmicos pelos quais as instituições que constituem e apóiam as ciências são formadas” (2003, 13), e de como a ciência se desenvolve enquanto prática cultural.

Enfatizo a maneira como essa ciência, na condição de prática cultural, está imbricada em uma rede sem costuras com outras formas de práticas sociais, políticas, inclusive estéticas, e eu trato as formações das disciplinas e das instituições científicas como sítios para a construção e sustentação de formas de identidade social e cultural, situadas relativamente a estes outros corpos culturais” (LENOIR, 2004, 14).

Portanto, compreender a institucionalização da Geografia na Alemanha é compreender toda a rede de práticas sociais, culturais, políticas e econômicas que contribuíram para a sua concretização, tomando certas junções como cruciais: o comprometimento dos pensadores enfatizados com a unificação alemã; a ciência institucionalizada e aplicada aos interesses imperialistas; a relação entre ciência, indústria e Estado no final do séc. XX. Sobre as disciplinas científicas, reflexo da ciência institucionalizada, Lenoir (2003), coloca que “disciplinas científicas [...] trazem engasgadas em si a estrutura das relações gerais de poder da sociedade, enquanto a atividade de seleção e doutrinação própria de cada campo disciplinar contribui para sustentar essa estrutura” (2003: 31).

### 1.3- A INSTITUCIONALIZAÇÃO DA GEOGRAFIA NA ALEMANHA

A institucionalização da Geografia Moderna alemã ligou-se diretamente a um contexto político peculiar marcante, e a mudança da concepção filosófica de mundo, já que o idealismo romântico de finais do séc. XVIII e início do séc. XIX, também conhecido como pensamento clássico alemão, foi esvaziado pelo utilitarismo da segunda metade do séc. XIX, característica de uma ciência aplicada com objetivos práticos. (CAPEL, 1981; RINGER, 2000). A Alemanha sofre assim uma reorientação filosófica marcante de sua ideologia, que vai se acentuar a partir da revolta de 1848-49, já que o humanismo clássico não mais daria conta de concretizar os anseios de uma nova sociedade que emergia unificada, industrializada, institucionalizada e aparada pelo capitalismo:

“Depois do colapso de 1849, o sistema de antigos valores do novo humanismo foi à bancarrota; o cimento espiritual que tinha permitido a sociedade prussiana avançar como uma unidade orgânica tinha sido completamente erodida. Nem poderia uma nova ênfase em valores religiosos tradicionais, empreendida durante o início dos anos 1850 sob o regime reacionário de Guilherme IV, fornecer uma base ideológica satisfatória e adequada para os principais elementos dinâmicos da sociedade prussiana” (LENOIR, 2003, 102)

O denominado antigo sistema de valores do humanismo, que tinha raízes românticas ainda bastante diluídas na sociedade alemã, e, principalmente, entre os intelectuais, foi constantemente perdendo espaço em uma sociedade que buscava a industrialização, unidade política, lingüística e cultural, expansão de seus territórios, e neste sentido observou-se neste período um processo de rejeição do idealismo em face de um realismo utilitarista, como exemplificado abaixo:

“Da metade para o final dos anos 1850, uma nova ideologia se forjou; estava baseada na satisfação de interesses materiais, na rejeição de todas as formas de idealismo na vida política e intelectual – uma ênfase, em suma, em poder e realismo. Essa nova ideologia entrou inteiramente em evidência durante os anos 1860 e, até a

metade dos anos 1870, forneceu os acordos unificadores dominantes de uma sociedade em mudança, comprometida com um conjunto geral de metas” (LENOIR, 2003,102).

O idealismo, nos moldes do pensamento romântico, foi substituído por um realismo político que impôs novos conjuntos de interesses e objetivos à sociedade alemã, em processo de unificação, e a ciência em processo de institucionalização teve um papel primordial para os anseios da Alemanha enquanto potência emergente. Mas, voltemos ao final do séc. XVIII. Ainda fragmentada em feudos, ducados e principados em pleno alvorecer do séc. XIX, a futura Alemanha encontrava-se atrasada em relação a sua organização espaço-territorial, a dimensão político-econômica, na introdução do sistema capitalista em seu território, assim como na busca por uma identidade nacional e cultural (CAPEL, 1981; MORAES, 1989). Moraes argumenta que:

“Enquanto que na França e na Inglaterra o desenvolvimento do comércio e da indústria acarretou a criação de interesses gerais no país inteiro, e com isso, a centralização política, a Alemanha não passou do agrupamento de interesses por províncias, em torno de centros puramente locais, o que trouxe consigo a fragmentação política que logo se estabilizou pela exclusão da Alemanha do comércio mundial” (MORAES, 1989, 32).

O final do séc. XVIII e o início do séc. XIX, também foi o momento do romantismo alemão. O movimento romântico surge a partir das primeiras viagens de Herder ao mar da França, em 1769 (SAFRANSKI, 2010), assim como os primeiros trabalhos sistematizados, e com base em uma observação mais lógica e racional, e na formulação de hipóteses; característica de uma sociedade de dilemas, mas que mudava muito rapidamente. Apesar dos dilemas e da inexistente organização do Estado, a cultura intelectual alemã foi muito bem cultivada e favorecida, pois enquanto que os alemães viviam numa paz típica da Idade Média, outros Estados já consolidados ocupavam-se com inúmeras guerras, (MORAES, 1989; SAFRANSKI, 2010). Românticos como Schiller, Herder, Schelling, Goethe, Novalis e Fichte, dentre outros, inspirados principalmente pelos ideais libertários da Revolução Francesa (1789), buscaram através da representação e do viver poético do mundo uma

aproximação do homem com a natureza, contrapondo o chamado “desencantamento do mundo” pautado pelo pensamento mecanicista.

Mas, no início do séc. XIX, mudanças políticas como o fim do Sacro-Império Germânico (1808), a resistência a expansão napoleônica, as guerras de libertação ao norte (1808)<sup>3</sup>, a Revolução de 1848<sup>4</sup>, o desenvolvimento industrial conhecido como *Gründerzeit*<sup>5</sup>, a mudança do referencial filosófico, além de outros, cultivaram na Alemanha um sentimento de busca de identidade, objetivada através da Unificação Alemã, regida por Bismarck (1815 – 1898), consolidada em 1871. O desenvolvimento industrial e técnico, concomitante a uma preocupação com a estrutura educacional institucionalizada, ditada pelo Estado Prussiano, fez surgir uma Geografia pautada pelos interesses do Estado unificado e pelo Imperialismo.

A primeira metade do séc. XIX foi caracterizada pelos trabalhos de Alexander Von Humboldt (1769 – 1859) e Karl Ritter (1779 – 1859), que, com suas particularidades, mas influenciados diretamente pela filosofia kantiana, foram os marcos iniciais da Geografia moderna. A visão orgânica de Humboldt, pautada pelo romantismo e pela filosofia de Schelling (1775 – 1854), caracterizou um rico intercâmbio gerado pela sua *Naturphilosophie*<sup>6</sup> e o pensamento de Charles Darwin (VITTE, 2009). Em Ritter, influenciado pelo idealismo de Hegel (1770 – 1831), temos a marcante característica teleológica, onde este buscou uma perspectiva metafísica para o estudo da natureza, concepção presente em autores de diversos momentos históricos (Copérnico, Kepler, Francis Bacon, Descartes).

Em meados do séc. XIX, a teoria evolucionista do inglês Charles Darwin (1809 – 1882), a partir de suas observações em viagens realizadas a bordo do HMS Beagle, pelos trópicos e pela Ásia (KEYNES, 2004), e do intercâmbio com os trabalhos de Humboldt, culminou em sua obra máxima “*A origem das espécies*” (1859), tornando-se um divisor no pensamento científico em

---

<sup>3</sup> Sublevação popular no norte da Alemanha em reação ao domínio napoleônico, que contou com a adesão de boa parte dos humanistas românticos, desgostosos com esvaziamento do ideal de civilização advindo da Revolução Francesa (SAFRANSKI, 2010)

<sup>4</sup> Conjunto de manifestações populares e revoltas que caracterizaram um movimento a favor da formação de um parlamento nacional que trabalhasse em prol de uma constituição para concretizar a Alemanha unificada (SAFRANSKI, 2010). Além disso, estas manifestações iriam abrir um precedente para reformas sociais e educacionais, que contribuiriam direta e indiretamente à institucionalização da Geografia na segunda metade do séc. XIX.

<sup>5</sup> Termo designado para referir-se à fase econômica e ao “boom” industrial no séc. XIX na Alemanha e Áustria antes da grande depressão de 1873 (SAFRANSKI, 2010)

<sup>6</sup> *Naturphilosophie* (Filosofia da natureza) foi uma corrente da tradição filosófica do Idealismo alemão no séc. XIX, e teve como principais expoentes Fichte, Schelling, Hegel e Goethe. Buscou compreender a natureza em sua totalidade, fundamentando a base para as ciências naturais. Na geografia, seu principal expoente foi o explorador e naturalista Alexandre Von Humboldt (JAPIASSU, 1991; VITTE, 2009).

desenvolvimento, influenciando sobremaneira seus contemporâneos, com destaque para Peschel e Ratzel, que retrabalharam algumas ideias evolucionistas<sup>7</sup> à Geografia.

Ratzel (1844-1904) contribuiu teoricamente para a consolidação da Geografia humana, além de ter participado ativamente de ações em prol da concretização da ciência geográfica enquanto disciplina; sempre vivenciando uma estreita ligação com a unificação alemã e com o imperialismo. Com Peschel (1826-1875), seus ideais de ciência ligaram-se profundamente ao positivismo enquanto filosofia e ao darwinismo enquanto metodologia (VITTE, 2010). Hettner (1858-1941), já no início do séc. XIX, vivenciou a intensa fragmentação e especialização das ciências (CAPEL, 1989), retoma Kant (Neokantismo)<sup>8</sup> (MOREIRA, 2000), e defini métodos em Geografia regional e Geografia geral.

Ratzel vivenciou principalmente a consolidação da Unificação alemã (1871), concretizada, dentre outros aspectos, pela *Volksgeist*<sup>9</sup>. O projeto bismarckiano de unificação demandava uma “[...] ciência normativa da ação, pragmática e afirmativa, isto é, positiva” (MORAES, 1989), e Ratzel, de certa forma, serviu a este fim. Formado na histórica Universidade de Leipzig, na qual teve um papel essencial na sistematização da geografia alemã, Ratzel combateu voluntariamente na guerra franco-prussiana, fundou a *Associação de Munique para a Defesa dos Interesses Alemães no Exterior*, e participou da fundação da Sociedade Colonial, em 1884 (MORAES, 1990; FONSECA; VLACH, 2003).

Foi na segunda metade do século XIX, com o início da sistematização da ciência geográfica nas universidades alemãs, principalmente em Leipzig, com Oscar Peschel, que a teleologia ritteriana foi esvaziada. Os ideais de ciência, em Peschel, estavam fortemente baseados no positivismo enquanto filosofia, e no darwinismo enquanto metodologia (VITTE, 2010). Foi o momento em que o Estado Bismarckiano estava politizando o debate sobre a unificação, e imprimindo um novo papel para a ciência alemã (VITTE, 2010); despolitizada a partir do rompimento da teleologia com sua substituição pela teologia, fato que se intensificou a partir de 1870, com a unificação do território alemão (LENOIR, 2003; VITTE, 2010). Consistiu em um conflito entre os ideais da aristocracia e os da burguesia, que marcou o processo de unificação tardia da Alemanha, datada em 1871. A teologia foi assim utilizada politicamente por Otto Von Bismarck (1815 – 1898), para dar coesão e

---

<sup>7</sup> O termo evolução só vai ser cunhado em 1869, dez anos após a primeira publicação da “Origem das Espécies” (STOODART, 1965)

<sup>8</sup> Neokantismo; movimento de retomada da filosofia kantiana no pensamento alemão do séc. XIX, onde Otto Liebmann (1865) vai propor uma volta a Kant, opondo-se ao pensamento romântico e os grandes sistemas filosóficos, tais quais o positivismo e o idealismo (JAPIASSU, 1991). Na Geografia, o neokantismo, mais especificamente com a Escola de Baden com Windelband e Rickert, vai ser incorporado por Alfred Hettner no início do séc. XX (MOREIRA, 2000).

<sup>9</sup> Espírito do povo. Ideologia Nacionalista.

organicidade ao Estado alemão (MORAES, 1989). Peschel participou diretamente do processo de institucionalização da geografia, fez parte da fundação da cátedra de geografia da Universidade de Leipzig, em 1871, e da formação das escolas geográficas universitárias, onde ministrou atividades também em Leipzig até sua morte (1875), sendo sucedido por Richthofen (1883-86) e Ratzel (1886-1904), (CAPEL, 1981).

No contexto da unificação, a Alemanha possuía um “[...] forte aparato de transmissão de conhecimentos [...] e uma estrutura acadêmica forte e elitizada” (MORAES, 1989, 60). Mas cabe destacar que a estrutura universitária na Alemanha é muito antiga, e a Universidade de Leipzig, na atual região autônoma da Saxônia, por onde estudaram Ratzel e Peschel, está intimamente ligada a este processo. Em meados do séc. XV, os principados germânicos fundaram 12 universidades, formando uma das mais densas redes universitárias da Europa, e neste processo, a Universidade de Leipzig foi fundada, em 1409. E continuou assim até o domínio napoleônico, e após o período de expansão e guerras napoleônicas, e sua conseqüente derrota (1815), a Alemanha encontrou-se “[...] desmembrada e sofrendo a disputa de hegemonia entre Áustria e Prússia” (MORAES, 1989, 39), mas a preocupação com o ensino sempre esteve presente, demonstrando mais força em razão do fervor nacionalista que tomou a nação no séc. XIX.

No início do séc. XIX foi fundada a Universidade de Berlim (1809), e ao mesmo tempo, o número de estudantes do ensino primário e secundário, assim como o número de professores, apresentou um crescimento considerável. Em 1860, a obrigação do ensino já era um costume generalizado por toda a Prússia (CAPEL, 1981); período em que se iniciou a expansão da geografia universitária, sempre ligada à criação de escolas de geografia, ao desenvolvimento econômico e aos objetivos políticos da Unificação. A Alemanha dotou assim, de um suporte institucional dado fundamentalmente pelo Estado (MORAES, 1989; RIBEIRO, 2009). Para Capel (1981), no contexto na unificação o tom romântico e especulativo é claramente substituído pela ciência aplicada:

“Hacia 1860 el desarrollo econômico de Alemanha hizo aparecer también la ciencia aplicada, y el propio desarrollo universitario obliglo a redefinir las funciones de la universidad” (CAPEL, 1981, 96).

Moraes (1989) coloca que a universidade alemã no contexto da unificação apresentava as seguintes características: “[...] eqüidistância formal dos problemas práticos, um grande desenvolvimento das ciências naturais especializadas [...], uma tradição especulativa com grandes traços românticos e abstratos [...] uma ligação umbilical com os detentores do Poder do Estado” (1989, 62). Podemos concluir que com a proposta imperial prussiana, a ciência em desenvolvimento adquiriu um caráter associativo-ideológico, com uma retórica cientificista, objetiva e neutra (MORAES, 1989). E a Geografia institucionalizada iniciou assim sua fase de consolidação, com a criação de disciplinas específicas, laboratórios de pesquisa e revistas especializadas, sempre ligadas aos interesses no Estado alemão (CAPEL, 1989). Para Ribeiro (2009), em 1874:

“Uma decisão governamental aponta para a criação de uma cadeira de geografia em todas as universidades do Estado. O êxito é inegável: em 1890, praticamente todas as universidades alemãs possuem um ensino especializado em Geografia, ao passo que a França tinha cinco cadeiras e a Inglaterra apenas uma. Por essas razões, Leipzig (com Peschel, Richthofen e Ratzel) e Berlim (com Richthofen e Penck) atraem inúmeros estrangeiros” (RIBEIRO, 2009, 23)

Também sobre este aspecto, “[...] no final do séc. XIX existiam na Alemanha trinta e duas cátedras de geografia nas universidades e vinte e dois institutos de pesquisa dedicados a esta disciplina” (MORAES, 1989, 63). Com a estrutura consolidada e superado o problema da unificação, a geografia alemã institucionalizada, com os centros universitários adotando um caráter liberal, tornou-se um ponto estratégico de aproximação das questões práticas com os debates políticos, traço marcante no início do séc. XX, com o desenvolvimento da Geopolítica e o romper da Primeira Guerra Mundial.

Em meados do séc. XIX, a Alemanha, já consciente da necessidade de Unificação, dada dentre outras razões pela conseqüência do domínio napoleônico no aprofundamento da desagregação do território germânico (RIBEIRO, 2009), mas ainda dividida entre o domínio Prussiano e Austríaco, vai tomar os rumos do agressivo estado prussiano. Em 1862, Bismarck, então primeiro ministro, estabelece algumas medidas em prol da unificação: amplia a unidade aduaneira, reforça o

aparelho militar e realiza uma política militar de isolamento da Áustria (MORAES, 1989). Após as guerras contra a Áustria (1866) e a franco-prussiana (1870 – 71), a prussianização funde a nacionalidade (MORAES, 1989) e a Alemanha inicia seu primeiro período enquanto nação unificada. Garantida a Unificação, a Alemanha, a exemplo da França e Inglaterra, inicia o processo de aquisição de colônias na África e na Ásia, aprofundando seu imperialismo até a eclosão da Primeira Guerra Mundial.

No campo metodológico, temos a importante contribuição de Alfred Hettner (1858-1941). Hettner, que foi orientando de Ratzel em Leipzig, vivenciou a geografia alemã em sua dualidade, marca desta ciência no início do século XX, com o desenvolvimento intenso da geografia física (Richthofen, Penck) concomitante à aproximação da geografia com as ciências humanas e o desenvolvimento da geografia política, a partir da *Anthropogeographie*<sup>10</sup> de Ratzel e sendo aprofundada posteriormente com as mudanças em razão da Primeira Guerra Mundial (CAPEL, 1989). Seu contexto também foi marcado pela intensa fragmentação das ciências, assim como a ampla divisão do trabalho fruto da segunda revolução industrial e consolidação da empresa capitalista. (WERLEN, 2000). Foi professor na Universidade de Heidelberg e editor de uma das principais revistas geográficas de seu país, a *Geographische Zeitschrift*<sup>11</sup> (MORAES, 2002).

Hettner retoma Kant (neokantismo) e contribui com definições de alcance e métodos em geografia, combinando dois enfoques distintos, definindo um método para geografia regional e um método para geografia geral (MOREIRA, 2000; WERLEN, 2000). Neste momento, a Geomorfologia e a fisiografia vai ganhar destaque com os trabalhos de Albrecht Penck (1858-1945), sucessor de Richthofen na Universidade de Berlim, maior cargo de geografia da Alemanha; atraindo inúmeros estrangeiros e substanciando novos rumos à geografia alemã. (VALKENBURG, 1960). Com o fim da Primeira Guerra Mundial e das pretensões imperialistas da Alemanha, a Geografia vai seguir o rumo de outras ciências afins, buscando novas referências conceituais e metodológicas que dessem conta que concretizar os anseios e necessidades dos Estados e também das sociedades. Particularmente na Alemanha, a geografia e a geopolítica ainda teria uma importância significativa nos períodos da República de Weimar<sup>12</sup> e principalmente com o Nazismo.

---

<sup>10</sup> Principal obra de Friedrich Ratzel, que trata de quatro assuntos inter-relacionados: “a ação das condições ambientais sobre o homem, a distribuição das sociedades humanas sobre o globo, o estudo da difusão dos povos sobre o espaço e, finalmente, a formação dos territórios”. A *Anthropogeographie* (1882) foi dedicada por Ratzel a Moritz Wagner, em razão de suas contribuições etnográficas (MORAES, 1990).

<sup>11</sup> Uma das mais importantes revistas de geografia da Alemanha no séc. XIX, fundada em 1895 em Leipzig, e a partir de 1963 passa a ser editada em Wiesbaden (CAPEL, 2008)

<sup>12</sup> Período pós Primeira Guerra Mundial, quando foi instalada na Alemanha uma República parlamentarista, conhecida como República de Weimar.

## 2- CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

### 2.1- O PENSAMENTO ALEMÃO NO DECORRER DO SÉCULO XIX: CIÊNCIA, A EDUCAÇÃO E A POLÍTICA

*“A história da educação superior alemã no decurso do séc. XIX esteve intimamente ligada à evolução da burocracia germânica”*

(Ringer, O declínio dos Mandarins Alemães)

*Wo ist Deutschland? (Onde está a Alemanha?)*

*Es lebt in unserm Innern (Esta dentro de nós)*

(Heinrik Steffens, 1773 - 1845)

É fato que em finais do séc. XIX, no período pós-Unificação (1871) a cultura alemã estava dominada por cientistas e pesquisadores, enquanto que no início deste mesmo século a cultura germânica havia sido caracterizada por poetas e filósofos idealistas, românticos, ou seja, a filosofia idealista, no sentido geral da definição, foi esvaziada para dar espaço à ciência pragmática e utilitária, a serviço do recente Estado Alemão Unificado (SAFRANSKY, 2010). Podemos colocar de outra forma, quando Lenoir (2004) trabalha a idéia de que a Alemanha passou por uma reorientação geral da sua ideologia, ou seja, “uma rejeição conjunta ao idealismo filosófico e político e uma adoção do realismo filosófico e do pragmatismo político” (LENOIR, 2004, 35), dadas determinadas circunstâncias políticas, econômicas e sociais. Para buscar uma caracterização e uma contextualização deste período de transição no pensamento alemão, no que se refere à ciência, a educação e a política, é necessário sem sombra de dúvida iniciar uma breve análise do romantismo alemão de finais do séc. XVIII e início do séc. XIX.

Durante o Iluminismo, o conhecimento se dava por meio da observação dos fenômenos com base em leis científicas e postulados positivistas, a maioria deles irrefutáveis, pautados sempre no auxílio lógico-racional. A razão iluminista propicia um mundo perfeito, em tese, justo (SPRINGER, 2009). Mas a sensibilidade deixada de lado vê a sociedade a partir de outro olhar, pois os ideais de

liberdade, igualdade e fraternidade da Revolução Francesa de 1789 não se concretizaram, e o pensamento iluminista e racionalista foi colocado em xeque (SPRINGER, 2009). Além disso, Napoleão Bonaparte no início do séc. XIX tornar-se-ia um tirano frente ao domínio de outros povos, principalmente a ocupação do território da Prússia (SAFRANSKI, 2010); Neste contexto surge o movimento romântico. Para Springer (2009):

“Os antecedentes históricos e culturais do Romantismo fazem parte de um processo complexo do qual participam a evolução da Ciência e da Filosofia, o progresso econômico e social propiciado pela Revolução Industrial ao longo do século XVIII, a ascensão da classe burguesa e o desenvolvimento do modo de produção capitalista e, por fim, a Revolução Francesa, em 1789” (SPRINGER, 2009, 8)

Na Alemanha, apesar de não ser a única nação com pensadores românticos, o ideal romântico ganhou força e forma, pois além do território alemão encontrar-se fragmentado em feudos, ducados e principados (MORAES, 1989) em pleno alvorecer do séc. XIX, a busca pela “identidade cultural e consciência nacionalista” (SPRINGER, 2009) toma conta de grande parte dos intelectuais alemães, principalmente após as guerras napoleônicas e as mudanças políticas internas da Prússia, com o surgimento do chamado romantismo político (SAFRANSKI, 2010), inspirado pelas guerras de libertação. Este emaranhado filosófico e ideológico vai se refletir na educação: algumas universidades alemãs adotavam clara orientação para com o racionalismo prático, como a Universidade de Halle (RINGER, 2000); já outras como Göttingen e Jena, adotaram uma tendência anti-utilitarista e tornaram-se redutos de pensadores românticos e foram palco de encontros de personagens como Schiller, Schelling, Fichte e Hegel (RINGER, 2000). Safranski (2010), em sua obra *Romantismo: uma questão alemã* (2010), faz a seguinte pergunta sobre o romantismo para logo após responder: O que é a vida deles na Alemanha por volta de 1800?

“Em primeiro lugar, é a vida comum de escritores, pessoas pois para quem coisas espirituais não são secundárias, mas sim primárias, e para que o espiritual ainda está ligado ao sacerdócio. Não é surpresa, pois muitos deles vêm de famílias de pastores, ainda que o

Iluminismo tenha esvaziado sua antiga crença. Exatamente por isso eles buscam novas fontes de segredo para proteger a vida comum do desencantamento“ (SAFRANSKI, 2010, 177)

Quando Johann Gottfried Herder, o Rousseau alemão, empreende uma viagem pelo mar da França, em 1769, em busca de novos horizontes e do conhecimento despreocupado do mundo, inicia-se a história do Romantismo (SAFRANSKI, 2010) contrapondo-se aos grandes sistemas filosóficos de Kant, Hegel e Comte. Herder, que neste momento, antagonizava com o amigo Kant em suas reflexões sobre a razão, dando maior valor a intuição e a razão viva, considerando por vezes os pensamentos de Kant como vazios (SAFRANSKI, 2010). O mesmo Herder que posteriormente vai desenvolver obras específicas de Filosofia da História e, junto com a Filosofia da Natureza de Schelling, além de outras produções da época, vai referendar a idéia de identidade da cultura alemã, o temário geográfico dos primeiros sistematizadores, como Humboldt e Ritter, e veicular também a idéia de discussão unitária e integrada do conhecimento (MORAES, 1989). Herder vai presentear o séc. XIX com a idéia de uma história dinâmica, aberta, que se desenvolve por meio de mudanças e rupturas, pautando-se por considerações gerais sobre a humanidade (MORAES, 1990; RINGER, 2000; SAFRANSKI, 2010). Os expoentes da *Sturm und Drang*<sup>13</sup> foram inúmeros, assim como a diversidade de suas idéias: Herder, Goethe, Kaufmann, Novalis, Schlegel, Hölderlin, Schelling, Schiller, Hegel, Fichte; escreveram sobre a Revolução Francesa, sobre a natureza, o homem, a ciência, a política, o futuro da Alemanha, a história; fizeram poesia, mas de certa forma também fizeram ciência e idealizaram um mundo diferente do que estava posto (SAFRANSKI, 2010).

Politicamente, entre a Revolução Francesa e o início do Romantismo, em 1794 a Prússia fragmentada promulgava o Código Geral Prussiano (*Allgemeine Landrecht*), promovendo a idéia de um Estado que caminha entre a emancipação e o conservadorismo (RINGER, 2000; FARINELLI, 2007). O *Allgemeine Landrecht* colocava que “as escolas e as universidades (...) eram instituições do Estado e só podiam ser fundadas com autorização oficial. Era garantido às universidades o direito de solucionar as questões puramente acadêmicas de acordo com os estatutos específicos da corporação; mas o controle a supervisão final da educação superior, assim como seu suporte financeiro, continuam a cargo do Estado” (RINGER, 2000, 37). Tanto que era prática comum no final do séc.

---

<sup>13</sup> Referência ao início do movimento romântico alemão, em finais do séc. XVIII, particularmente no período entre 1760 e 1780, com Gottfried Herder, Hamann, Goethe e Schiller como uma reação ao racionalismo iluminista, contrapondo-o com o culto a poesia, verdade e ao *Kraft-Genie* “Gênio poderoso” (SAFRANKI, 2010)

XVIII que o governo Prussiano interviesse nas condutas de livres pensamentos nas universidades. Ainda assim, a preocupação prussiana com a educação superior vai possibilitar inúmeros avanços no decorrer do séc. XIX. O Código também definiu, entre outros aspectos, as classes sociais: nobres, burguesia e camponeses, todos servidores do Estado. A partir deste momento a divisão de classes na Alemanha vai se dar por meio da profissão e do grau de instrução (RINGER, 2000). Junto a este fato, Wilhelm von Humboldt, irmão de Humboldt, e Friedrich von Schiller haviam colocado o valor da cultura pessoal em evidência (RINGER, 2000), oferecendo subsídios para a formação de uma elite culta na Alemanha.

Havia o pastor protestante, o burocrata e o erudito humanista, todos ligados as universidades e em contato com a filosofia idealista (RINGER, 2000). Desde finais da década de 1770, a Prússia já organizava de maneira centralizada seu aparelho administrativo de ensino superior (MORAES, 1989; RINGER, 2000) e a coroação de algumas reformas na educação se deu com a fundação da nova Universidade de Berlim, em 1810, com Fichte sendo seu primeiro reitor. Berlim vai ser tornar posteriormente o padrão básico de ensino superior por toda a Alemanha, seguindo os anseios da ortodoxia protestante da Alemanha, em contrapartida ao refúgio idealista da Universidade de Jena, reduto dos pensadores românticos.

Nas primeiras décadas do séc. XIX, O território da Alemanha sofreu diversas movimentações políticas e sociais, fruto principalmente da invasão napoleônica (1804) e do fim do Sacro Império Romano Germânico (1806). A Revolução francesa deu asas ao idealismo, segundo observações dos pensadores alemães, principalmente em entusiastas políticos como Hegel e Kant, crentes nas mudanças das instituições políticas e na emancipação do homem (SAFRANSKI, 2010). Quando os anseios de Napoleão tornam-se a “tirania da razão”, o romantismo ganhou ares políticos, pois pairava no ar a idéia de que *Kultur* era alemã, mas *Zivilization* era francesa (ELIAS, 1997; RINGER, 2000).

A revolução francesa colocava o conceito de nação como inevitável para a consciência de massas, e românticos alemães como Novalis e Schiller começam a se perguntar sobre o que significava exatamente “Alemanha” (SAFRANSKI, 2010), já que a Confederação do Reno havia deixado a Alemanha “francesa”. Os romances e poemas alemães do período da invasão napoleônica vão trazer questionamentos sobre o pensamento da nação cultural alemã<sup>14</sup> e seu futuro, pois a

---

<sup>14</sup> *Deutsche Kulturnation*. Conceito de nação cultural proposto por Schiller, que defendia a idéia de que a grande alemã não está no poder político, mas sim na cultura, onde o povo é o grande indivíduo. (SAFRANSKI, 2010). Sobre este assunto, ver “Schiller o la invencion del idealimo aleman” (SAFRANSKI, 2006)

Alemanha não esta mais representada na grande política, mas sua dignidade se mostrava na cultura (SAFRANSKI, 2010). Para Novalis e Schiller, a nação alemã possuía uma visão universalista, e para Fichte o universalismo tornar-se-ia um nacionalismo, pois o povo é o grande individuo.

“A metafísica romântica do infinito se transforma em metafísica da história e da sociedade, dos espíritos populares e da nação; torna-se cada vez mais difícil para o indivíduo resistir ao apelo de nós” (SAFRANSKI, 2010, 165)

Em 1808 a sublevação popular ao Norte da Alemanha contra o domínio napoleônico, sob a perspectiva da libertação dos camponeses, vai ter a participação ativa dos pensadores românticos no esclarecimento da falsa propaganda napoleônica, e foi muito comemorada com o fim do domínio em 1815, ano em que acontece o Congresso de Viena. Dada uma Alemanha fragmentada e aristocrática, as manifestações camponesas abriram um precedente para que os mesmos românticos idealizassem uma ideia de identidade alemã.

Neste período, a razão vai ao encontro do pensamento utilitário burguês, que surge com força.

“As ciências naturais ligadas ao empirismo e a técnica ainda estavam no começo, mas seu princípio começou a se revelar na forma da idéia de que havia um mecanismo básico na natureza que se podia reconhecer e, mais importante ainda, usar para fins determinados” (SAFRANSKI, 2010, 178)

Assim, o iluminismo prático foi experimentado como princípio da utilidade econômica, incorporado de forma intensa pela burguesia crescente. Esta visão iluminista, impregnada pelo positivismo de Descartes, Bacon e Newton, vai buscar explicações abrangentes de mundo, compreendendo empiricamente todos os fenômenos do real (SPRINGER, 2009). Da pluralidade do lugar a igualdade, ao tédio, assim os românticos denominavam estas mudanças. O que os românticos da época vão denominar de iluminismo ruim (SAFRANSKI, 2010). É o momento da formação da Universidade de Berlim, em 1810, como parte da recuperação da Prússia com o choque do conflito

com os Franceses (SMITH, 1991), e surge enquanto espaço de manifestação e aplicação dos princípios utilitaristas e também institucionalização de conhecimentos em disciplinas científicas, pautado pela forma de seminário (SMITH, 1991; FARINELLI, 2007).

Ritter e Humboldt foram dois grandes personagens deste momento histórico, que presenciaram o redirecionamento da ideologia alemã e precederam a institucionalização das ciências, tanto que são caracterizados como sistematizadores do conhecimento geográfico. Cada qual a sua maneira, vivenciaram o ar do romantismo e os novos ventos do conhecimento aplicado, criando assim belas obras muito peculiares e de suma importância para o que viria a seguir em termos de construção, sistematização e institucionalização do conhecimento geográfico, na segunda metade do séc. XIX.

Safranski (2010) coloca que a grande época do romantismo terminou nos anos 1820 (2010, 211). Hegel (1770 - 1831) reviu seu começo romântico ordenando seu pensamento, além de criticar o subjetivismo romântico. Seu papel no esvaziamento do romantismo é crucial, tanto que o então ministro da Educação prussiano Alstenstein, político liberal, estreitou laços com o filósofo que colocava a história como o verdadeiro tribunal do mundo<sup>15</sup> (SAFRANSKI, 2010). No início do séc. XIX, politicamente a Alemanha estava dividida entre duas correntes: idealista-liberal e conservadora-nacionalista (ELIAS, 1997), e uma classe média emergente e diversificada que não concordava com a militarização, mas queria a unificação. A sociedade do espírito agora é a sociedade que trabalha, que é utilitarista e utilitária ao Estado em consolidação. Hegel é eleito reitor da Universidade de Berlim em 1839, e tem plenos poderes de controle (SAFRANSKI, 2010); por volta de 1850, após as guerras internas de 1848-49, a ciência alemã inicia seu momento de especialização (HOLBORN, 1982; RINGER, 2000), baseada na ideologia alemã nacionalista e positivista.

As guerras internas de 1848, que reivindicavam a constituição de um parlamento que trabalhasse em prol da Unificação vão gerar também reivindicações no campo da educação e da ciência. De melhores condições de trabalho até auto-gestões acadêmicas e mudanças nos currículos das disciplinas, estas propostas vão influenciar o anúncio da reforma geral do sistema educacional, assim como previsto da Constituição Prussiana de 1850 (RINGER, 2000), e que não saiu do papel. Intelectualmente, estas reivindicações não eram homogêneas. Na verdade, pairava sobre o sistema educacional alemão um conflito difícil de definir, entre o classicismo romântico e o modernismo

---

<sup>15</sup> SAFRANSKI, 2010, 214.

liberal e prático (RINGER, 2000), conflito que seria resolvido pelo Estado nos moldes da sua unificação, da penetração do capitalismo e de suas transformações internas, pois de 1815 a 1870, as transformações políticas, econômicas, sociais e culturais na Alemanha se deram de forma intensa, autoritária e elitizada. Ribeiro (2009) trabalha a idéia de que “Neste período, o Congresso de Viena, A Confederação Germânica, As Revoluções de 1848, a União aduaneira de 1834 (*Zollverein*), a liderança da Prússia, a ascensão de Bismarck em 1862 e suas guerras de 1864 e 1866 contra Dinamarca e Áustria expressarão, cada qual a sua maneira, as contradições e particularidades do processo de formação do Estado”

Os anos iniciais da década 1860 serão marcados pela especialização das ciências (HOLBORN, 1982; LENOIR, 2004). A ciência terá um papel crucial na modernização e unificação da Alemanha, substanciada por uma ideologia política liberal e progressista articulada por acadêmicos, filósofos e alguns burocratas cultos (LENOIR, 2003) desde as primeiras décadas do séc. XIX. Neste momento, havia uma hierarquização das universidades alemãs, que eram determinadas na maioria das vezes pela reputação de seus professores e pela dimensão do apoio estatal, como foi o caso da Universidade de Berlim (SMITH, 1993). A qualidade e dimensão das estruturas universitárias da Prússia também vão alimentar a o desenvolvimento da Alemanha nesta relação umbilical entre ciência - aparato institucional - política (RIBEIRO, 2009), ligando-se a este aspecto a formulação da *Wissenschaftspolitik*<sup>16</sup>, que vai propiciar uma sustentação as linhas de pesquisas especializadas (LENOIR, 2003).

Com estruturas antigas consolidadas foi possível “adaptar estruturas que tinham sido alimentadas dentro do sistema acadêmico alemão desde o final dos anos 1830, particularmente nas universidades prussianas. Os elementos-chave desse sistema eram o imperativo da pesquisa, o apoio à ciência pura por ela mesma, independente de sua aplicação prática, e a intensa competição dentro das universidades alemãs descentralizadas” (LENOIR, 2004). Para muitos pesquisadores do tema, como Valkenburg (1960), Holborn (1982) e Smith (1991), os anos que se sucederam as revoltas de 1848-49 serão cruciais a institucionalização da Geografia e a modernização e unificação da Alemanha, assim como de suas pretensões imperialistas.

---

<sup>16</sup> *Wissenschaftspolitik*: Política da Ciência, surgida no momento da unificação como uma subárea da política, e que posteriormente consolidada, vai implementar diretrizes em questões de financiamento e estabelecimento de universidades e institutos de pesquisa (LENOIR, 2003).

### 3 – UNIFICAÇÃO TERRITORIAL: GEOGRAFIA E IMPERIALISMO

“O conceito de nação exige que todos os seus membros devem formar-se como se fossem apenas um único indivíduo”

(*Friedrich Schlegel*)

A Alemanha da segunda metade do séc. XIX, principalmente após as guerras-internas de 1848-49, vai passar por transformações econômicas, políticas, culturais e sociais, consolidando-se como uma grande potência européia no início do séc. XX. Desenvolvimento industrial, liberalismo econômico, avanços científicos, intensa urbanização, unificação de seus estados, a própria identidade cultural e lingüística que foi construída a partir da idéia de nação são elementos que serão explorados no sentido de apresentar um panorama consistente do que foi o processo de Unificação da Alemanha, e sua importância na consolidação de uma Geografia institucionalizada, influenciada diretamente pelo Estado, sob diversas formas.

Otto Von Bismarck (1815 – 1898) foi o grande mentor da Unificação dos estados alemães, em 1871. Bismarck surge na política prussiana no ano de 1862, por indicação do Rei da Prússia Guilherme I, que se sentia incapacitado de concretizar negociações políticas e econômicas, principalmente em questões com a rival Áustria. Filho de uma influente família aristocrática e prussiano defensor dos *Junkers*<sup>17</sup>, (HOLBORN, 1982; CAMPOS, 2001) Bismarck, agora primeiro ministro e adepto da *realpolitik*<sup>18</sup>, vai ser o grande articulador político da Unificação alemã.

Nas primeiras décadas após a revoltas populares de 1848-49, a Alemanha encontrava-se travada politicamente, e os liberais derrotados perceberam que um Estado nacional unificado seria viável na consolidação de um projeto liberal (HOLBORN, 1982). Assim, apesar de não haver consenso entre liberais e conservadores a respeito de um Estado unificado, as estratégias políticas e os sucessos de Bismarck em 1866-67<sup>19</sup> e 1870-71<sup>20</sup>, as “guerras rápidas” segundo Hobsbawm

---

<sup>17</sup> *Junkers*: historicamente grandes proprietários de terras e aristocratas, que no momento da unificação vão adquirir uma “supremacia político-intelectual”, com poder econômico sobre a terra e monopólio das funções diretivo-administrativas da sociedade política (MORAES, 1989). Bismarck, neste sentido, não fugiu a regra.

<sup>18</sup> *Realpolitik*: Realismo político, refere-se a uma forma de política ou diplomacia que baseia-se em considerações práticas, com o objetivo de equilibrar determinadas relações de poder. Bismarck foi adepto da Realpolitik, manipulando questões políticas e econômicas no processo de Unificação alemã. (KISSINGER, 1999)

<sup>19</sup> Guerra Austro-prussiana.

<sup>20</sup> Guerra Franco-prussiana.

(MORAES, 1989), ganharam o aval e um determinado “jubilo geral” (HOLBORN, 1982) da maioria dos segmentos sociais alemães em seu projeto de unificação, e caracterizando-se pela ampliação da unidade aduaneira, reforço do aparelho militar e realização de uma política diplomática de isolamento da Áustria (MORAES, 1989). Na economia fazia-se sentir os resultados do *Zollverein*, pois em diversas regiões surgiam distritos industriais e numerosos centros urbanos, ligado ao crescimento de diversos setores industriais de base, a extensão da malha ferroviária e uma política protecionista que estimulou a industrialização (HOLBORN, 1982; CAMPOS, 2001). Politicamente equilibrada e com uma economia poderosa, a Alemanha define seu processo de unificação em 1871. Este processo compreendeu territorialmente a unificação da Confederação da Alemanha do Norte, sendo os estados alemães independentes situados ao norte, e os quatro estados alemães do sul: Baviera, Baden, Hesse e Württemberg (MORAES, 1989; BINIMELLIS, 2006).

A exaltação do espírito nacionalista, uma economia extremamente forte, uma *wissenschaftspolitik* eficiente, a integração de diversos campos sociais e um consenso político objetivado para a unidade foram as peças-chave do projeto bismarckiano de unificação, e o processo civilizador (ELIAS, 1997) levado a cabo por Bismarck buscou um equilíbrio e um dimensionamento ideal, nem sempre concordante, de todos estes elementos, dada as regras da civilização (ELIAS, 1997), com a ascensão da camada social denominada de *satisfaktionfähige Gesellschaft*<sup>21</sup> (NOBRE, 2009). Esta passagem de Norbert Elias (1997) ilustra bem a relação entre integração territorial e padronização dos valores em um código burguês-liberal que caracterizou a Alemanha no momento pós-unificação:

“A unificação política dos Estados alemães, a elevação do rei da Prússia a imperador (Kaiser) da Alemanha, e a promoção de Berlim, a capital da Prússia, a capital do Kaiserreich, certamente não realizaram de uma só vez a integração de muitas “boas sociedades” locais e regionais e a padronização de seu código de conduta e sentimento. Mas criaram uma estrutura institucional para a sua

---

<sup>21</sup> “uma expressão de que é impossível dar uma tradução direta, mas que significa uma sociedade gravitando em torno de um código de honra em que duelar, e exigir, e dar ‘satisfação’ ocupavam um lugar de arrogante destaque” (ELIAS, 1997), caracterizando uma burguesia ligada às universidades, aos anseios do estado militarizado e a administração pública (NOBRE, 2009).

integração; e deram forte impulso à formação de uma classe alta alemã mais uniforme” (ELIAS, 1997, 61).

Para alguns estudiosos, como Hudson (1972), a Guerra franco-prussiana, que focalizou o território enquanto elemento de conflito (RIBEIRO, 2009), foi o grande momento de interesse pela geografia, pois foi uma guerra vencida pelas armas e pelos mapas (HUDSON, 1972), que pode ser melhor compreendido na observação do Presidente da *American Geographical Society* (1864-1899), Charles P. Daly, de que a vitória da Alemanha deveu-se a “*hábeis movimentos militares realizados por um exército completamente familiarizado com todas as características geográficas do país em que foi movido*” (KELTIE apud HUDSON, 1885a, 473-74). Entre os oficiais da Prússia em 1870 encontravam-se ex-alunos de Karl Ritter, que ensinou na Escola Militar e na Universidade de Berlim (HUDSON, 1972; MORAES, 1989), e todo esse conhecimento geográfico vai ser levado em conta quando em 1874 é definido que todas as universidades de todos os estados alemães deveriam ter uma cadeira de Geografia. A Geografia, que já vinha obtendo destaque no ensino primário, secundário e na formação de professores desde a década de 60, partindo de uma política de popularização da ciência (RIBEIRO, 2009) adentra agora nos meios e nas organizações das Universidades, outro elemento intrínseco a institucionalização.

Um importante desdobramento da questão territorial no momento unificação e pós-unificação alemã será o conflito político e também no campo das ciências, com a França, mais fortemente, e com a Inglaterra. Os militarismos destas nações competiam na mesma medida do desenvolvimento científico e da Geografia. Em 1895 Mackinder, em discurso à Associação Britânica demonstraria a situação desfavorável da Geografia Britânica frente à Alemã, que refletia também na diferença de poderio econômico e militar entre os dois países (LIVINGSTONE, 1993). Em relação a França, a questão seria mais séria, principalmente em razão de um histórico de conflitos territoriais e culturais entre os países desde Napoleão. A centralização do Estado, a guerra franco-prussiana e o Imperialismo (RIBEIRO, 2009) estimularam e aprofundaram o desenvolvimento da ciência geográfica em torno dos debates sobre as questões territoriais, forte na Alemanha com Ratzel, e também de suma importância entre os geógrafos franceses, principalmente com Vidal de La Blache.<sup>22</sup>

---

<sup>22</sup> Esta disputa entre Alemanha e França no que compete às questões territoriais e políticas, e mesmo o domínio da ciência é muito clara, mais importante ressaltar que esta disputa também estimulou um alto grau de cientificidade e um rico intercâmbio principalmente entre Friedrich Ratzel e Vidal De La Blache. Neste sentido, dois artigos merecem

Podemos verificar a partir destes acontecimentos que a Geografia, ainda em processo de institucionalização, constituiu-se em um conhecimento útil e necessário aos anseios de uma Alemanha que buscava sua unificação e sua consolidação territorial, e justamente por isso o conhecimento geográfico obteve destaque por parte do governo prussiano. Além dos objetivos expansionistas do Estado alemão unificado, uma das grandes preocupações dos geógrafos europeus na época era a influência do ambiente físico na cultura e na civilização, momento em que se insere os trabalhos de Ratzel e também as viagens de Richthofen, enviado pelo governo em missões comerciais e de mapeamento na Ásia e América (HUDSON, 1972).

Com a Alemanha unificada, o imperialismo alemão começa a tornar-se realidade, e a consolidação de uma geografia institucionalizada vai caminhar junto aos anseios do governo alemão, na afirmação do *habitus* nacional (NOBRE, 2009), a nação que era para os humanistas alemães simplesmente *povo*, agora terá a idéia de *ideologia* (HOBSBAWN, 2003) e às Universidades é dado o espaço privilegiado na construção da poderosa nação alemã de finais do séc. XIX e início do séc. XX.

O II Reich Alemão é o grande momento do imperialismo, já que externamente a Alemanha não havia participado da partilha colonial e justamente por isso não possuía um Império colonial, como as demais potências européias (MORAES, 1989). Assim a fase imperialista, expressa na política internacional de lutas por zonas de fronteiras, produzirá modificações na realidade do mundo, e conseqüentemente, do conhecimento geográfico (CAMPOS, 2001); que pode ser analisado a partir da criação de sociedades coloniais, sociedades geográficas, cátedras de geografia e revistas especializadas; todos estes elementos que circunscrevem a institucionalização da geografia enquanto uma ciência especializada e dotada de estrutura curricular.

A fundação da Sociedade Colonial Alemã (1882) e a realização da Conferência Colonial em Berlim, no ano de 1885, que fixa as normas de partilha da África (MORAES, 1989) são alguns exemplos da incisiva política imperialista da Alemanha, que obteve uma dimensão mais global e fora da Europa principalmente a partir do desligamento de Bismarck do governo (MORAES, 1989). Para se ter uma idéia clara da dimensão do imperialismo, no início do séc. XIX, os Europeus tinham

---

destaque: *La Géographie Politique a propos des écrits de M. Frédéric Ratzel* (La Blache, *Annales de Géographie*, n. 32, ano 7, 1898) e *La Géographie française face à la science allemande: 1870 - 1914* (Numa Broc, *Annales de Géographie*, 86, n. 473, 1977)

o controle de 35% das superfícies emersas do planeta. Cem anos mais tarde, em 1914, a proporção atinge 84%<sup>23</sup> (GODOC apud FILHO, 1999).

É fato que as sociedades geográficas surgem no século XIX principalmente nos países imperialistas, como Alemanha, França e Inglaterra que, com o apoio do Estado e de empresas, financiam expedições à Ásia, África e também América. Para se ter uma idéia da importância das sociedades, a primeira sociedade geográfica fundada foi a de Paris (1821), seguida de Berlim (1828) e Londres (1830). Entre os anos de 1820 a 1859, foram fundadas 14 sociedades; entre 1860 - 69, 06 sociedades; entre 1870 - 79, 34 sociedades e entre 1880 -89, 28 sociedades (FERREIRA, SIMÕES, 1986). Percebemos que as criações das sociedades geográficas seguem o ritmo das políticas expansionistas dos estados europeus (CAPEL, 1977), principalmente a partir da década de 60. Em 1876, a Conferência Internacional de Geografia, em Bruxelas, convocada pelo rei belga Leopoldo II (1835 - 1909), define os procedimentos e os objetivos na partilha da África (CAMPOS, 2001); e logo em seguida, em 1877, é criada a Associação Internacional Africana (AIA), composta por 18 comissões Nacionais, hegemonicamente européia, além dos EUA (CAMPOS, 2001). Buscando regulamentar a apropriação do continente africano no desenvolvimento do comércio e da civilização africanas, ocorre em 1884/85 a Conferência Internacional em Berlim, presidida ainda pelo então primeiro-ministro alemão Otto Von Bismarck.

Estes dados apresentados acima demonstram a importância da Geografia para os Estados nacionais em expansão. As sociedades geográficas, no entanto, tinham um papel muito importante internamente, na medida em que contribuíram para o reconhecimento de um status universitário à ciência geográfica (CAPEL, 1977), além da criação de estações meteorológicas, observações astronômicas e estudos geográficos em diversas partes do globo (CAPEL, 1977), assim como a realização de conferências, palestras e cursos sobre os resultados das explorações. Neste sentido as sociedades geográficas, substanciadas pelos objetivos expansionistas das suas respectivas nações de origem, tiveram um papel essencial na institucionalização da Geografia e no crescimento da comunidade de geógrafos.

---

<sup>23</sup> Estes dados foram apresentados na edição comemorativa de “1.000 anos da Ciência”, do periódico francês *Les Cahiers de Science et Vie*, em 1999 (FILHO, 2008)

#### 4- INFLUÊNCIAS POSITIVISTAS E DARWINISTAS

*“Numa altura em que muitas ciências estão reexaminando o impacto do pensamento biológico e em particular dos escritos de Charles Darwin, em seus métodos e fundamentos teóricos, os geógrafos têm estado estranhamente silenciosos, e o centenário de Darwin em círculos geográficos passou quase despercebido”*

(Stoddart, 1965, 684)

O pensamento positivista, assim como o Darwinismo, foram os dois grandes nortes balizadores para o desenvolvimento e institucionalização da Geografia no séc. XIX e início do séc. XX. Enquanto que o positivismo vai se caracterizar com um dos principais pilares filosóficos para a ciência geográfica, o darwinismo será interpretado e incorporado enquanto método, possibilitando o recrudescimento metodológico necessário a ciência geográfica nos moldes de sua institucionalização (STODDART, 1965; CLAVAL, 1974; CAPEL, 1981; MORAES, 1989; VITTE, 2009: 2010).

O positivismo pode ser entendido como um sistema filosófico complexo formulado por Auguste Comte (1798 – 1857), mas também pode designar algumas doutrinas filosóficas do séc. XIX (Stuart Mill, Spencer, Mach e outros), (JAPIASSU, 1991). Para Comte, a ciência seria “[...] o produto das nossas necessidades. Nesse sentido, a ciência seria o produto do bom senso, da sabedoria universal. É dessa sabedoria universal de caráter prático que derivou o método positivista. No método positivista, só os fatos são fundamentais” (BRAY, 2000). Em Comte, as ciências se ordenariam hierarquicamente, onde cada uma, tomando por base a anterior, atingiria um nível mais elevado de complexidade, caracterizando assim uma especialização. Para exemplificar, na Geografia, a partir das contribuições da Escola de Baden<sup>24</sup>; culminou na dicotomia convencionalizada até os dias atuais, entre Geografia Humana e Geografia Física (ARANTES, 2009)

O positivismo é uma forma de ver o mundo, de construir a ciência e a sociedade, e caracteriza-se genericamente pela “valorização de um método empirista e quantitativo, pela defesa da experiência sensível como fonte principal do conhecimento, pela hostilidade em relação ao

---

<sup>24</sup> Escola de Baden (1870-1920), ramificação do neokantismo de orientação axiológica, isto é, orientada no sentido de uma teoria dos valores, interessado, sobretudo pelas ciências da cultura e pela história, abdicando das influências românticas e dos grandes sistemas filosóficos (JAPIASSU, 1991).

idealismo, e pela consideração das ciências empírico-formais como paradigma de cientificidade e modelos para as demais ciências” (JAPIASSU, 1991, 198); além de fundamentar a explicação das relações sociais a partir de uma concepção organicista. O período que caracterizou o pensamento positivista na fundamentação filosófica da geografia pode ser delimitado a partir da metade do século XIX e em sentido mais específico, pela passagem do séc. XIX para o século XX, momento da história recente marcado pelo desenvolvimento material das sociedades, dado pelo imperialismo concorrencial, (HOBSBAWM, 1982) onde a afirmação nacional por meio de um Estado forte era considerada essencial naquele momento, fato esse aliado a formulação de novos postulados científicos e filosóficos, justificariam a conquista e o domínio sobre novos territórios. É também o momento em que a antropologia física, associada ao darwinismo enquanto método auxiliará na construção de uma concepção simbólica em que a distribuição geográfica das raças e sua sobrevivência dependiam da capacidade de dominar o meio, o ambiente onde elas construam o seu território.

A forma sucinta com que demonstrei a influência do positivismo deve-se ao fato desta concepção filosófica, assim como suas ramificações; estarem bem diluídas, convencionadas, consolidadas e conhecidas em todo o conhecimento geográfico que se desenvolveu desde a institucionalização da Geografia em finais do séc. XIX até os dias atuais, deixando poucas margens para debates mais aprofundados ou mesmo pontos de atrito a serem discutidos. Em contrapartida, as influências e contribuições do darwinismo a ciência geográfica serão exploradas de forma mais aprofundada por constituir-se em um conhecimento ainda pouco estudado pela Geografia, que caminha contra a maré neste sentido, já que grande parte das ciências ao longo das últimas décadas voltaram a reexaminar os impactos do pensamento biológico, em particular de Darwin (STODDART, 1965). Além disso, enquanto que o positivismo, podemos assim dizer, teve o mesmo impacto para as diversas ciências que se constituíram ao longo do séc. XIX, o darwinismo certamente terá uma influência muito mais diversificada, em particular para o caso da Geografia.

O Darwinismo contribuiu diretamente na construção da ciência geográfica, enraizado e substanciado no debate marcante de finais do séc. XVIII e início do séc. XIX, com o romantismo, com a teologia da Natureza, a *Naturphilosophie* e naturalmente a concepção de organismo (VITTE, 2009). A teoria evolucionista do inglês Charles Darwin (1809 – 1882), a partir de suas observações

em viagens realizadas a bordo do HMS Beagle<sup>25</sup> e do intercâmbio com os trabalhos de Humboldt, culminou em sua obra máxima “A origem das espécies” (1859), que demonstrou “[...] o papel do meio enquanto motor da evolução, que ocorria a partir de uma luta constante entre os organismos, sendo esse o motor da vida” (VITTE, 2009) para uma Inglaterra em um momento em que a intelectualidade discute e investiga os vestígios da criação (VITTE, 2009). O geógrafo e explorador alemão Moritz Wagner (1813 – 1887), foi um importante divulgador do darwinismo na Alemanha, e grande amigo de Friedrich Ratzel, apresentou importantes contribuições sobre questões de espaço e território, ao discutir as problemáticas das migrações.

Outros autores, não menos importantes, também contribuíram para a interpretação e divulgação do darwinismo no pensamento científico moderno, como o filósofo Herbert Spencer (1820-1903), profundo admirador de Darwin e considerado o “pai” do darwinismo social. Suas idéias, baseadas em postulações neolamarckistas, sugeriram a justificação da divisão da sociedade em classes e do imperialismo europeu, bastante conveniente para a época. Em outro aspecto, temos a filosofia monista do biólogo alemão Ernst Haeckel (1834-1919), que estudou em Leipzig e foi professor de Ratzel, onde este contribuiu, em seus estudos de biologia influenciados pelo darwinismo, no desenvolvimento de uma teoria biológica do conhecimento, “[...] fundamentando-se em um ponto de vista monista, causal e teleológico [...]” (VITTE, 2009), pressupondo “[...] a unidade da natureza e a unidade da ciência” (FREZZATTI, 2003, 443), caracterizando assim o princípio monista; e permitindo aplicações de métodos científicos como “[...] experiência e empirismo e a reflexão e especulação” (FREZZATTI, 2003, 443).

Para Stoddart (1965) o darwinismo era muito mais que a idéia de evolução: “but concerned a mechanism whereby random variations in plants and animals could be selectiely preserved, and by inheritance lead to changes at the species level” (STODDART, 1965, 683), ou seja, correspondia na verdade a um mecanismo complexo e dinâmico de seletividade, hereditariedade e alterações em plantas e animais. É na Geografia que o darwinismo vai ser interpretado enquanto evolução, entendido como “continuous process of change in a temporal perspective long enough to produce a series of transformations” (STODDART, 1965, 684). A idéia de evolução cunhada no momento da

---

<sup>25</sup> Navio da marinha real britânica. O biólogo Charles Darwin foi contratado para viajar o mundo a bordo deste navio. Os relatos dessa viagem podem ser encontrados em um de seus outros livros: “The Voyage of the Beagle”, A viagem de Beagle. Sobre esta viagem ver “Aventuras e descobertas a bordo do Beagle” (KEYNES, 2004)

unificação territorial alemã, aliada ao positivismo nas ciências, demonstra que a teoria da evolução seria grandiosa e marcante na medida em que ultrapassasse os limites da própria biologia:

A teoria da evolução pela seleção natural ia bem mais longe dos limites da biologia, e nisto reside sua importância. Ela ratificava o triunfo da história sobre todas as ciências, embora "história" neste sentido fosse normalmente confundida pelos da época com "progresso". Além disso, ao trazer o próprio homem para dentro do esquema da evolução biológica, abolia a linha divisória entre ciências naturais, humanas ou sociais. Portanto, todo o cosmos, ou pelo menos todo o sistema solar precisavam ser concebidos como um processo de mudança histórica constante (HOBSBAWM, 2009, 264)

Percebemos assim que o darwinismo realmente triunfou na “(...) confiante atmosfera liberal da Alemanha na década da unificação” (HOBSBAWM, 2009, 265). Com o avanço do evolucionismo, a consolidação da burguesia liberal e progressista (RINGER, 2000; HOBSBAWM, 2009) e principalmente ausência de revoluções; a Alemanha buscava a partir deste momento seu desenvolvimento industrial e científico necessário a plena realização de um Império. E essa gama de processos de mudanças em perspectivas temporais, aliado a um historicismo positivista em plena expansão nas ciências naturais e humanas da segunda metade do séc. XIX, vai balizar em certa escala a institucionalização da geografia nos moldes do estado alemão unificado.

É com a institucionalização da Geografia enquanto disciplina científica nas universidades, principalmente a partir de 1870, que o darwinismo vai se consolidar, apresentando-se enquanto uma grande síntese explicativa da realidade, articulando o conhecimento científico das diversas ciências (CAPEL, 2008; VITTE, 2009). Na própria Geografia o darwinismo apresentará formas particulares de interpretação, iniciando-se com o debate metodológico intenso a partir das críticas a teleologia de Ritter, com Julius Fröbel e Oscar Peschel (LIVINGSTONE, 1993; CAPEL, 2008; VITTE, 2009); também Moritz Wagner, depois com Ratzel na Geografia Humana e Richthofen e Davis na Geografia física e Geomorfologia (LIVINGSTONE, 1993; CAPEL, 2008; VITTE, 2009).

Semeada desde as primeiras décadas do século XIX, a partir do diálogo e das viagens de Alexander von Humboldt e Charles Darwin, no momento de reorientação da ideologia alemã, mas ainda marcada pelo romantismo; a teoria da evolução foi inegavelmente a imagem biológica do século, servindo de parâmetro para praticamente todo o conjunto de teorias científicas, que naturais ou sociais, humanas ou físicas, seriam direcionadas com base em um historicismo positivista. Aspectos particulares do darwinismo serão explorados nos próximos capítulos, como parte integrante e indissociável das análises das contribuições e práticas de Peschel, Ratzel e Alfred Hettner a institucionalização da Geografia na Alemanha, pois cada um destes autores vivenciaram etapas e contribuíram de forma diferente para a inserção do darwinismo na academia alemã

## **5- EXPOENTES DA INSTITUCIONALIZAÇÃO DA GEOGRAFIA PÓS-UNIFICAÇÃO TERRITORIAL: PESCHEL, RATZEL E HETTNER**

### **5.1- OSCAR PESCHEL (1826 – 1875): AS RAÇAS DO HOMEM E SUA DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA**

Oscar Ferdinand Peschel (1826 – 1875) nasceu em Dresden, filho de um diretor e professor local luterano. Estudou Direito e História entre 1845 e 1848, nas universidades de Leipzig e Heidelberg. Em 1848, qualificou tese em Jena sobre o conceito de Tragédia no Teatro moderno, criticando a poética de Aristóteles. Esta primeira obra, apresentada no ano das revoltas civis que Peschel vivenciou, apresenta um trabalho envolto em preocupação estética e humanista, sem nenhuma reflexão geográfica. Peschel trabalhou na equipe editorial do *Allgemeine Zeitung*, e entre 1854 e 1871, foi editor da revista *Ausland*, “Negócios estrangeiros”, adquirindo experiência e conhecimento no ramo de negócios e explorações, podendo assim empreender algumas viagens que futuramente forneceriam novo ponto de vista da evolução das ciências, a partir do contato com outras ideias e pensadores, fruto de sua qualidade e competência enquanto editor. Em 1871, tornou-se professor titular da recém criada cadeira de Geografia da Universidade de Leipzig (SAUER, 1935; CAPEL; 1981; DUNBAR, 2001), a quarta mais antiga cadeira de Geografia da Alemanha, depois de Berlim, Göttingen e Bonn. Participou de diversas associações científicas, dentre elas, foi membro titular da Sociedade Real de Ciências de Leipzig, e membro da Academia Real de Ciências da Baviera, em Munique.

Peschel foi um publicitário brilhante, e possuía uma aguda visão dos os problemas econômicos e políticos, apresentando uma visão liberal dos processos históricos que teve oportunidade de vivenciar. Envolvido com os grandes acontecimentos históricos de sua época, a industrialização, as guerras civis, as movimentações políticas, Peschel, que já havia praticado profundas reflexões relacionadas à geografia, vai renunciar à “Ausland”, no ano da Unificação Alemã, e vai aprofundar-se nos estudos geográficos, tornando-se professor de Geografia da Universidade de Leipzig, também em 1871<sup>26</sup>. (SAUER, 1935).

---

<sup>26</sup> Oscar Peschel foi o primeiro professor a ocupar a cátedra de Geografia na Universidade de Leipzig, agora parte da Alemanha Unificada. Este fato tem razões históricas e políticas. Sabe-se que Leipzig localiza-se na região da Saxônia, que no momento da unificação alemã era um reino independente que apoiava a Áustria. Com a vitória da Prússia, a Saxônia alia-se ao novo império.

Peschel vivenciou o vazio da geografia que sucedeu a morte de Humboldt e Ritter, em 1859, em um contexto de esvaziamento do romantismo e do idealismo, e difusão do positivismo (CAPEL, 2008). Mas também pode observar o estrondo causado no meio científico pela “Teoria da Evolução das Espécies”, de Charles Darwin, onde a primeira publicação também data de 1859, e foi notificada em quase todos os jornais alemães (HELLWALD, 1876). Peschel captou muito bem o sentido da explosão da “Origem de espécies”, ao elogiar completamente a nova teoria, mas ressaltar que ambas a validade ou refutação das mesmas seriam válidas, pois poderiam ser explicadas desde milhões de anos atrás (HELLWALD, 1876).

Depois de *Erdkünde e Cosmos*<sup>27</sup>, pouca coisa havia sido criada em termos de conhecimento geográfico (CAPEL 1981), e Peschel foi favorecido por este momento, delineando novos pensamentos, ocupando cargos importantes e tecendo críticas, principalmente a Ritter. Interessante destacar que o próprio sucessor de Ritter na cátedra de Berlim, o cartógrafo Heinrich Kiepert (1818 – 1899), também já demonstrava preocupações mais práticas do que teóricas (CAPEL, 1891), fruto deste novo momento histórico em construção. Peschel, assim como Ratzel e Hettner, contribuiu de forma significativa para o processo de institucionalização da Geografia na Alemanha (DUNBAR, 2001; WARDENGA, 2006; CAPEL, 2008), e é considerado o principal sucessor de Karl Ritter (1779 – 1859), e também seu principal crítico.

Na visão de Peschel, “*Si étrange que cela paraisse, Ritter n’a résolu aucun problème de géographie comparée...*” (MEHENDITI, 1901, 2), argumentação que surpreendeu boa parte dos pensadores da época, que consideravam Ritter um grande mestre. Enquanto que para Ritter, a geografia comparada era exercida como um tópico de comparação entre os continentes, para Peschel, o sentido de um método comparativo na geografia seria uma análise em termos de uma “*morphologie Comparée*” (MEHENDITI, 1901, 2). Ambos expoentes da chamada Geografia Comparada, mas em contextos diferenciados, Peschel vai polemizar com Ritter em razão de sua orientação filosófico-histórica e divina, e vai introduzir o ponto de vista morfológico (SAUER, 1935; VITTE, 2010). Seu pensamento vai colocá-lo como um dos principais precursores da Geomorfologia, assim como Ferdinand von Richthofen, também outro pensador ligado ao meio científico de Leipzig, que iria sancionar os postulados de Peschel na publicação da obra “*Führer für Forschungsreisende*”<sup>28</sup>, em 1886 (MARINELLI, 1922).

---

<sup>27</sup> Respectivamente, as obras mais conhecidas de Karl Ritter e Alexander von Humboldt.

<sup>28</sup> Guia para Exploradores.

Peschel participou do jogo editorial e das negociações em torno de expedições, publicações e financiamentos, característica de um momento em que a ciência aplicava-se, buscando expandir seus horizontes intercontinentais e analisando assuntos políticos e econômicos, por exemplo; e esta característica vai influenciar suas principais obras. Em um de seus primeiros estudos, "*Geschichte des Zeitalters der Entdeckungen*", "História da Era dos descobrimentos" (Stuttgart, 1858), Peschel aborda com maestria as inter-relações entre os princípios econômicos, os fatos geográficos e os acontecimentos históricos (SAUER, 1935). A partir desta primeira publicação, Peschel foi recomendado e encomendado pelo Rei da Baviera a escrever outra grande obra, "*Geschichte der Erdkunde bis auf A. v. Humboldt und K. Ritter*"<sup>29</sup>, ou "A história da Geografia até Alexander Von Humboldt e Karl Ritter" (Munique, 1865). Na execução desta obra, Peschel definiu alguns dos principais objetos e métodos para a Geografia (SAUER, 1935), que depois seriam melhores sistematizados em uma de suas principais obras, "*Neuen Probleme der vergleichende Erdkunde als Versuch einer Morphologie der Erdoberfläche*", que pode ser traduzido como "Novos problemas de Geografia comparada na compreensão da morfologia da superfície terrestre" (Leipzig, 1870), obra que apresenta uma clara formulação da evolução das formas superficiais da terra, a partir de uma anatomia comparada (CAPEL, 1981)

A obra de Peschel mais conhecida pela Geografia, e pelos geógrafos brasileiros, é a *Völkerkunde*, "Etnografia" (Leipzig, 1874), que seria novamente compilada e traduzida como "*The races of man and their Geographical distribution*", "As raças do homem e sua distribuição geográfica" (1876, Leipzig), publicação póstuma na qual Peschel aborda a antropologia geral numa perspectiva darwinista, dando ênfase na distribuição geográfica dos povos e das formas culturais (SAUER, 1935). É a primeira publicação pós-unificação, no momento de consolidação dos cursos de Geografia e de Geomorfologia na Alemanha, particularmente o de Leipzig (VITTE, 2010). O darwinismo já havia sido absorvido pelas ciências, destacando-se o papel de Moritz Wagner (1813 - 1887) e sua teoria da migração; assim como Ernst Haeckel (1834 - 1919), este último, biólogo inglês e principal responsável pela divulgação do Darwinismo na Alemanha. Peschel vai aderir ao positivismo e ao darwinismo, ao mesmo tempo em que esvazia o debate humboldtiano sobre a natureza e a arte (VITTE, 2010), e também a geografia comparada de Ritter (CAPEL, 1981), pois agora a história era uma luta constante entre as raças humanas e a natureza (VITTE, 2010).

---

<sup>29</sup> Obra em que se faz sentir as primeiras influências de Humboldt na Geografia a partir de 1870 (CAPEL, 2008)

O Darwinismo vai abrir um precedente e um campo de possibilidades interpretativas, e para a Geografia, vai permitir uma concatenação metodológica ao propiciar a construção de um método de análise científica da sociedade e dos agrupamentos humanos (CLAVAL, 1974; VITTE, 2010), e Peschel foi um adepto marcante desta concepção. Na introdução de “*The races of man and their Geographical distribution*”, Peschel inicia sua abordagem citando a tentativa de Linneus de colocar os homens e os macacos na mesma ordem ou sub-ordem, e utiliza Darwin para argumentar a clara diferenciação das duas raças, partindo principalmente da evolução biológica dos ossos pelas necessidades de adaptação ao meio (PESCHEL, 1876):

In the earliest attempt to classify animated nature Linnaeus excited no indignation, thought he united Man and Apes in one order of the class of Mammalia, which he designated the Primates. In our days, however, a scientific dispute has arisen whether the human race is to be separated from the apes by the rank of an order or a sub-order, but as this is a question of the value to be attributed to the idea of orders and sub-orders in systematic edifice, Ethnology is not called upon to join in the discussion (PESCHEL, 1876, 1)

Nesta obra, Peschel vai delinear sobre os agrupamentos humanos, buscando a partir de um ponto de vista darwinista uma relação entre o desenvolvimento da natureza e o desenvolvimento das raças humanas (VITTE, 2010), como em determinada passagem em que discute a primitividade de certas tribos filipinas, que atacam navios e pegam moedas do chão com os dedos dos pés, mas que ainda assim não constitui argumento válido para aproximar os homens dos macacos (PESCHEL, 1876):

“On the other hand it must be admitted that in some races of mankind the foot is used for grasping, especially in the case of certain Nubian tribes who hold fast to the ship’s tackle with the hallux, and the natives of the Philippines, who pick up small coins from the ground with their toes (...)” (PESCHEL, 1876, 2)

E em outras partes da obra, Peschel da continuidade a sua apreciação da variedade da distribuição das espécies e raças nas diversas regiões da superfície terrestre. Ora debate com Lineus, ora cita Darwin; mas também retoma Goethe, ao discutir as limitações do conhecimento sobre as espécies nas primeiras décadas do séc. XIX, ou antes da apresentação da “Origem das espécies”, em 1859: “Goethe, on the other hand, still maintained that Nature knows only individuals, and that species exist only in school books” (PESCHEL, 1876, 6). Assim, é possível observar que mesmo tendo apresentado tese em 1848 sobre o conceito de Tragédia no teatro moderno, participando ainda de uma intelectualidade romântica, é clara a mudança de postura de Peschel, quase três décadas depois, a partir da experiência darwinista e dos novos rumos da ciência alemã pós-unificação.

Ao analisar a evolução dos diversos agrupamentos humanos, buscando discutir primeiramente as semelhanças e diferenças entre homens e macacos, refletindo sobre a pluralidade ou a unidade da raça humana e comparando características culturais com zonas geomorfológicas, clima e vegetação (PESCHEL, 1876), Peschel buscou substanciar um debate em torno da necessidade de utilizar o Darwinismo enquanto método, a exemplo das ciências naturais (VITTE, 2010; CAPEL, 2008). Dono da cadeira de Geografia de Leipzig, e com ampla experiência editorial, Peschel pode divulgar de forma mais ampla seus trabalhos, como pode ser verificado em alguns de seus cursos e palestras ministrados entre os anos de 1871 e 1875.

Em outra passagem da obra em questão, podemos perceber a preocupação de Peschel para com a degradação do ser humano que caracteriza uma concepção de homem ligada à idéia de criação:

“Nor was it even with unprejudiced minds that anthropologists approached this difficult question, for some endeavoured to harmonize their conclusions with the Hebrew legend of the creation of a first human pair, while others strove to establish the plurality of species in order to with-draw the sympathy of humanity from the negro, and to hush the appeals of conscience against the degradation of man into a beast of burden in tropical husbandry” (PESCHEL, 1876, 06)

Apesar de toda a conotação pessoal desta passagem, ela é didática na medida em que podemos verificar uma reação negativa de Peschel a ideia de criação, concepção muito discutida no séc. XIX nos meios intelectuais (VITTE, 2009), e a interpretação do darwinismo seria importante para balizar estas discussões, assim como seus resultados para a ciência geográfica, em pleno processo de institucionalização. Nas palavras de Dickinson (1965), “Peschel, o último grande geógrafo antes de fazer sentir-se plenamente o impacto do darwinismo” (DICKINSON apud CAPEL, 1965).

Peschel, que viveu apenas quarenta e nove anos, em uma época de intensas mudanças políticas e culturais (as revoluções de 48-49, as guerras franco e austro-prussianas e a unificação alemã), vai fornecer à geografia um caráter mais científico, a partir das discussões sobre o impacto do darwinismo nas ciências e as críticas e reflexões sobre seus antecessores, Humboldt e Ritter. Sua crítica ao pensamento ritteriano, com a ideia de Morfologia comparada, vai fundar algumas das bases para o desenvolvimento da geomorfologia, posteriormente com Richthofen. Ligado aos meios publicitários da época e editor de revista *Ausland*, Peschel divulgou de forma mais intensa e abrangente suas obras, consolidando-se na academia alemã ao aceitar a cadeira de geografia em Leipzig. A obra em questão, *“The races of man and their Geographical distribution”* (1974/76) é didática para a compreensão do pensamento de Peschel, pois apresenta uma metodologia darwinista, justamente no momento pós-unificação territorial da Alemanha e avanço da burguesia liberal.

## **5.2- FRIEDRICH RATZEL (1844 – 1904): A NARRAÇÃO DA NATUREZA**

*“Assim como a luta pela existência no mundo vegetal e animal sempre foram uma questão de espaço, os conflitos de nações estão em grande parte, ligados apenas a luta por território”*

(Friedrich Ratzel, *Politische Geographie*, 1896)

*“A lagoa e seu cinto verde se abrem mais em frente dos nossos olhos e não se pode pensar em outra imagem mais cativante. As ondas que quebram pesada e ruidosamente na beira do recife estão em estranho contraste com a imagem do outro lado dele: a praia coral*

*branca, as folhas densas das plantas e, entre elas, as lagoas com as suas ilhazinhas”*

(Friedrich Ratzel, *Über Naturschilderung*, 1904)

Friedrich Ratzel nasceu em 1844, em Karlsruhe, no seio de uma modesta família burguesa local, e faz seus primeiros aprendizados em Farmácia, após um ano de estadia na Suíça (HUSSY, 1993). Ingressa e frequenta as Universidades de Heidelberg, Jena e Berlim, estudando zoologia com o biólogo monista alemão Haeckel (1834 – 1919), que vai influenciar a formação de seu pensamento a partir das influências darwinistas (MORAES, 1990; FREZZATI; 2003; VITTE, 2009). Após participar da Guerra Franco-Prussiana, Ratzel estuda em Munique, e entre 1873 e 1875, divulga seus primeiros trabalhos, de caráter regional, a partir de algumas viagens que fez para a América e alguns lugares da Europa (MORAES, 1990; WARDENGA, 1996; CAPEL, 2008), e Ratzel, assim como Richthofen, chegam a Geografia justamente a partir destas expedições (CAPEL, 2008)

Ratzel veio a Geografia a partir das ciências físicas, assim como Richthofen (VALKENBURG, 1960; CAPEL, 1981; MORAES, 1989) e é neste momento que entra em contato com as principais ideias que eram discutidas na época. O intercâmbio de Ratzel com o biólogo Haeckel merece destaque, dada a importância deste diálogo no desenvolvimento de Ratzel sobre o papel do Estado enquanto organismo dotado de uma finalidade espacial. Sobre o pensamento de Ratzel, Vitte (2009) coloca que:

A filosofia monista de Haeckel exerceu forte influência em Ratzel, por questões políticas e territoriais, associadas ao forte impacto dos postulados positivistas e mecanicistas, mais o problema que os postulados darwinianos colocavam para os impérios, pois com o primado da competição e da evolução colocava um problema sério para a manutenção política das colônias (VITTE, 2009, 11).

Neste sentido, podemos perceber que as problemáticas políticas e territoriais da Alemanha na busca por sua unidade, somadas principalmente ao impacto das ideias positivistas e darwinistas, formaram o contexto de Ratzel no desenvolvimento de suas principais ideias. Por este ponto de vista,

podemos verificar, como por exemplo, que a filosofia monista e sua concepção teleológica<sup>30</sup> são transferidas ao Estado, trazendo a tona ideias como *Lebensraum* (posteriormente espaço vital<sup>31</sup>), e o território. Ratzel superou a idéia de *Völkerkunde*<sup>32</sup> com sua *Antropogeographie*<sup>33</sup> (CAPEL, 1981). O final da década de 70 e os primeiros anos da década de 80 foi o momento da consolidação da Unificação alemã, que se concretizou a partir do suporte institucional, teórica e estruturalmente dado pelo Estado, com escolas e universidades produzindo e reproduzindo o discurso da identidade nacional:

“Em nome da ciência, resguardar o Estado. Em nome do povo, edificar a nação. Em nome da ordem, educar a sociedade. Daí a relação umbilical entre o saber geográfico e o sistema escolar” (RIBEIRO, 2009, 20).

A *Anthropogeographie* é publicada em 1882, consolidando Ratzel no seletto meio acadêmico alemão (MORAES, 1989: 1990), e apresentando uma geografia do homem que levava em conta as relações entre os aspectos do homem e da natureza: “Com a renovação da ciência voltam a serem estudadas também as relações entre as condições naturais e a vida do homem” (RAZTEL apud MORAES, 1990)<sup>34</sup>. Interessante constatar que esta obra, assim como a *Völkerkunde* de Peschel, foram estimuladas pelo direcionamento dado pelas universidades alemães no desenvolvimento de manuais acadêmicos, fruto do momento de criação de cátedras de geografia, assim como o aumento do número de estudantes e das publicações (CAPEL, 2008).

Ratzel vivenciou e foi influenciado pelo processo de formação do Estado moderno alemão, escrevendo a maior parte de seus trabalhos sob o período bismarckiano (MORAES, 1990), em um

---

<sup>30</sup> Neste sentido, a teologia no sentido kantiano da afirmação de um ser superior dotado de finalidade será transmutada a uma idéia de teleologia, ou seja, uma concepção metafísica direcionada ao Estado, dotado de propósito e finalidade.

<sup>31</sup> Em geografia política, o conceito de espaço vital (*Lebensraum*) foi concebido por Friedrich Ratzel, caracterizando de forma simplificada o espaço necessário para a expansão territorial de um povo, no caso, do povo alemão (MORAES, 1990)

<sup>32</sup> *Völkerkunde*: “Etnologia”, uma das principais obras de Oscar Peschel (1826-1875), publicada em três volumes (1877-79). Peschel aderiu ao darwinismo enquanto metodologia, onde procurou estabelecer uma relação entre o desenvolvimento da natureza e o desenvolvimento das raças humanas (VITTE, 2010).

<sup>33</sup> Principal obra de Friedrich Ratzel trata de quatro assuntos inter-relacionados: “a ação das condições ambientais sobre o homem, a distribuição das sociedades humanas sobre o globo, o estudo da difusão dos povos sobre o espaço e, finalmente, a formação dos territórios”. A *Antropogeographie* (1882) foi dedicada por Ratzel a Moritz Wagner, em razão de suas contribuições etnográficas (MORAES, 1990).

<sup>34</sup> Moraes (1990) reproduz alguns capítulos da Antropogeografia de Ratzel a partir da obra em italiano (FRATELLI BOCCA, 1914)

momento que consolidada a influência do darwinismo, os geógrafos europeus começam a refletir sobre o papel do ambiente físico na cultura e civilização (HUDSON, 1972). No aspecto político-econômico, é o momento do Capitalismo concorrencial, afirmado pelo imperialismo na busca por colônias (HOBSBAWN, 1982).

Na Universidade de Leipzig, Ratzel ocupa a cátedra de Geografia, substituindo Richthofen (DUNBAR, 2001), dirigindo a Sociedade de Geografia de Leipzig, orientando diversos trabalhos e também coordenando o Comitê central para o estudo da Geografia na Alemanha, um órgão estatal destinado a levantamentos regionais monográficos (MORAES, 1990). No momento de criação das cadeiras de Geografia, que se iniciou especificadamente em 1875, com as instruções especiais do então Ministro da educação, Adalbert Falk (DUNBAR, 2001), não haviam muitos geógrafos de formação para ocupar estes espaços, já que a geografia estava em pleno processo de institucionalização, e é neste sentido que geógrafos renomados, como Ratzel, vão dar importantes contribuições aos institutos de Geografia recém-criados, institutos estes que vão concentrar as atividades da comunidade científica dos geógrafos alemães, controlando o conhecimento científico que antes eram centralizados apenas pelas Sociedades geográficas (CAPEL, 2008). Quando Ratzel chega a Leipzig, em 1886, havia pouca estrutura para seus cinquenta estudantes (DUNBAR, 2001), fato que muda rapidamente:

He succeeded in enlarging the Institute; in the 1890s more than 300 students, including some from abroad, attended his lectures each year. Ratzel founded an institute library, including a map collection and other teaching resources. He established a social bond between staff and students (including the young Alfred Hettner) by creating the *Geographischer Abend*, a forerunner of the Leipzig university geographical society (DUNBAR, 2001, 17)

Analisando sob esta ótica, percebemos a importância destes pensadores na institucionalização da Geografia, tanto do ponto de vista das práticas, quanto de suas contribuições teóricas, o que Dunbar (2001) denomina de “inovações institucionais” (DUNBAR, 2001, 17), condição possibilitada pela manutenção da flexibilidade e da capacidade de inovação da academia alemã, dada a liberdade dos professores universitários para a experimentação e o deslocamento dos (entre) os

campos de saberes (SMITH, 1991). Este conjunto de práticas e contribuições teóricas, aliados a um currículo rigoroso, equipamentos satisfatórios e ótimas bibliotecas, forneceriam à Geografia, na passagem do séc. XIX para o séc. XX, um status de disciplina independente (DUNBAR, 2001; ENGELMANN, 1983), com imenso prestígio na comunidade científica da Europa (VALKENBURG, 1960; LIVINGSTONE, 1993; DUNBAR, 2001; CAPEL, 2008).

Como explicitado anteriormente, a Alemanha pós-unificação e altamente industrializada tinha um objetivo muito claro: a aquisição de colônias, a exemplo dos Franceses e Ingleses. Neste contexto, Ratzel vai teorizar o conceito de *Lebensraum* (Espaço-vital), em sua obra *Politische Geographische* (1897), já que anteriormente a *Anthropogeographie* havia apresentado as bases de consolidação da Geografia Humana (MORAES, 1989; MORAES, 1990; CARVALHO, 1997). Apesar de toda cientificidade do pensamento de Ratzel, suas concepções político-sociais foram facilmente incorporadas pelo Estado, e seu caráter instrumental permitiram incluí-la na *Kulturkampf*<sup>35</sup> (MORAES, 1989), no final do séc. XIX.

Importante destacar que o final do séc. XIX e o início do séc. XX, na Alemanha, foi uma época de dilemas, de avanços e retrocessos; já que as contradições são inerentes a todo e qualquer conhecimento científico, como característica de sua própria construção. Na própria Geografia, a sua institucionalização vai substanciar uma dicotomia, objetivada pela consolidação da Geomorfologia, com Richthofen e Penck, e da Geografia humana, com Ratzel, que sofreria uma tentativa de unificação com o neokantiano Hettner e a geografia regional (CAPEL, 2008). Muitas teorias e visões de mundo surgiram no seio da ciência alemã analiticamente consolidada e corporativamente estabelecida (CARVALHO, 1999), mas ainda muito recente.

### **5.2.1 O conturbado *fin de siècle* e a maturidade intelectual de Ratzel**

Com dito anteriormente, a passagem do século XIX ao século XX foi conturbada em diversos sentidos, e este complexo cultural e filosófico vai substanciar boa parte das discussões e observações dos pensadores da época, na filosofia, na história, e também na Geografia. Para apresentar a fase de Ratzel que compreendeu a sua maturidade intelectual, no momento da virada do século XIX ao século XX, é preciso adentrar um pouco mais a fundo e buscar captar, mesmo que de forma relativa,

---

<sup>35</sup> Política cultural do Estado alemão, de caráter ideológico e nacionalista (MORAES, 1990).

alguns elementos e processos que caracterizaram o conjunto do pensamento alemão neste momento ímpar e de difícil compreensão.

Desde 1870, principalmente com o *Staat der Wissenschaft*<sup>36</sup>, havia uma posição muito clara com relação ao futuro da Alemanha. Difundia-se uma ideia muito forte entre os acadêmicos, industriais e ministros dos estados alemães, de que “uma liderança na produção do conhecimento científico era essencial à força econômica e política do *Kaiserreich*” (LENOIR, 2004, 122). Reconhecendo as vantagens econômicas e ideológicas de um discurso comum, pautados em um realismo político, estético, científico, e na construção de uma nova ordem social (a evolução da burocracia germânica), objetivada na expansão territorial e na institucionalização das ciências, a Alemanha torna-se extremamente forte e competitiva no final do séc. XIX. O saldo foi que no Império os alemães, principalmente jovens e do ponto de vista oficial, não eram mais os herdeiros de Goethe, Fichte e dos Humboldts (LENOIR, 2004); pois “(...) acreditar em verdades filosóficas saiu de moda” (HOBSBAWM, 2009). A grandeza de Kant, assim como os cientistas, naturalmente resistiram; mas mesmo Hegel foi esquecido em razão da associação de seu pensamento com o marxismo (HOBSBAWM, 2009).

Mas por volta de 1890, no apogeu de afirmação das instituições disciplinares e da profissionalização científica, realizada na especialização das ciências (CARVALHO, 2010), boa parte dos acadêmicos alemães começaram a colocar em xeque a situação do ensino e, de modo geral, da vida cultural da Alemanha (RINGER, 2000). As críticas eram direcionadas às universidades, centros do conhecimento que haviam perdido o idealismo e o humanismo, tão característico da cultura alemã, em detrimento de um conhecimento extremamente materialista e positivista, pautado por um ensino mecânico e repetitivo, aliado aos objetivos do estado em expansão, e que não estimulava os jovens ao trabalho independente, fruto de um aprofundamento cultural. Assim, ao mesmo tempo que eficiente e vantajosa, tornava-se problemática a relação entre ciência, Estado e Indústria no final do séc. XIX (LENOIR, 2004).

---

<sup>36</sup> Estatuto da Ciência.

“Falavam de um declínio da vitalidade de suas tradições intelectuais, de uma perda de sentido e importância. Perguntavam-se se não eram parcialmente responsáveis pela superficialidade da época, pela aparente separação entre o *Geist*<sup>37</sup> e a política e pela violência dos novos conflitos sociais” (RINGER, 2000, 239)

Estes questionamentos ao ensino e a ciência alemã, no *fin de siècle*, é difícil de captar com exatidão, mas pode-se afirmar que este movimento perpassou tanto pelos acadêmicos e cientistas alemães, quanto pelos filósofos e poetas da época. RINGER (2000), afirma que na França e na Inglaterra houve reflexões semelhantes, mas o movimento na Alemanha foi definitivamente mais intenso. Fato é a peculiaridade da tradição alemã para a cultura e o conhecimento, que emergiu forte e intensamente desde a *Sturm um Drung* e o romantismo alemão de finais do séc. XVIII. No decorrer do séc. XIX, mesmo com a reorientação filosófica da ideologia alemã, com as movimentações políticas e territoriais que possibilitaram a Unificação e o Imperialismo, e por fim, com o advento de uma ciência aplicada, a consciência de “*kultur deutsche*”, em um aspecto amplo e humanista, sempre esteve presente no corpo geral da sociedade alemã, e principalmente, nos níveis intelectualizados. Assim como a asserção “*la civilisation française*”, “*kultur deutsche*” sempre esteve associada a cultivação da educação do ser humano (ELIAS, 1997). Mas em finais do séc. XIX, com a Alemanha unificada, altamente industrializada e em vias de expansão territorial, a cultura liga-se diretamente à política imperial (SAID, 1995), associando-se cada vez mais à ideia de cultura nacional, de nacionalismo, deixando em segundo plano suas tradicionais conotações humanistas (ELIAS, 1997).

Em outra corrente deste grande mar revolto que foi a Alemanha em finais do século, desde a década de 80 orientações políticas diversas seriam assumidas por partidos e movimentos sociais, mas o grande conflito político que se estendeu neste momento foi entre o regime bismarckiano e a social-democracia. Era a força da teoria marxista, e a expansão dos movimentos operários e socialistas, característicos de uma sociedade industrializada e urbanizada<sup>38</sup>, e que se alia ao Partido Social-Democrata alemão em 1891 (HOBSBAWN, 2011). Mesmo não-consensual, a teoria marxista ganha

---

<sup>37</sup> Espírito.

<sup>38</sup> Entre os historiadores usa-se o termo *Hochindustrialisierung*, que refere-se a um grande desenvolvimento industrial impulsionado pelo progresso tecnológico e científico.

força neste período, mas mesmo assim inicia-se um processo de refutação das ideias de Marx, a partir do surgimento de algumas obras de erudição, sérias e com um caráter revisionista<sup>39</sup> (HOBSBAWN, 2011), pois “na Alemanha (...) a comunidade intelectual e acadêmica, qualquer que tivesse sido seu liberalismo em 1848, estava, na década de 1890, profundamente ligada ao império e não se sentia nada atraída pelo socialismo, a que se opunha ativamente – com a possível excessão dos judeus” (HOBSBAWN, 2011, 208). Estes fatos e argumentos exemplificam o complexo cultural e político (SCHEIDL, 1985) da Alemanha em finais do séc. XIX, e ajudarão a compreender este momento específico vivenciado por Ratzel, e que vai influenciá-lo no desenvolvimento de suas obras da maturidade, com especial atenção a *Über Naturschilderung* (1904).

Também não podemos esquecer que o Historicismo de Wilhelm Dilthey (1833 – 1911) vai acentuar a divisão entre ciências da natureza e ciências do espírito, causando enormes repercussões na academia alemã recentemente saída do romantismo. É o momento da divisão do trabalho e da fragmentação das ciências, do imperialismo e da aquisição de colônias na África e Ásia, mas também é o momento do desespero intelectual de Nietzsche (1844 – 1900) (VITTE, 2010), e da crítica a razão instrumental. Nietzsche, neste momento, vai ser o grande agregador do movimento de retomada do romantismo na busca pelo secreto e sedutor significado da vida (SAFRANSKI, 2010), substanciando até mesmo um movimento chamado de “culto do ir embora”, com a criação de comunidades rurais diversas, de certo caráter artístico, em um momento em que as cidades encontravam-se altamente industrializadas e urbanizadas (SCHEIDL, 1985; HOBSBAWM, 2009). Nietzsche, conterrâneo de Marx, que nasceu no mesmo ano e também foi contemporâneo de Ratzel, onde sua *Die fröhliche Wissenschaft* (A Gaia Ciência), sua grande crítica aforística dos valores da época, data do mesmo ano da *Anthropogeographie* (1882). Ambos partilharam, cada um a seu modo, das mesmas preocupações: a desconfiança do conhecimento (CARVALHO, 1999), adiantando o que viria a se tornar um dos grandes eixos do pensamento moderno do séc. XX: a crítica do conhecimento científico.

É a época das reflexões filosóficas e manifestações artísticas. Crise do positivismo, o historicismo de Dilthey, os neokantianos Rickert e Windelband, o naturalismo, impressionismo e expressionismo; marxismo, o pensamento de Max Weber e a destruição dos valores burgueses com

---

<sup>39</sup> HOBSBAWN (2011) cita “*Das Ende des Marxschen Systems*”, de Böhm-Bawerk (1896) „*Wirtschaft und Recht nach materialistischer Geschichtsauffassung*“, de Rudolf Stammler, e „*Die Arbeiterfrage*“, de Heinrich Herkner (1896).

Nietzsche. Em suma, é um complexo filosófico e cultural que certamente foram vivenciados e explorados pelos geógrafos da época, principalmente com Ratzel e Hettner.

Voltemos um pouco no pensamento de Ratzel, para poder situar a discussão em torno de suas reflexões na maturidade intelectual. Do ponto de vista teórico, importante destacar que desde a *Anthropogeographie* (1882), Ratzel buscou ressaltar uma base ampla para os estudos geográficos, mediante primeiramente a uma “biogeografia universal”, e também enquanto ampliação da ideia de fronteira, presente na *Politische Geographie* (1897) (CARVALHO, 2010). A preocupação de Ratzel com a fragmentação das ciências é constatada desde sua passagem em Munique (1876 - 1886), onde o mesmo já valorizava o caráter da geografia em buscar uma amplitude de olhar em questões que a competiam (CARVALHO, 2010). Estas reflexões teriam continuidade nos primeiros anos do séc. XX, quando se acentua a especialização das ciências, e a Geografia em fase final de institucionalização vivenciava seu duplo estatuto de interesses (CARVALHO, 2010), ou seu dualismo (CAPEL, 2008), a partir das dimensões físicas e humanas no conhecimento geográfico.

Como destacado anteriormente, a morte de Ratzel e de Richthofen, ambos em 1904, vai fechar outro ciclo da geografia alemã, com a consolidação da Geografia Humana e da Geomorfologia, e o renascimento do interesse geográfico por parte de jovens estudantes (VALKENBURG, 1960). Ambos surgiram na Geografia através das ciências físicas, e foram proeminentes professores acadêmicos. Ratzel, em particular, foi um grande seminarista, modelo de palestras muito utilizado na academia alemã, com seus respectivos cursos de verão e cursos de inverno (VALKENBURG, 1960).

No contexto dos primeiros anos do séc. XX, Ratzel escreve a *Über Naturschilderung*, um dos seus últimos trabalhos, publicado postumamente; e a peculiaridade desta obra adquire uma interessante importância pelo fato de ser a última grande obra de Ratzel, apresentada em um momento de grande maturidade intelectual; onde podemos observar uma busca no desenvolvimento de outros elementos e aspectos do conhecimento geográfico que Ratzel estava então trabalhando, aliado ao um novo contexto que surgia com o início do século, e tendo a vantagem de poder olhar para os seus primeiros estudos desde a zoologia, e obter uma dimensão ampla do que havia sido construído em termos de conhecimento científico e conhecimento geográfico.

Nas palavras daquele que foi um dos estudantes e orientandos de Ratzel, Brunhes apresenta o que o mestre dizia em Janeiro de 1904: “Realizei viagens, desenhei, escrevi. Isso me conduziu a *Naturschilderung*” (BRUNHES apud CAPEL, 1912). É o Ratzel reflexivo, imerso em preocupações

filosóficas, e mesmo teológicas (BUTTMANN, 1977). Como demonstra a observação de Ratzel transcrita acima, a construção da *Über Naturschilderung* advém de experiências e momentos cognitivos diferentes dos usualmente elencados como importantes pela maioria dos estudos sobre o pensamento ratzeliano, assim como também explicitado neste capítulo. Poderia caber à Humboldt, por mais intrigante e curioso que possa parecer, se olharmos apenas para o significado aparente da frase em si.

Como explicita Carvalho (2010), em tradução recente do segundo capítulo da obra (*Wissenschaft und Kunst*), “Em alemão, há duas palavras que designam ‘descrição’; ‘*Schilderung*’ e ‘*Beschreibung*’. A primeira, proveniente de ‘*Schild*’, escudo em alemão, é empregada no sentido de narrativa: faz lembrar o escudo de Aquiles, gravado com as façanhas do guerreiro. A segunda tem uma acepção mais técnica. Ratzel, sensível a essa diferença, atém-se à *Naturschilderung*” (MARTINS apud CARVALHO, 1993). A opção de Ratzel pela “narração da natureza”, daí o que pode ser corretamente compreendido do título da presente obra (Sobre a narração da natureza), demonstra seu interesse em trabalhar questões estéticas, junto à ciência, no entendimento da natureza, procurando assim expressar que “a descrição artística da natureza e da paisagem deve preencher tanto as necessidades científicas como as estéticas” (MARTINS, 1993), buscando possibilidades teóricas em um momento em que a ciência apresentava-se desgastada pelo positivismo.

O Ratzel da *Über Naturschilderung*, e próprio conteúdo da obra, destacam-se quando refletimos sobre o pensamento de Ratzel a partir do conjunto de suas obras. Nesta obra, Ratzel procura demonstrar que a narração da natureza é vista como uma área da Arte, e que não é utilizada pela ciência na apreensão da realidade: “Die Naturschilderung wird gewöhnlich als ein Zweig der Kunst betrachtet, mit dem die Wissenschaft an sich nichts zu tun habe” (RATZEL, 1904, 1). Utilizando exemplos de pesquisadores científicos, como Darwin e Peschel, Ratzel ocupa-se com a necessidade de se buscar uma visão ampla, depois de ter minuciosamente desmontado os fenômenos (RATZEL, 1904), e que este trabalho deve ser empreendido pelo próprio pesquisador.

Pautado por um preenchimento urgente de pensamentos e sentimentos (WENEGER, 1905), essas aproximações do senso estético e da dimensão artística (CARVALHO, 2010) com o olhar do pesquisador em Geografia, colocam Ratzel enquanto vanguarda para as discussões mais importantes das primeiras décadas do séc. XX: a necessidade da ampliação de diálogos entre os diversos campos de saberes e a adoção de posturas transdisciplinares (CARVALHO, 2010), em um momento de

fragmentação dos campos dos saberes e afirmação das instituições científicas e disciplinares que o próprio Ratzel ajudou a construir. Neste contexto de hegemonia das análises científicas e positivistas, da fragmentação das ciências, do imperialismo e das questões políticas que ocasionariam a Primeira Guerra Mundial, Ratzel apresenta um texto que remete a uma apreciação filosófica próxima ao romantismo.

Em outra passagem, Ratzel demonstra sua clara opinião em relação aos papéis da arte e da ciência:

“Mas aquela [análise científica] que esquecesse ou desprezasse a observação, colocando o pensamento abstrato acima de tudo, prestigiando conceitos desencarnados e palavras vazias mais do que as imagens das impressões imediatas, afastaria, em outras palavras, a arte da ciência, contestaria sua natureza e, conseqüentemente, seria apenas uma doença de ciência” (RATZEL APUD CARVALHO, 2010, 159)

Ao buscar desenvolver possibilidades de ampliação do olhar da ciência geográfica no momento em que o positivismo era questionado, Ratzel define algumas tarefas específicas para a Geografia, tal qual a descrição de paisagens inteiras, buscando uma apreensão holística que lembre as apreciações humboldtianas e os ares românticos do início do século XIX: “In der Geographie und in den verwandten Wissenschaften gibt es dann noch eine dritte, höhere und jedenfalls verwickeltere Aufgabe, das ist die Beschreibung ganzer Landschaften“ (RATZEL, 1906, 7). Neste sentido, a geografia resumiria todas as aparências da superfície da terra (RATZEL, 1906), necessitando assim de uma descrição sintética que possa abarcar a exposição de uma diversidade de fenômenos, pequenos e grandes (RATZEL, 1906).

Tratado pelo próprio autor como um guia para a riqueza revigorante de impressões agradáveis que se encontram no lado artístico da Geografia (WENEGER, 1905), a *Über Naturschilderung* mostra que a ciência por si só, assim como suas impressões, não são suficientes para compreender a natureza, e a arte neste sentido pode ajudá-la (WENEGER, 1905). As descrições geográficas, por exemplo, não poderiam se resumir a um simples mosaico de detalhes, mas sim desenvolver uma grande contemplação rica em palavras, cores, linhas e formas:

„Gerade bei geographischen Schilderungen kommt man ohne Kunst nicht aus, denn alle Einzelheiten kann man nicht bringen und eine Mosaik von Einzelheiten gibt uns auch keine wahre Anschauung; es gilt also, mit dem Wort die großen charakteristischen Züge herauszustellen, ähnlich wie es der Maler mit den Farben und Linien (...)“ (WENEGER, 1905, 584)

Ratzel busca estimular este pensamento nos pesquisadores científicos, mas também nos professores de geografia, e este é um ponto de vista característico em sua obra, demonstrando também sua preocupação com o ensino. Na *Über Naturschilderung*, Ratzel crítica o fato de que as descrições geográficas são parte apenas dos trabalhos de pesquisadores, em estudos oficiais, estudos de casos e relatórios científicos; mas quando se observam os guias e livros didáticos de geografia, elas mostram-se inadequadas (RATZEL, 1906):

„Doch sehen wir, daß auch Länder, Meere, Flüsse, Gebirge, Begetationsgebiete, Staaten in ähnlicher Weise beschrieben werden können, wie Steine, Pflanzen oder Tierarten, indem man nämlich ihre hauptmerkmale in Worten und Zahlen nebeneinanderstellt. Die älteren Geographien und die neueren Staatshandbücher, amtliche küsten oder Flußbeschreibungen geben hinlängliche Belege“ (RATZEL, 1906, 7)

Estas passagens, devidamente contextualizadas ao início do séc. XX, demonstram a preocupação de Ratzel em ampliar o campo de possibilidades teóricas e metodológicas da ciência geográfica institucionalmente consolidada, mas não acabada. Neste sentido, o conteúdo da *Über Naturschilderung*, apesar de pouco explorado, ao discutir a questão do papel da arte na ciência, vai balizar elementos que serão explorados nas décadas seguintes, tais como: o papel da arte em captar momentos e fenômenos de forma mais ampla que a ciência; a importância da narração e da descrição de paisagens que havia sido perdida com a consolidação da ciência aplicada e utilitária; a própria necessidade de praticar um olhar crítico do conhecimento validado em um determinado momento e a

importância de explorar este tipo de geografia também no ensino. Em suma, questões que se apresentam enquanto possibilidades interpretativas para o desenvolvimento da ciência geográfica em décadas posteriores.

Posterior à Peschel, em um momento mais avançado da unificação territorial e política da Alemanha, além da intensa institucionalização da Geografia e da expansão do Estado, Ratzel coloca a densidade teórica da Geografia enquanto necessária frente às outras ciências humanas, e praticamente todas suas obras apresentam estas questões. O conjunto das discussões ratzelianas, e o trânsito disciplinar (CARVALHO, 1999) com outros campos do conhecimento científico, demonstram uma qualidade que difere dos trabalhos de Peschel, por exemplo. Ratzel vai conferir um caráter científico à compreensão dos fenômenos humanos (CARVALHO, 1999), apresentando alguns elementos-chave para a *Anthropogeographie*, sua obra mais conhecida. Com uma diversidade incrível, Ratzel retrabalha o darwinismo e o positivismo, e também vivencia o historicismo no *fin de siècle*, na conturbada época de Nietzsche e da crise do positivismo. Arguto observador de sua época e aberto à diálogos interdisciplinares, Ratzel absorveu alguns destes elementos e no início do século XX assinou corajosamente a *Über Naturschilderung* (1904), uma obra de conteúdo inédito e intensas reflexões sobre as possíveis relações entre a arte e a ciência.

### **5.3- ALFRED HETTNER (1859 – 1941): A DEFINIÇÃO DOS MÉTODOS EM GEOGRAFIA**

Alfred Hettner nasceu em 1859, em Dresden, na região da Saxônia, e iniciou sua carreira acadêmica, assim como Peschel e Ratzel, no período pós-unificação. Sua vida até 1877 foi construída em um rico ambiente cultural de uma família burguesa, sendo a mãe filha de pintores, e o pai, historiador da arte, que estudou com o renomado historiador oficial do Estado, Leopold von Ranke (SAHR, ARANTES, 2011). Ainda neste período, adquire formação humanista em Dresden, e só em 1877 decide estudar Geografia, optando pela Universidade prussiana de Halle, onde frequenta as aulas de “Metodologia da pesquisa geográfica e do ensino de Geografia”, de Alfred Kirchhoff (SAHR, ARANTES, 2011). Entre 1877 e 1881, estudou Geografia, Geologia e Filosofia nas Universidades de Halle, Bonn e Estrasburgo. Em 1881 adquiri o Doutorado em Estrasburgo, com a tese sobre o clima do Chile e da Patagônia, demonstrando seu interesse momentâneo pela geografia física (DIAS, 2009).

Hettner foi assistente de Ferdinand von Richthofen na Universidade de Bön, entre 1881 e 1882, trabalhando na área de oceanografia, e também foi orientando de Ratzel em Leipzig, que havia acabado de ocupar a cátedra na referida universidade saxônica (1886), e assim Hettner é habilitado com Ratzel a partir de tese sobre o relevo da Suíça Saxônica<sup>40</sup>. Neste período, empreendeu algumas viagens à América do Sul: Foi tutor do consulado britânico em Bogotá, participou de expedições científicas pela Colômbia, e entre 1888 e 1890 empreendeu uma expedição por várias regiões da América do Sul, em nome da Administração Geral Real Prussiana de Museus.

No período de suas viagens para Colômbia, teria seus primeiros trabalhos científicos publicados na “Ausland” (1885, 1886), além de um livro de viagens sobre sua expedição à Colômbia, “*Reisen den Columbianischen Anden*” (1888) (DIAS, 2009). Sua investigação sobre a formação do Vale do Rio Elba, em 1888, em que apresentou os resultados da relação entre as formas de relevo e os tipos de rocha (DIAS, 2009), pode ser considerado um primeiro momento que caracteriza seu direcionamento para as questões metodológicas, que vai ser característico em toda a sua carreira de geógrafo.

Ao voltar para Alemanha, Hettner remota sua atividade docente em Leipzig, como assistente de Ratzel (SAHR, ARANTES, 2011). Com profundo conhecimento de filosofia, e com boa experiência em geografia física, Hettner vai se destacar utilizando todo seu conhecimento para as questões metodológicas. As viagens empreendidas por Hettner, dada a sua destacada observação geográfica, vão substanciar o desenvolvimento de sua base para o seu método de descrição geográfica (WEST apud DIAS, 1990). Já bastante conhecido pela comunidade acadêmica alemã, Hettner vai fundar, em 1895, o “*Geographische Zeitschrift*”<sup>41</sup>, que veio a substituir o destacado jornal *Ausland*, editado anteriormente por Peschel e Ratzel (HARTSHORNE, 1991; DIAS, 2009). A fundação da *Zeitschrift* mostra o descontentamento de Hettner com os periódicos de Geografia da época, que pouco apresentava discussões metodológicas e epistemológicas. Assim, a nova revista iria desafiar a dominação da *Petermanns Geographische Mitteilungen*, de Gotha, especializada numa geografia mais pictórica e cartográfica (SAHR, ARANTES, 2011). Editor do *Geographische* por quatro décadas desde sua fundação, Hettner pode utilizá-lo como um grande veículo divulgador de

---

<sup>40</sup> „*Gebirgsbau und Oberflächengestaltung der Sächsischen Schweiz*“, Orogênese e formação do relevo na Suíça Saxônica (SAHR, ARANTES, 2011)

<sup>41</sup> Até hoje um dos mais importantes periódicos especializados em Geografia, contando até com alguns volumes disponíveis digitalmente, com publicações em alemão e inglês.

seus trabalhos, exercendo forte influência sobre a geografia científica de sua época (WEST apud DIAS, 1990).

Após um fértil período em Leipzig, onde ministrou diversos cursos e palestras, Hettner torna-se, em 1897, professor extraordinário em Tübingen, onde ainda não existia um cátedra de Geografia (SAHR, ARANTES, 2011), e depois vai ocupar o mesmo cargo na Universidade de Würzburg (SAHR, ARANTES, 2011), mas por pouco tempo, porque então Hettner vai construir seu lar como professor universitário em Heidelberg (1898 – 1929), onde aprofunda seu interesse pela geografia humana e regional, trabalhando ativamente com seus antigos professores, dentre eles, Richthofen, Ratzel, Kirchhoff, Penck e Schlüter (DIAS, 2009). Assim, plenamente estabelecido no sistema institucional da academia alemã, na virada do século XIX - XX (SAHR, ARANTES, 2011), Hettner começa a publicar trabalhos com suas reflexões teórico-metodológicas, principalmente em razão da publicação da obra de Ratzel em 1901/02, “*Die Erde und das Leben*” (A terra e a vida), que segundo Hettner, era repleta de generalizações (WARDENGA apud SAHR, ARANTES, 1995).

Inicia-se assim a terceira fase de Hettner, que vai de 1901 a 1908 (WARDENGA, 1998; 2006; DIAS, 2009), remetendo ao aprofundamento teórico sobre o caráter metodológico da geografia, trabalhando a ideia de que o espaço não existe em sua realidade empírica, mas é construído através de metodologias que resultam na sua regionalização (DIAS, 2009). Critica o conceito de “meio natural”, defendido por alguns geógrafos alemães da época, o que ele considera uma distorção da teleologia de Ritter (HARTSHORNE, 1991; DIAS, 2009).

Do ponto de vista da ciência, é possível dizer que a virada do séc. XIX – XX foi definitivamente alemã (MOREIRA, 2000); dada a qualidade teórica e metodológica das discussões em torno das disciplinas científicas (LENOIR, 2003), assim como de suas crises. Hettner pode vivenciar praticamente toda a transição do séc. XIX para o séc. XX, momento em que o projeto do conhecimento geográfico começa a ser questionado, dada sua cientificidade positivista e sua racionalidade evolucionista (DIAS, 2009). A ruptura do horizonte científico positivista vai intensificar a fragmentação das ciências em diversos campos de saberes, e na geografia, particularmente na geografia alemã, este processo vai balizar as discussões em torno de sua identidade teórica e metodológica, já que a mesma havia sido institucionalizada a partir de intensas influências positivistas e darwinistas.

Importante destacar que filosoficamente, estes questionamentos já aparecem nos anos finais do séc. XIX, com a perspectiva funcionalista, o historicismo, e em certa escala também com as

críticas de Nietzsche, que vai substanciar o “ressurgimento” do romantismo ou neo-romantismo (SCHEIDL, 1985), expressado neste momento pela arte impressionista, e posteriormente expressionista. Há o incremento de novas teorias, concepções de mundo e inovações tecnológicas, o desenvolvimento da escola francesa de Geografia, a escola americana e russa, ligadas ao intercâmbio maciço de pesquisadores para a própria Alemanha, como aconteceu com Hartshorne, por exemplo. Sedimentado o capitalismo, a industrialização dá outro passo com a segunda divisão do trabalho, e politicamente é o auge do imperialismo e a eminência da Primeira Guerra Mundial (HOBSBAWN, 2003; DIAS, 2009). Modificações intensas nos meios de comunicação, transportes e organização urbana, assim como sua crescente urbanização, em suma, são elementos que vão influenciar direta e indiretamente as contribuições e as práticas de Hettner neste último momento de institucionalização da Geografia.

Nos primeiros anos do séc. XX, a sociedade européia respirava o ar e os ventos da eminência de conflitos e guerras globais. Do auge do imperialismo até o deflagrar da Primeira Guerra Mundial, os geógrafos alemães ocupavam-se por divulgar trabalhos sobre áreas ocupadas pelos conflitos nas principais revistas de geografia, e também realizavam grandes conferências, principalmente sobre assuntos estratégicos, como as questões de fronteiras (DIAS, 2009). Concomitantemente, a geografia alemã institucionalmente consolidada, e no auge, atraía cada vez mais estudantes do mundo inteiro, e também pesquisadores renomados, como o americano William Morris Davis, que chegou a lecionar em Berlim, através do grupo de Penck. Os trabalhos publicados eram o reflexo dos conflitos levados a cabo pelas diversas regiões do globo, mas por outro lado, a estrutura e qualidade do ensino secundário e superior de Geografia foram marcantes neste período.

Com o questionamento do monismo positivista, muitos espaços vão se abrir no campo das ciências e da filosofia; assim como a reintrodução de novas concepções científico-filosóficas, sob nova roupagem, como o dualismo cartesiano e o neokantismo. Dilthey, no final do séc. XIX, merece destaque, ao colocar em xeque a validade do saber histórico, e Windelband vai aprofundar esta questão a partir da classificação entre ciências lógicas e físicas de Kant, distinguindo assim as ciências da experiência entre ciências ideográficas e nomotéticas (ETGES, 2009; CAPEL, 1981).

Vivenciando todo este complexo filosófico, e debatendo principalmente com os neokantianos, nos primeiros anos do século XX Hettner inicia a tarefa de sistematização de sua proposta metodológica, a partir da publicação de diversos artigos: *Grundbegriffe und Grundsätze der physischen Geographie* (1903, *Geographische Zeitschrift*); *Das system der Wissenschaften* (1905,

*Preussischen Jahrbüchern*) (WARDENGA apud SAHR, ARANTES, 1995), e por fim o artigo que será destaque na presente dissertação, *Das Wesen um die Methoden der Geographie* (1905, *Geographische Zeitschrift*), onde Hettner apresenta a ideia de *Länderkunde*, que será explorada a seguir.

Com a crise do conhecimento científico positivista, Hettner retoma Kant (neokantismo), a partir de Rickert e Windelband (MORAES, 1989; MOREIRA, 2000), pois agora “trata-se de encontrar no mundo da razão a categoria da universalidade capaz de resgatar para o pensamento o mínimo da unidade discursiva perdida. A solução positivista, de unificar o pensamento, da natureza à sociedade e ao homem, a partir das leis físicas, é rejeitada pelos alemães” (MOREIRA, 2000, 142). Apresentando tratamentos epistemológicos distintos para a natureza e o homem, os neokantianos concebiam uma formalização do entendimento do mundo em termos duplos e distintos: as ciências nomotéticas, regidas por leis gerais (natureza); e as ciências ideográficas, trabalhando com fenômenos individualizados (homem) (MOREIRA, 2000).

Em 1905, um ano após a *Über Naturschilderung*, Hettner publica em seu jornal, *Geographische Zeitschrift*, um importante artigo que vai sintetizar toda sua proposta metodológica para a Geografia: *Das Wesen um die Methoden der Geographie*, o mesmo artigo pontuado pela presente pesquisa, em tradução para o espanhol, que facilitará nossa apreciação. Para Hettner, é um grande problema que os pesquisadores das diversas ciências não se preocupem com as questões metodológicas, acreditando que a investigação positivista justifica-se por si só:

“Muchos investigadores, y algunos de los más capacitados, consideran inútiles, casi como un juego, todas las consideraciones metodológicas sobre los fines y los límites de las distintas ciencias; creen que la investigación positiva se justifica por sí sola” (HETTNER, 1994; 311)

Esta concepção, considerada simplista, seria apenas um “(...) resíduo de aquellos tiempos em que el espíritu filosófico parecía muerto, cuando solo se valoraba el puro quehacer científico, quizá incluso tan solo com fines prácticos” (HETTNER, 1995, 311). Aqui, Hettner faz uma clara alusão ao período de institucionalização da Geografia, fortemente positivista e substanciado pelos objetivos práticos do estado alemão, sem preocupações teóricas e metodológicas.

Pautado pelas discussões entre os campos de conhecimentos naturais e os humanos (DIAS, 2009), e opondo-se a unidade positivista, já que o desenvolvimento histórico não é casual, podendo ser fundamentado (HETTNER, 1994), Hettner apresenta a Geografia como uma ciência corológica da terra, que dadas determinadas condições prévias, possibilita estudar a superfície da terra a partir de suas diferenças locais (HETTNER, 1994). Assim, a geografia não se resume ao estudo e descrição da superfície terrestre, já que o enfoque corológico permite “descrever e interpretar as diferentes características das diferentes partes da superfície terrestre” (DIAS, 2009: 56).

A metodologia proposta por Hettner é seu mais importante produto intelectual para a geografia, fruto de uma profunda crítica filosófica de toda a ciência geográfica, e o desenvolvimento de uma base metodológica muito bem fundamentada. Buscando uma identidade metodológica que a geografia havia perdido, Hettner vai defender que a Geografia difere-se das demais ciências pelo seu método de estudo:

“Si comparamos las distintas ciencias, encontraremos que mientras en muchas de ellas la unidad reside en las materias de estudio, en otras reside en el método de estudio. La Geografía pertenece al segundo grupo” (HETTNER apud HARTSHORNE, 1991).

Hettner foi a expressão típica do seu tempo e seu lugar, participando de uma intelectualidade que debate com o positivismo, que absorve e reflete o pensamento de Kant, Nietzsche e Husserl, dentre outros (MOREIRA, 2000). Vivenciou a geografia alemã em sua dualidade, marca desta ciência no início do século. XX, com o desenvolvimento intenso da geografia física (Richthofen, Penck), concomitante a aproximação da geografia com as ciências humanas e o desenvolvimento da geopolítica, a partir da *Anthropogeographie* de Ratzel, e sendo aprofundada posteriormente com as mudanças em razão da Primeira Guerra Mundial (CAPEL, 1989).

Neste sentido, Hettner vai contribuir com definições de alcance e métodos em geografia, combinando dois enfoques distintos, definindo um método para geografia regional e um método para geografia geral (MOREIRA, 2000; WERLEN, 2000), colocando a referência unitária no conceito de região (*Länderkunde*), uma unidade da geografia, uma unidade do espaço (HETTNER, 1994; MOREIRA, 2000). Apresenta uma visão de geografia enquanto ciência corológica, que se organiza com base em suas diferenças, e na relação entre seus diferentes pontos (MOREIRA, 2000;

HETTNER, 1994), e neste sentido pauta-se pelo estudo da diferenciação de áreas (CAPEL, 1989; MOREIRA; 2000; WARDENGA, 2006; SANTOS, 2009).

Na fase que vai de 1908 a 1919 (WARDENGA, 1998), Hettner, assim como grande parte dos geógrafos alemães, desenvolve um novo posicionamento da geografia frente à eminência da Primeira Guerra Mundial. Alguns tomando claras posições frente ao conflito, como o próprio Hettner, que toma partido em defesa da nação alemã (DIAS, 2009). Neste momento, os acadêmicos alemães, ainda fortemente ligados à Geografia física, inclinam-se para uma geografia mais prática e humana (WARDENGA apud SAHR, ARANTES, 1995). As primeiras vitórias alemãs no conflito incitaram entre os geógrafos a posição da superioridade alemã, mas dados os resultados finais da guerra, com o colapso da Alemanha em 1918, os geógrafos e o pensamento geográfico seriam afetados profundamente; onde pode ser exemplificado nos novos mapas das fronteiras alemãs no pós-guerra (DIAS, 2009); momento que foi difícil de ser filtrado pelos geógrafos alemães, mas que vai reforçar a questão espacial nas décadas posteriores.

Hettner vai empreender ao longo de sua carreira acadêmica todo um esforço de construção de uma identidade metodológica para a Geografia, recentemente abalada pela crise do positivismo e pela fragmentação das ciências, marca da virada do século. Hettner ilustra o sentido e a complexidade da passagem do século XIX ao XX de forma mais abrangente que Ratzel, pois vivencia os primeiros anos pós-unificação alemã, o imperialismo, a Primeira Guerra Mundial, a ascensão do nazismo na República de Weimar e o início da Segunda Guerra Mundial. Apesar de Hettner debater com praticamente toda a tradição científica da Alemanha, seu principal diálogo filosófico ocorre com os neokantianos Rickert e Windelband. É nos neokantianos que Hettner vai extrair as bases filosóficas para a construção metodológica do que viria a se tornar a Geografia Geral e a Geografia Regional, e geógrafos norte-americanos como Richard Hartshorne e Carl Sauer iriam retrabalhar profundamente suas idéias. O artigo analisado pela presente dissertação, “A essência e os métodos em Geografia” (1905), sistematiza a proposta metodológica de Hettner, e resume grande parte das ideias a respeito do caminho a ser trilhado pela Geografia na superação da crise positivista.

## 6- PERCURSOS E TRANSFIGURAÇÕES DE UMA CIÊNCIA INSTITUCIONALIZADA

Apresentadas os devidos capítulos constituintes da dissertação sobre o processo de institucionalização da Geografia alemã, em finais do século XIX e início do século XX, compete agora uma análise sistematizada, buscando comprovar alguns objetivos elencados por esta pesquisa, os quais: apresentar algumas contribuições à historiografia da Ciência Geográfica na Alemanha, em finais do século XIX e início do século XX, elegendo o universo empírico da institucionalização da Geografia pós-unificação territorial, buscando demonstrar, dentre outros aspectos importantes, que os trabalhos e práticas de Oscar Peschel, Friedrich Ratzel e Alfred Hettner, permitiram a consolidação de um programa e uma metodologia para os estudos geográficos, que obedeceram e justificaram as diretrizes do estado bismarckiano em muitos aspectos.

A unificação alemã e o imperialismo, assim como todos os processos que subsidiaram a unidade política, territorial e cultural-linguística da Alemanha estiveram presentes, em dimensões diferentes e muitas vezes não-consensuais, nos trabalhos e nas práticas de Peschel, Ratzel e Hettner. Concomitante a este contexto peculiar, o positivismo e o darwinismo também foram retrabalhados por estes três pensadores da Geografia Alemã, também de forma heterogênea. O positivismo, enquanto orientação científico-filosófica para praticamente todos os ramos das ciências em desenvolvimento na época, vai ser incorporado pelo Estado alemão na aplicação de suas ações em prol de uma ciência institucionalmente consolidada e aplicada, e também na legitimação do próprio Estado em vias de seu expansionismo. O darwinismo, ou evolucionismo, também vai ser incorporado pelo Estado alemão unificado, justificando seu imperialismo; e na Geografia vai ser trabalhado e interpretado enquanto uma metodologia para os estudos geográficos em questão, inserido no rigor que um programa e um currículo institucionalizado demandavam.

Hobsbawm (2009), afirmou que a Alemanha potente e altamente industrializada, em finais do século XIX, com suas instituições próprias e seu liberalismo, atingiu o terceiro estágio do positivismo de Auguste Comte, o Científico; superando os estágios Teológico e Metafísico (HOBSBAWM, 2009). É importante destacar este processo, para demonstrar as principais teorias que foram incorporadas pela ciência alemã no decorrer do século XIX, e que tiveram substância e realização na Alemanha, justamente em razão de suas particularidades culturais. Com o positivismo sendo incorporado à ciência enquanto uma justificação filosófica do método convencional das ciências experimentais, o liberalismo burguês alemão em expansão, e a explosão da teoria

evolucionista e tomando a história enquanto tribunal do mundo; a ciência alemã no momento da unificação política e territorial adquiriu uma característica e um corpo teórico único, pois agora era possível ter “(...) uma visão histórica do progresso evolucionista” (HOBSBAWM, 2009, 258), que “refletia os conceitos familiares da economia liberal, ou seja, competição” (HOBSBAWM, 2009, 259).

É neste contexto que se desenvolve a unificação territorial e política da Alemanha, assim como um interesse maior pela geografia por parte do Estado alemão, em razão principalmente da utilidade do conhecimento geográfico nas guerras da Unificação, e no desenvolvimento posterior da Alemanha com objetivos imperialistas. É neste âmbito que se inserem as contribuições de Oscar Peschel, Friedrich Ratzel e Alfred Hettner, e é importante notar que todos foram contemporâneos em um momento específico de suas vidas, e naturalmente em outros períodos não; mas foram unidos pelo processo de institucionalização da Geografia, intensificada no pós-unificação territorial (1871), e suas práticas e contribuições teóricas, ricas e diversificadas, demonstram e justificam esta relação; como pode ser visto nos textos dos três pensadores analisados pela presente pesquisa: Peschel (1874), Ratzel (1904) e Hettner (1905).

Oscar Peschel (1826 – 1874) foi importante na medida em que teceu críticas a geografia ritteriana, em um momento em que a geografia encontrava-se carente de novas referências, sem novas possibilidades interpretativas desde Ritter e Humboldt. Peschel estimulou o interesse pela Geografia com novos trabalhos, frutos de viagens e de sua experiência enquanto editor, e principalmente inserindo em seus textos elementos do darwinismo que havia causado furor nas ciências na mesma época. Este aspecto pode ser verificado na obra de Peschel analisada nesta dissertação, de extrema importância já que apresenta clara influência darwinista no estudo das características dos povos, assim como sua distribuição geográfica na terra. Buscando ocupar espaços na academia alemã em fase de institucionalização, deu maior visibilidade à Geografia, na medida em que pode apresentar uma interpretação metodológica para a ciência geográfica em seus cursos, palestras e aulas em Leipzig.

Pouco conhecido na Geografia, se comparado a Ratzel, por exemplo, Peschel apresentou as primeiras bases teóricas e metodológicas para a institucionalização da Geografia alemã, onde é notável a incorporação do darwinismo em suas obras, como pode ser observado no texto de sua autoria utilizado na presente dissertação. Além disso, sua idéia de morfologia comparada, divergindo

da Geografia comparada de Ritter, vai fundar algumas bases para o desenvolvimento e estruturação da geomorfologia.

Outro ponto interessante a ser destacado é este momento específico da maturidade acadêmica de Peschel, entre as revoluções de 1848-49 e a unificação em 1871. Vivenciou e participou de uma Alemanha em ebulição, ainda fragmentada territorial e politicamente, e justamente por isso em constantes conflitos internos e externos. Sob a sombra de Ritter e Humboldt, Peschel pode observar o esvaziamento do romantismo e o aflorar da ciência com fins práticos, objetivada para o Estado unificado, e que voltaria a ser questionada no *fin de siècle*. Este momento de Peschel também pode ser melhor compreendido olhando para os seus primeiros trabalhos, pois em 1848-49, ano das revoluções, vai defender uma tese claramente humanista sobre o conceito de Tragédia no teatro moderno, e dez anos depois é publicada a “Origem das espécies”, e doze anos depois ocorre a Unificação alemã, para então Peschel sistematizar e publicar em 1874, um ano antes de sua morte, “*Völkerkunde*”, ou “*The races of man and their Geographical distribution*”, edição inglesa de 1876.

Apesar de não ser conhecido e muitas vezes admirado como foi Ratzel, por exemplo, o papel de Peschel é crucial para entender o processo de institucionalização da Geografia, pois ele, neste sentido muito mais que Ratzel e Hettner, vivenciou exatamente o momento de transição e reorientação filosófica da ciência alemã (LENOIR, 2003), interpretando o darwinismo e ocupando a cátedra de Geografia de Leipzig, cidade da região saxônica recém incorporada à Alemanha Unificada. A pergunta que se coloca é por que Leipzig (a pequena Paris), se já haviam círculos de estudos geográficos em Berlim, Jena e em outros lugares? Segundo historiadores como Sean McMeekin (2011) e Timothy Lenoir (2003), a escolha de investimentos no desenvolvimento das ciências em Leipzig por Bismarck deveu-se a uma estratégia a fim de consolidar sua visão política. Uma vez que os círculos geográficos de Berlim e Jena, por exemplo, estavam fortemente ligados ao protestantismo e ao movimento romântico, e opunham-se a concepção bismarckiana de que a ciência deveria servir aos interesses do Estado. Enquanto que em Leipzig era uma região ligada à Áustria, dominada ideologicamente pela contra-reforma católica e politicamente conservadora. Neste campo, Bismarck encontrou eco para a sua concepção teleológica de Estado, fundamentada em uma visão historicista autoritária e conservadora, ao mesmo tempo em que buscou implementar e financiar o desenvolvimento de disciplinas científicas, afinadas com esta nova concepção de Estado.

Ao longo de sua importante mais curta presença em Leipzig, Peschel ministrou dezessete cursos/palestras em cerca de cinco anos, justamente no momento pós-unificação territorial (1871 –

75). Em meio aos exercícios e atividades, seus cursos abordavam Etnologia, Etnografia, Geografia, Geografia física e Antropologia. Mas é possível observar também conteúdos sobre os países da Europa, rotas marítimas e o império alemão. A reflexão que aqui se coloca, tanto para Peschel, quanto para Ratzel e Hettner, é a abrangência destas aulas, que além de indicar uma intensa atividade acadêmica, também demonstra a necessidade de formação de uma construção simbólica e cognitiva de uma nova geografia, frente aos futuros professores da Alemanha unificada e imperialista.

#### Quadro 1 – Cursos e Palestras de Oscar Peschel (1871 – 75)<sup>42</sup>

<b>SEMESTER</b>	<b>VERANSTALTUNG</b>
<u>SS 1871</u>	<b><i>Ueber physische Erdkunde</i></b> Sobre a Geografia física
<u>WS 1871</u>	<b><i>Völkerkunde</i></b> Etnologia
<u>SS 1872</u>	<b><i>Europäische Staatenkunde</i></b> Estados-clientes Europeus
<u>SS 1872</u>	<b><i>Die Entdeckung der Seewege nach Indien</i></b> Descoberta de rotas marítimas para a Índia
<u>WS 1872</u>	<b><i>Physikalische Erdkunde</i></b> Geografia física
<u>SS 1873</u>	<b><i>Anthropologie und Ethnographie</i></b> Antropologia e Etnografia
<u>WS 1873</u>	<b><i>Staatenkunde von Europa</i></b> Estados clientes da Europa
<u>SS 1874</u>	<b><i>Geschichte der Seewege nach Indien</i></b> História das rotas marítimas para a Índia
<u>SS 1874</u>	<b><i>Ueber das deutsche Reich</i></b> Sobre o Império Alemão
<u>SS 1874</u>	<b><i>Geographische u. ethnogr. Seminarübungen</i></b> Geografia e Etnografia: exercícios de seminários
<u>WS 1874</u>	<b><i>Ueber physikalische Erdkunde</i></b> Sobre a Geografia Física

<sup>42</sup> SS (Cursos de Verão – *Sommer*) e WS (Cursos de Inverno – *Winter*)

<b>SEMESTER</b>	<b>VERANSTALTUNG</b>
<u>WS 1874</u>	<b><i>Geographische Seminarübungen</i></b> Geografia: exercícios de seminários
<u>SS 1875</u>	<b><i>Anthropologie und Ethnographie, verbunden mit einem Colloquium</i></b> Antropologia e Etnografia, juntas em um Colóquio.
<u>SS 1875</u>	<b><i>Seminarübungen im Gebiete der Erd- und Völkerkunde</i></b> Áreas da terra e etnografia: exercícios de seminários
<u>WS 1875</u>	<b><i>Europäische Staatenkunde mit Berücksichtigung der Colonien und Töchterstaaten, verknüpft mit einem Colloquium ... die Vorlesung</i></b> Países europeus no que diz respeito às colônias e estados-clientes subsidiários – associado a uma palestras de Colóquio.
<u>WS 1875</u>	<b><i>Europäische Staatenkunde mit Berücksichtigung der Colonien und Töchterstaaten, verknüpft mit einem Colloquium ... das Colloquium</i></b> Países europeus no que diz respeito às colônias e estados-clientes subsidiários – associado a uma palestras de Colóquio.
<u>WS 1875</u>	<b><i>Seminarübungen über Erdkunde und Anthropologie</i></b> Geografia e antropologia – exercícios de seminários

FONTE: Catálogo retirado do site oficial da Universidade de Leipzig, região da Saxônia, Alemanha. Historische Vorlesungsverzeichnisse der Universität Leipzig/Catálogo Histórico de cursos da Universidade de Leipzig (<http://histvv.uni-leipzig.de>). Organizado e traduzido por Ricardo Devides (2012).

Ratzel (1844 – 1904), assim como Peschel, vai sofrer influência das ideias positivistas e darwinistas em seus trabalhos, teorias estas agora mais sedimentadas na ciência alemã do que no momento de Peschel. Ratzel retrabalha estes elementos e constrói a base para a consolidação da Geografia Humana, a partir da *Anthropogeographie*; e em uma dimensão mais política, com a *Politische Geographie*, em finais do séc. XIX. Como dito anteriormente, Ratzel vivencia o momento mais avançado da Alemanha pós-unificação, caracteristicamente bismarckiano, com alto desenvolvimento industrial, científico e uma intensa urbanização. Dado o conteúdo de suas obras, tais quais reflexões profundas sobre o território, Estado, fronteiras e espaço; suas ideias foram facilmente incorporadas pelo ministro prussiano Bismarck, para legitimar a ideologia e as práticas do expansionismo alemão, e que posteriormente também seriam retomadas no contexto da Segunda Guerra Mundial. Suas práticas também demonstraram a preocupação e disposição em desenvolver a

Geografia na Alemanha. Além de participar da guerra franco-prussiana, viajou em expedições, ocupou cargos do governo, fez parte de sociedades geográficas, assinou inúmeras publicações, ministrou cursos, palestras, aulas e orientações, participando ativamente na estruturação física e curricular dos cursos de geografia, principalmente na universidade de Leipzig.

O ponto alto da expansão e desenvolvimento científico da Alemanha será também o momento de surgimento das principais críticas e reflexões; que seriam a base para o aparecimento de grandes obras de Filosofia, História e Geografia, além de importantes manifestações culturais e artísticas. Brevemente, para inserir Ratzel nas reflexões do período, é preciso pontuar alguns elementos do *fin de siècle*, que elencamos como importantes neste processo. Salientado anteriormente no capítulo sobre Ratzel, por volta de 1890 surgiram um conjunto de críticas direcionadas a ciência desenvolvida nas universidades, e também à cultura alemã como um todo, em razão, principalmente, da especialização das ciências e de seu senso prático vulgar (RINGER, 2000). Mesmo que os representantes do Estado anunciassem orgulhosamente a liderança alemã, alguma coisa havia sido deixada para trás. No mesmo período, Nietzsche será descoberto pelos homens de espírito, criticando a sociedade burguesa (crítica cultural), e estimulando nos alemães o resgate pelo verdadeiro sentido da vida.

Também cresce na sociedade alemã manifestações artísticas buscando uma alternativa ao realismo político, a arte oficial (*Heimatkunst*). Dentre as principais, podemos citar o Naturalismo na pintura e nos romances, buscando um rompimento com o realismo burguês, mas tendo como bases teóricas o positivismo e o darwinismo; e o Impressionismo. Na vanguarda, impulsionado principalmente pela exposição dos quadros de Eduard Munch, em 1892, e a exposição das obras de Van Gogh e Gauguin em Berlim (1906), além dos poetas franceses Rimbaud e Baudelaire (SCHEIDL, 1985), temos o Expressionismo alemão, considerado o mais importante movimento depois do Romantismo, e que se tornaria nas primeiras décadas do século XX um importante estilo cinematográfico. Com todos estes movimentos, havia ainda o conflito político entre a social-democracia e o Estado, que busca a desmoralização do marxismo.

O anti-semitismo contra os judeus também é crescente neste período, e atinge praticamente todas as camadas da sociedade burguesa alemã (ELIAS, 1997; RINGER, 2000; HOBSBAWM, 2011), momento expressado maravilhosamente no romance “O caminho para a liberdade”, de Arthur Schnitzler (HOBSBAWM, 2011). Segundo Kost (1999), em pesquisa relativamente recente, foi possível detectar na literatura geográfica da época certo grau de anti-semitismo entre os geógrafos

universitários e suas pesquisas, principalmente em trabalhos com abordagens de questões geopolíticas, que seriam reforçadas no período entre - guerras (KOST, 1999). Sem almejar entrar no mérito deste tipo de julgamento, é importante apresentar também este lado da sociedade alemã, que demonstra mais um forte entrelaçamento entre ciência e o poder ideológico do Estado. Estas questões estão sendo retomadas recentemente na Geografia alemã (KOST, 1999), principalmente em razão de certo “mal estar” em estudar um momento, e determinadas vinculações de ideias tão marcantes na história da Alemanha<sup>43</sup>.

Arguto observador das contradições inerentes ao desenvolvimento e institucionalização das ciências, rigidamente concatenadas pelo cientificismo positivista, assim como das transformações da sociedade alemã, nos primeiros anos do séc. XX Ratzel resgata elementos do “romantismo” em sua obra *Über Naturschilderung* (1904), buscando refletir sobre a interpretação da natureza a partir das possibilidades de relações entre arte e ciência, pautadas pela observação estética, narração e descrição da paisagem enquanto práticas diferenciais, úteis a Geografia e aos geógrafos, desgastados pelo positivismo. Neste sentido, está obra apresenta-se enquanto ampliação do horizonte da geografia, no momento da crise do conhecimento positivista no início do século XX, percepção que Ratzel praticou desde finais do século XIX, observando o conjunto de suas obras e refletindo sobre as mudanças políticas, econômicas, sociais e culturais da época. Como diria Weneger, ainda em 1905: „Er hatte soch eine Fülle von Ideen!“ (WENEGER, 1905, 584); e essa riqueza de ideias culminaria numa grande surpresa, numa obra escrita com o coração, e, como se ele tivesse avistado um incêndio (WENEGER, 1905). Ainda utilizando passagens de Weneger (1905), uma obra de coragem única, ao tentar apresentar uma ligação íntima entre arte e ciência em um período tão perturbador cientificamente (WENEGER, 1905, 585).

Além dos dois primeiros capítulos da *Über Naturschilderung*, a qual tivemos um maior contato em razão da tradução para o português, o primeiro, *Beschreibung und Schilderung* (em fase de finalização) e o segundo, *Wissenschaft und Kunst*, traduzido pelo professor Marcos Bernardino de Carvalho (CARVALHO, 2010), há ainda o terceiro, *Das Schöne und das Erhabene in der Natur* (A Beleza e o Sublime na Natureza), e o quarto, *Kunst der Naturschilderung* (Arte na narração da natureza), onde Ratzel discorrerá sobre a beleza da natureza, os ritmos e estilos da paisagem, a importância da imagem, da palavra, da poesia e da pintura nas descrições geográficas (RATZEL,

---

<sup>43</sup> Por exemplo, a retomada da idéia de *Lebensraum* na República de Weimar e na Alemanha nazista.

1906). Neste sentido, apenas a tradução dos títulos e subtítulos dos últimos capítulos já fornecem uma ideia das inúmeras possibilidades de entendimento do pensamento ratzeliano neste período.

É nítido, e este argumento foi comprovado ao longo da dissertação, a preocupação de Ratzel com o alargamento dos diálogos entre os campos de saberes (CARVALHO, 2010), como uma alternativa ao cientificismo e a fragmentação disciplinar, tão característicos no início do século XX. Ratzel dialogou com este universo cultural e científico do *fin de siècle*, e preocupou-se em apresentar novas possibilidades interpretativas à Geografia institucionalizada que o próprio Ratzel ajudou a construir.

Considerado um dos mais ilustres professores de Leipzig, onde praticou boa parte de sua atividade docente, é notável a intensa divulgação e dimensão de suas aulas. Ratzel ministrou cerca de cento e vinte e oito (128) aulas, cursos e palestras, ao longo de dezoito anos de atividade docente, entre 1886 e 1904, ano de sua morte. Um olhar mais analítico para o quadro demonstra que estas aulas foram um importante veículo de divulgação das teses ratzelianas, mas também foi um meio de qualificação do corpo docente de geografia através de uma gama de atividades, seminários e exercícios geográficos. É possível notar diferenças de conteúdos em relação à Peschel, pois em Ratzel são evidentes os conhecimentos de geografia política e principalmente Antropogeografia. Também são marcantes neste período aulas de geografia política, com referências à Europa e às colônias, assim como o conhecimento dos territórios da Alemanha e dos “territórios não-alemães”, demonstrando uma intensa atividade, visando uma construção simbólica à serviço dos objetivos expansionistas da Alemanha. Mas há também um caráter estritamente geográfico em seus cursos, demonstrando um comprometimento com o amplo e diverso conhecimento geográfico: Geografia política, Antropogeografia, paisagens naturais, transporte, climatologia, história, biogeografia, viagens e relatos, construção de mapas, ensino de geografia, tipos de solo, concepções científicas e representação de paisagens.

## Quadro 2 – Cursos e Palestras de Friedrich Ratzel (1886 – 1904)

<b>SEMESTER</b>	<b>VERANSTALTUNG</b>
<u>WS 1886</u>	<b><i>Anthropogeographie</i></b> Antropogeografia
<u>WS 1886</u>	<b><i>Ueber Schnee, Firn und Gletscher</i></b> Sobre neves e geleiras
<u>WS 1886</u>	<b><i>Geographisches Colloquium</i></b> Colóquio de Geografia
<u>SS 1887</u>	<b><i>Länder- und Völkerkunde von Africa</i></b> Pais e etnologia da África
<u>SS 1887</u>	<b><i>Ausgewählte Abschnitte aus der Geographie des Hochgebirges nebst Anleitung zu Beobachtungen</i></b> Seções selecionadas de Geografia das altas montanhas – juntamente com instruções para observações
<u>SS 1887</u>	<b><i>Geographische Uebungen und Arbeiten Geübterer im geographischen Semina</i></b> Exercícios geográficos praticados em seminário
<u>WS 1887</u>	<b><i>Allgemeine Erdkunde (mit Ausschluss der Anthropogeographie)</i></b> Geografia geral (com excessão da Geografia humana)
<u>WS 1887</u>	<b><i>Ueber Culturwerth und Colonisation afrikanischer Gebiete</i></b> Sobre a cultura e a colonização dos territórios africanos
<u>WS 1887</u>	<b><i>Geographisches Colloquium und Arbeiten Geübterer im Königlichen Geographischen Seminar</i></b> Colóquio de Geografia e trabalho praticado no seminário Geografia Real
<u>SS 1888</u>	<b><i>Einleitung in die allgemeine politische Geographie. Politische Geographie von Europa</i></b> Introdução à Geografia política geral: Geografia política da Europa
<u>SS 1888</u>	<b><i>Geographie und Entdeckungsgeschichte der Polarregionen</i></b> Geografia e História das descobertas em regiões polares
<u>SS 1888</u>	<b><i>Uebungen im Königlichen geographischen Seminar und Arbeiten für Geübtere</i></b> Exercícios de seminários - Geografia Real
<u>WS 1888</u>	<b><i>Anthropogeographie (mit Demonstrationen im Museum für Völkerkunde)</i></b> Geografia humana (com demonstrações do Museu de Etnologia)
<u>WS 1888</u>	<b><i>Deutschland und die Nachbarländer</i></b>

<b>SEMESTER</b>	<b>VERANSTALTUNG</b>
	Alemanha e países vizinhos
<u>WS 1888</u>	<b><i>Geographisches Seminar: Repetitorium der allgemeinen Erdkunde in Verbindung mit Uebungen im Lesen und Zeichnen von geographischen Karten</i></b> Seminário de Geografia: A Geografia geral em conexão com exercícios de leitura e desenho de mapas geográficos
<u>SS 1889</u>	<b><i>Politische Geographie, Zweiter Theil (Ausereuropäische Staaten u. Colonien)</i></b> Geografia política, segunda parte. Países não-europeus e colônias
<u>SS 1889</u>	<b><i>Die Alpen</i></b> Os Alpes
<u>SS 1889</u>	<b><i>Im Königlichen geographischen Seminar (Geographische Uebungen; Unterweisung im Kartenzeichnen; Arbeiten Geübterer und gemeinsame Besprechungen über dieselben)</i></b> No seminário Geografia Real (exercícios geográficos, instruções de desenhos e mapas trabalhados juntos na mesma reunião)
<u>WS 1889</u>	<b><i>Allgemeine Erdkunde</i></b> Geografia geral
<u>WS 1889</u>	<b><i>Königliches geographisches Seminar (Uebungen im Kartenzeichnen und Kartenlesen. Arbeiten Vorgesrittenerer)</i></b> Seminário de Geografia Real (exercícios de desenhos e leitura de mapas) Trabalhos avançados
<u>SS 1890</u>	<b><i>Allgemeine politische Geographie (mit besonderer Berücksichtigung Europas und der Colonien)</i></b> Geografia política geral (com especial referência para Europa e colônias)
<u>SS 1890</u>	<b><i>Im Königlichen geographischen Seminar (Geographische Uebungen und Arbeiten; Uebungen im Kartenzeichnen und Kartenlesen)</i></b> Seminário da Geografia geral (exercícios geográficos e atividade, desenho e leitura de mapas.
<u>WS 1890</u>	<b><i>Deutschland und die Gebiete der Deutschen</i></b> Alemanha e os territórios da Alemanha
<u>WS 1890</u>	<b><i>Afrika</i></b> África
<u>WS 1890</u>	<b><i>Königliches geographisches Seminar ... Geographische Uebungen</i></b> Geografia Real – exercícios de seminários
<u>WS 1890</u>	<b><i>Königliches geographisches Seminar ... Uebungen im Zeichnen und Lesen</i></b>

<b>SEMESTER</b>	<b>VERANSTALTUNG</b>
	<b><i>geographischer Karten</i></b> Seminário de Geografia Real: exercícios de desenho e leitura de mapas geográficos.
<u>SS 1891</u>	<b><i>Einleitung in das Studium der Geographie</i></b> Introdução aos Estudos Geográficos
<u>SS 1891</u>	<b><i>Die Alpen</i></b> Os Alpes
<u>SS 1891</u>	<b><i>Im Königlichen geographischen Seminar ... Uebungen im Kartenzeichnen und lesen</i></b> Seminário de Geografia Real – exercícios de desenho de mapas e leitura
<u>SS 1891</u>	<b><i>Im Königlichen geographischen Seminar ... Uebungen in Allgemeiner Erdkunde in zwei Abtheilungen, f. Anfänger u. Fortgeschrittene</i></b> Seminário de Geografia real: Exercícios de geografia geral em duas partes: alunos iniciantes e avançados
<u>WS 1891</u>	<b><i>Allgemeine Erdkunde (die Grundzüge der Biogeographie einschliessend)</i></b> Geografia geral (inclusive a biogeografia)
<u>WS 1891</u>	<b><i>Königliches geographisches Seminar: ... Geographische Uebungen in 2 Abtheilungen, für Anfänger und Fortgeschrittenere</i></b> Seminário de Geografia geral: exercícios geográficos em duas partes – alunos iniciant e avançados
<u>SS 1892</u>	<b><i>Politische Geographie mit besonderer Berücksichtigung Europas und der Colonien</i></b> Geografia política, com especial referência para a Europa e as colônias
<u>SS 1892</u>	<b><i>Die vereinigten Staaten von Amerika</i></b> Os estados unidos da América
<u>SS 1892</u>	<b><i>Königliches geographisches Seminar ... Geographische Uebungen in 2 Abtheilungen, für Anfänger und Fortgeschrittene</i></b> Seminário de Geografia real: exercícios geográficos em duas divisões – alunos iniciant e avançados
<u>WS 1892</u>	<b><i>Uebersicht der Natur- und Völkerverhältnisse von Afrika</i></b> Visão geral das relações naturais e internacionais da África
<u>WS 1892</u>	<b><i>Geographie von Deutschland und Frankreich</i></b> Geografia da Alemanha e da França
<u>WS 1892</u>	<b><i>Königliches geographisches Seminar ... Geographische Uebungen in 2 Abtheilungen, für Anfänger und Fortgeschrittenere</i></b>

<b>SEMESTER</b>	<b>VERANSTALTUNG</b>
	Seminário de Geografia real: exercícios geográficos em duas divisões – alunos iniciantes e avançados
<u>SS 1893</u>	<b><i>Einleitung in das Studium der Geographie</i></b> Introdução ao estudo da Geografia
<u>SS 1893</u>	<b><i>Das Mittelmeer und die Mittelmeerländer</i></b> O mediterrâneo e os países mediterrâneos
<u>SS 1893</u>	<b><i>Geographische Uebungen für Anfänger und Fortgeschrittenere</i></b> Exercícios geográficos para iniciantes e alunos avançados
<u>WS 1893</u>	<b><i>Allgemeine Erdkunde I. Theil: Physikalische Geographie</i></b> Parte 1: Geografia Geral: Geografia física
<u>WS 1893</u>	<b><i>Uebersicht der wichtigsten Staaten der aussereuropäischen Welt</i></b> Levantamento dos principais estados do mundo não-europeu
<u>WS 1893</u>	<b><i>Geographische Uebungen für Anfänger: Orientirung und Kartenlesen, für Fortgeschrittenere: Ausgewählte Kapitel der Physikalischen Geographie</i></b> Exercícios de Geografia para iniciantes: Leitura aproximada e mapa para estudantes avançados: Tópicos selecionados em Geografia física
<u>SS 1894</u>	<b><i>Die Alpen</i></b> Os Alpes
<u>SS 1894</u>	<b><i>Grundzüge der politischen Geographie</i></b> Geografia política ampla
<u>SS 1894</u>	<b><i>Geographische Uebungen, für Anfänger: Orientirung und Kartenlesen; für Fortgeschrittenere: Probleme der politischen Geographie</i></b> Exercícios de Geografia para iniciantes: Aproximação e leitura de mapas para estudantes avançados: Problemas de Geografia política
<u>WS 1894</u>	<b><i>Ueberblick der Länder und Völker Afrikas</i></b> Visão geral dos países e povos da África
<u>WS 1894</u>	<b><i>Deutschland und die Nachbarländer</i></b> Alemanha e países vizinhos
<u>WS 1894</u>	<b><i>Uebungen für Anfänger: Deutschland; für Fortgeschrittenere: Aufgaben aus der physikalischen Geographie</i></b> Exercícios para iniciantes: Alemanha Avançado: tarefas de Geografia física

<b>SEMESTER</b>	<b>VERANSTALTUNG</b>
<u>WS 1894</u>	<b><i>Uebungen im Kartenzeichnen, besonders für die Zwecke des Unterrichts berechnet ... Abriss der Kartenlehre</i></b>
<u>SS 1895</u>	<b><i>Allgemeine Erdkunde. I. Methodenlehre, Uebersicht und geschichtliche Einleitung</i></b> Geografia geral. I. Métodos, Introdução e visão histórica
<u>SS 1895</u>	<b><i>Das Mittelmeer und die Mittelmeerländer</i></b> O mediterrâneo e os países mediterrâneos
<u>SS 1895</u>	<b><i>Geographische Uebungen, für Anfänger: Orientirung auf der Erde; für Fortgeschrittenere: Die Litteratur der Reisebeschreibungen</i></b> Exercícios geográficos para iniciantes: Orientação sobre a terra Avançado: Literatura de livros de viagens
<u>WS 1895</u>	<b><i>Allgemeine Erdkunde, II. Morphologie der Erde</i></b> Geografia Geral: Morfologia da Terra II
<u>WS 1895</u>	<b><i>Grundzüge einer politischen Ethnographie</i></b> Contornos de uma Geografia política
<u>WS 1895</u>	<b><i>Uebersicht der aussereuropäischen Staaten und Kolonialreiche</i></b> Visão geral dos Estados não-europeus e dos Impérios
<u>WS 1895</u>	<b><i>I. Uebungen für Anfänger: Erdtheile, Inseln und Küsten; II. für Fortgeschrittenere: Aufgaben aus der politischen Geographie</i></b> Exercícios para iniciantes: Cantos do mundo, ilhas e costas Avançado: Deveres/princípios da Geografia política
<u>SS 1896</u>	<b><i>Geographie des flüssigen und festen Wassers und Klimatologie</i></b> Geografia da água em estado líquido e sólido, e Climatologia
<u>SS 1896</u>	<b><i>Natürliche und historische Landschaft</i></b> Paisagem natural e histórica
<u>SS 1896</u>	<b><i>Uebersicht der Litteratur der Reisebeschreibungen</i></b> Levantamento da literatura dos livros de viagens
<u>SS 1896</u>	<b><i>Colloquium über ausgewählte Theile der Physikalischen Geographie (für Fortgeschrittenere)</i></b> Colóquio de partes selecionadas da Geografia física (para estudos avançados)
<u>WS 1896</u>	<b><i>Der Erdkunde letzter Theil: Grundzüge einer allgemeinen Biogeographie</i></b> A última parte da geografia: contornos de uma biogeografia geral.
<u>WS 1896</u>	<b><i>Die Anwendung der Erdkunde auf die Geschichte</i></b> A aplicação da Geografia à História

<b>SEMESTER</b>	<b>VERANSTALTUNG</b>
<u>WS 1896</u>	<b><i>Deutschland und die Länder der Deutschen</i></b> Alemanha e os países em alemão
<u>WS 1896</u>	<b><i>Uebungen für Fortgeschrittenere: Besprechung über die Hauptpunkte der Geographie von Mitteleuropa</i></b> Exercícios avançados: reunião dos principais pontos da geografia da Europa central
<u>SS 1897</u>	<b><i>Die Alpen und verwandte Gebirge</i></b> As montanhas dos alpes
<u>SS 1897</u>	<b><i>Grundlinien der politischen und Verkehrsgeographie</i></b> Elementos da geografia política e transporte
<u>SS 1897</u>	<b><i>Englands Weltmacht und Weltpolitik</i></b> O poder da Inglaterra e as políticas mundiais
<u>SS 1897</u>	<b><i>Erklärung ausgewählter Stücke aus den Schriften von Reinhold Forster, A. von Humboldt und Karl Ritter</i></b> Explicação das peças selecionadas a partir de Reinhold Foster, Humboldt e Karl Ritter
<u>WS 1897</u>	<b><i>Einleitung in das Studium der Geographie (Methodik; Geschichte; Geogenie)</i></b> Introdução ao estudo da Geografia (Metodologia, história, geogênese)
<u>WS 1897</u>	<b><i>Anthropogeographie</i></b> Antropogeografia
<u>WS 1897</u>	<b><i>Frankreich</i></b> França
<u>WS 1897</u>	<b><i>Uebungen für Fortgeschrittenere: Probleme der physikalischen Geographie</i></b> Exercícios avançados: Problemas de geografia física
<u>SS 1898</u>	<b><i>Allgemeine Erdkunde, II. Theil: Geographie des Landes</i></b> Geografia geral, II: Geografia dos países
<u>SS 1898</u>	<b><i>Das Mittelmeer und die Mittelmeerländer</i></b> Mediterrâneo e países do mediterrâneo
<u>SS 1898</u>	<b><i>Landschaften und Städte Mitteleuropas</i></b> Paisagens e cidades da Europa central
<u>SS 1898</u>	<b><i>Ausgewählte Fragen der Anthropogeographie</i></b> Questões selecionadas de Antropogeografia
<u>WS 1898</u>	<b><i>Geographie des Wassers und Klimatologie</i></b> Geografia das águas e Climatologia
<u>WS 1898</u>	<b><i>Grundzüge der politischen Ethnographie</i></b>

<b>SEMESTER</b>	<b>VERANSTALTUNG</b>
	Etnografia política
<u>WS 1898</u>	<b><i>Die wichtigsten aussereuropäischen Staaten und Kolonien</i></b> O mais importante dos países não-europeus e colônias
<u>WS 1898</u>	<b><i>Uebungen für Fortgeschrittenere: Ausgewählte Kapitel der physikalischen Geographie</i></b> Exercícios avançados: tópicos selecionados de Geografia física
<u>SS 1899</u>	<b><i>Allgemeine Erdkunde, IV. Theil: Biogeographie</i></b> Geografia geral, IV: Biogeografia
<u>SS 1899</u>	<b><i>Deutschland und Mitteleuropa (mit Projectionsbildern)</i></b> Alemanha e Europa central (com imagens de projeção)
<u>SS 1899</u>	<b><i>Die Reisebeschreibungen</i></b> Os livros de viagens
<u>SS 1899</u>	<b><i>Uebungen für Fortgeschrittenere über das Landschaftliche im Unterricht und im Studium der physikalischen und politischen Geographie</i></b> Exercícios mais avançados sobre o cenário no ensino e estudo da geografia física e política
<u>WS 1899</u>	<b><i>Allgemeine Erdkunde, erste Hälfte (Einleitung, Morphologie, Hydrologie)</i></b> Geografia geral (Introdução, morfologia, hidrologia)
<u>WS 1899</u>	<b><i>Frankreich, Italien, Spanien und Portugal</i></b> França, Itália, Espanha e Portugal.
<u>WS 1899</u>	<b><i>Uebungen für Fortgeschrittenere über geomorphologische Fragen nebst Anleitung zum geographischen Zeichnen</i></b> Exercícios mais avançados para as questões geomorfológicas e geografia junto a instruções para desenho.
<u>SS 1900</u>	<b><i>Allgemeine Erdkunde, II. Theil: Oceanographie und Klimatologie</i></b> Geografia Geral, II: Oceanografia e Climatologia
<u>SS 1900</u>	<b><i>Die Grundzüge der Landschaftskunde und der Naturschilderung (mit Projectionen)</i></b> As características básicas da paisagem e da narração da natureza (com projeções)
<u>SS 1900</u>	<b><i>Die aussereuropäischen Länder und Hauptplätze des Weltverkehrs in ihren politischen und wirtschaftlichen Beziehungen zu Deutschland (Vorlesungen und Besprechungen)</i></b> Os países não-europeus e os principais locais de tráfego do mundo e suas relações políticas e econômicas com a Alemanha (palestras e reuniões)

<b>SEMESTER</b>	<b>VERANSTALTUNG</b>
<u>SS 1900</u>	<b><i>Uebungen für Fortgeschrittenere über anthropogeographische Fragen</i></b> Exercícios e questões mais avançadas sobre Antropogeografia
<u>WS 1900</u>	<b><i>Einleitung in das Studium und den Unterricht der Geographie; Methodik und Geschichte der neueren Erdkunde</i></b> Introdução ao estudo e ensino de Geografia, história e metodologia da Geografia moderna.
<u>WS 1900</u>	<b><i>Deutschland und das deutsche Mitteleuropa ... in Verbindung mit Besprechungen</i></b> Alemanha e os alemães da Europa central...
<u>WS 1900</u>	<b><i>Besprechungen über die Geographie von Deutschland (Politisch- und wirtschaftsgeographische Abtheilung)</i></b> Discussões sobre a Geografia da Alemanha (divisão política e geográfica)
<u>WS 1900</u>	<b><i>Besprechungen über die Geographie von Deutschland (Physikalisch-geographische Abtheilung)</i></b> Discussões sobre a geografia da Alemanha
<u>SS 1901</u>	<b><i>Allgemeine Erdkunde, I. Theil; Erdtheile, Inseln und Bodenformen</i></b> Geografia geral, I: Cantos do globo, ilhas e formas da terra
<u>SS 1901</u>	<b><i>Länder und Völker Europas in der Gegenwart, mit besonderer Berücksichtigung ihrer politisch- und wirtschaftsgeographischen Verhältnisse. Mit Besprechungen</i></b> Países e povos da Europa na atualidade, com particular referência às duas condições políticas, econômicas e geográficas
<u>SS 1901</u>	<b><i>Geographische Uebungen für Fortgeschrittenere: Einführung in die Litteratur der physikalischen Geographie</i></b> Exercícios geográficos avançados: Introdução a literatura da geografia física
<u>WS 1901</u>	<b><i>Meeres- und Gewässerkunde</i></b> Marinha, e hidrologia
<u>WS 1901</u>	<b><i>Ueber die wissenschaftlichen Grundlagen der Beurtheilung der Völker</i></b> Sobre a base científica no julgamento dos povos/nações
<u>WS 1901</u>	<b><i>Verkehrsgeographie</i></b> Geografia do transporte
<u>WS 1901</u>	<b><i>Uebungen und Besprechungen über ozeanographische Karten und Litteratur</i></b> Exercícios e discussões sobre a literatura e os mapas oceanográficos
<u>SS 1902</u>	<b><i>Biogeographie und Grundzüge der Anthropogeographie</i></b>

<b>SEMESTER</b>	<b>VERANSTALTUNG</b>
	Biogeografia e linhas gerais da antropogeografia
<u>SS 1902</u>	<b><i>Die aussereuropäischen Staaten, politisch und wirtschaftsgeographisch</i></b> Os países não-europeus...
<u>SS 1902</u>	<b><i>Übungen für Fortgeschrittenere über Aufgaben aus der Biogeographie und Anthropogeographie</i></b> Exercícios e tarefas mais avançadas de biogeografia e geografia humana
<u>SS 1902</u>	<b><i>Gemeinsame Besprechungen über die wissenschaftlichen Arbeiten der selbständigen Mitglieder</i></b> Reuniões conjuntas de trabalhos científicos dos membros independentes
<u>WS 1902</u>	<b><i>Einleitung in die allgemeine Erdkunde: Methodik, Geschichte und Uebersicht</i></b> Introdução a geografia geral: Metodologia, história e visão geral
<u>WS 1902</u>	<b><i>Das deutsche Reich und die mitteleuropäischen Nachbarländer, physisch, politisch und wirtschaftsgeographisch</i></b> O Reich alemão e os países vizinhos da Europa central...
<u>WS 1902</u>	<b><i>Übungen für Fortgeschrittenere über die geographischen Hauptwerke des letzten Jahrhunderts</i></b> Exercícios avançados sobre as principais obras geográficas do século passado.
<u>WS 1902</u>	<b><i>Besprechungen mit den selbständigen Geographen über wissenschaftliche Arbeiten</i></b> Reuniões com os trabalhos científicos independentes dos geógrafos.
<u>SS 1903</u>	<b><i>Geographie der Festländer, Inseln und Küsten</i></b> Geografia dos continentes, Ilhas e costas
<u>SS 1903</u>	<b><i>Der Atlantische Ozean und die atlantischen Mächte, politisch- und verkehrsgeographisch</i></b> O oceano atlântico e as potências do Atlântico: o tráfego, política e geograficamente.
<u>SS 1903</u>	Die wissenschaftliche Auffassung und Darstellung der Landschaft A concepção científica e a representação da paisagem
<u>SS 1903</u>	<b><i>Geographische Übungen über ausgewählte Fragen der Morphologie</i></b> Exercícios sobre questões geográficas selecionadas de morfologia
<u>SS 1903</u>	<b><i>Besprechungen mit den selbständigen Geographen</i></b> Reuniões com geógrafos independentes
<u>WS 1903</u>	<b><i>Die Bodenformen und ihre Entstehung</i></b> Os tipos de solo e sua formação
<u>WS 1903</u>	<b><i>Der Indische Ozean, seine Randländer und Inseln, politisch und</i></b>

<b>SEMESTER</b>	<b>VERANSTALTUNG</b>
	<b>wirtschaftsgeographisch</b> O oceano Índico, suas terras marginais e ilhas; geografia política e econômica
<u>WS 1903</u>	<b>Verkehrsgeographie</b> Geografia do transporte
<u>WS 1903</u>	<b>Übungen für Fortgeschrittenere über Gebirgs- und Talbildung</b>
<u>WS 1903</u>	<b>Besprechung selbständiger Arbeiten</b> Reunião de trabalhos independentes
<u>SS 1904</u>	<b>Geographie der Wasserhülle der Erde</b> Geografia da água ao redor da terra
<u>SS 1904</u>	<b>Die Staaten und Völker Europas, politisch- und wirtschaftsgeographisch</b> Os Estados e os povos da Europa – geografia política e econômica
<u>SS 1904</u>	<b>Raum und Zeit in der Geschichte der Erde und der Völker</b> Espaço e tempo na história da terra e dos povos
<u>SS 1904</u>	<b>Übungen für Fortgeschrittenere: Ausgewählte Abschnitte aus der Physikalischen Geographie und Besprechung selbständiger Arbeiten</b> Exercícios mais avançados: seções selecionadas de geografias física, trabalho independente e discussões.
<u>WS 1904</u>	<b>Biogeographie und Grundzüge der Anthropogeographie</b> Biogeografia e linhas gerais da Antropogeografia
<u>WS 1904</u>	<b>Das deutsche Reich und Mitteleuropa: Natur, Völker, Staaten</b> O império alemão e a Europa central
<u>WS 1904</u>	<b>Übungen für Fortgeschrittenere über biogeographische und anthropogeographische Fragen</b> Exercícios e questões avançadas de biogeografia e antropogeografia.

FONTE: Catálogo retirado do site oficial da Universidade de Leipzig, região da Saxônia, Alemanha. Historische Vorlesungsverzeichnisse der Universität Leipzig/Catálogo Histórico de cursos da Universidade de Leipzig (<http://histvv.uni-leipzig.de>). Organizado e traduzido por Ricardo Devides (2012).

Hettner também dialoga com sua contemporaneidade, e vai buscar uma alternativa para a Geografia. Os primeiros anos do séc. XX compreendem o auge do imperialismo, da fragmentação das ciências, da Geografia institucionalizada. A sociedade respira os ares da proximidade da Primeira Guerra Mundial, e no campo do conhecimento científico surgem novas concepções, teorias, visões de mundo (germinadas desde finais do séc. XIX: Dilthey, Nietzsche, Heidegger, os neokantianos, o Marxismo; A fenomenologia de Husserl, Freud, dentre outros). Reflexões e críticas a unidade positivista vigente, incapaz de dar conta das questões práticas que se apresentavam.

Geógrafo e editor da *Geographische Zeitschrift*, Alfred Hettner (1859 – 1941), professor de Heidelberg, orientando de Ratzel, debate e explora o conhecimento filosófico e científico de sua época, e desenvolve um resgate histórico e filosófico do desenvolvimento da Geografia, e retomando Kant a partir dos neokantianos Rickert e Windelband, apresenta uma nova proposta metodológica para a Geografia, que sendo corológica, pauta-se pelo estudo da diferenciação das áreas.

Vivenciando uma geografia em crise com a sua identidade teórica e metodológica, Hettner têm um papel fundamental ao apresentar uma nova possibilidade metodológica, para dar conta de analisar as novas problemáticas da sociedade. O artigo em questão, “*Das Wesen um die Methoden der Geographie*” (A essência e os métodos em Geografia, 1905), um ano após a *Über Naturschilderung*, também surge, assim como inúmeros outros artigos da época, publicados na *Geographische Zeitschrift*, da necessidade de Hettner de buscar uma alternativa à Geografia que estava posta em seu duplo estatuto de interesses (CARVALHO, 2010); apresentando as bases e reflexões para a sistematização da concepção de *Länderkunde*. Podemos dizer que os trabalhos de Hettner, no início do século XX, fecham um ciclo na ciência geográfica alemã, já que as conseqüências da Primeira Guerra Mundial (1914 – 1918) serão marcantes para a Alemanha, refletindo no desenvolvimento científico desta nação por um longo período.

Assim como Peschel e Ratzel, Hettner também esteve vinculado à Leipzig, apesar de estabelecer-se em sua maior parte da vida acadêmica no círculo de Heidelberg. Entre 1887 e 1897, Hettner ministrou cerca de trinta e oito cursos (38), que também se caracterizaram por atividades, seminários e exercícios geográficos. Foi contemporâneo de Ratzel nestas atividades em Leipzig, já que neste período foi orientando e professor-assistente de Ratzel.

### Quadro 3 – Cursos e Palestras de Alfred Hettner (1887 – 1897)

<b>SEMESTER</b>	<b>VERANSTALTUNG</b>
<u>WS 1887</u>	<b><i>Geographie von Südamerika</i></b> Geografia da América do Sul
<u>SS 1888</u>	<b><i>Geographie von Nord- und Mittelamerika</i></b> Geografia do Norte, e América Central.
<u>SS 1888</u>	<b><i>Geographische Uebungen</i></b> Exercícios Geográficos.
<u>SS 1890</u>	<b><i>Gebirgskunde</i></b> Orografia.
<u>WS 1890</u>	<b><i>Geographie von Südamerika</i></b> Geografia da América do Sul
<u>SS 1891</u>	<b><i>Uebersicht der Geographie von Europa</i></b> Visão geral da Geografia da Europa
<u>SS 1891</u>	<b><i>Geographische Uebungen</i></b> Exercícios Geográficos
<u>WS 1891</u>	<b><i>Geographie der Weltwirtschaft und des Welthandels</i></b> Geografia do Mundo animal e do comércio mundial
<u>WS 1891</u>	<b><i>Geographische Uebungen</i></b> Exercícios Geográficos
<u>SS 1892</u>	<b><i>Geographie von Asien</i></b> Geografia da Ásia
<u>SS 1892</u>	<b><i>Geographische Uebungen</i></b> Exercícios geográficos
<u>WS 1892</u>	<b><i>Geschichte der Entdeckung Amerikas</i></b> História da descoberta da América
<u>SS 1893</u>	<b><i>Grundzüge der physischen Geographie</i></b> Ampla Geografia Física
<u>SS 1893</u>	<b><i>Geographische Uebungen</i></b> Exercícios Geográficos.
<u>WS 1893</u>	<b><i>Geographie des Weltverkehrs</i></b> Geografia do tráfego mundial
<u>WS 1893</u>	<b><i>Die Tropenländer, ihre Bewohner und ihre Volkswirtschaft</i></b>

<b>SEMESTER</b>	<b>VERANSTALTUNG</b>
	O país tropical, seu povo e sua economia nacional
<u>WS 1893</u>	<b><i>Geographische Uebungen (Lehre von den Ansiedelungen)</i></b> Exercícios de geografia (estudos dos assentamentos)
<u>SS 1894</u>	<b><i>Geographie von Europa (mit Ausschluss der Mittelmeerländer)</i></b> Geografia da Europa (com excessão do Mediterrâneo)
<u>SS 1894</u>	<b><i>Geographische Uebungen</i></b> Exercícios de geografia
<u>WS 1894</u>	<b><i>Grundzüge der physischen Geographie (Erdoberfläche und Gewässer)</i></b> Fundamentos de geografia física: Terra e água
<u>WS 1894</u>	<b><i>Die Kolonien Europas und ihre wirtschaftliche Bedeutung</i></b> As colônias da Europa e sua importância
<u>WS 1894</u>	<b><i>Geographische Uebungen</i></b> Exercícios de Geografia
<u>SS 1895</u>	<b><i>Physische Geographie II. Theil (Geographie der Meere und Klimatologie)</i></b> Geografia física, parte II (Geografia dos oceanos e Climatologia)
<u>SS 1895</u>	<b><i>Uebersicht der Geographie von Amerika</i></b> Levantamento da Geografia da América
<u>SS 1895</u>	<b><i>Geographische Uebungen</i></b> Exercícios de Geografia
<u>WS 1895</u>	<b><i>Geographie von Westeuropa (Pyrenäenhalbinsel, Frankreich, britische Inseln und Skandinavien)</i></b> Geografia da Europa ocidental (Península Ibérica, França, Ilhas britânicas e Escandinávia)
<u>WS 1895</u>	<b><i>Grundzüge der Pflanzen- und Tiergeographie, mit besonderer Berücksichtigung der Kulturpflanzen und Haustiere</i></b> Fundamentos da geografia dos vegetais e animais, com particular ênfase na cultura de animais domésticos
<u>WS 1895</u>	<b><i>Geographische Uebungen</i></b> Exercícios de Geografia
<u>SS 1896</u>	<b><i>Geographie von Süd- und Osteuropa</i></b> Geografia do sul e Europa oriental
<u>SS 1896</u>	<b><i>Geographische Uebungen (Norddeutschland)</i></b> Exercícios geográficos (Norte da Alemanha)

<b>SEMESTER</b>	<b>VERANSTALTUNG</b>
<u>WS 1896</u>	<b><i>Geographie von Nord- und Osteuropa</i></b> Geografia do norte e Europa oriental
<u>WS 1896</u>	<b><i>Geographie des Weltverkehrs</i></b> Geografia do tráfego mundial
<u>WS 1896</u>	<b><i>Geographische Uebungen (Siedlungskunde)</i></b> Exercícios de Geografia (uso da terra)
<u>SS 1897</u>	<b><i>Physische Geographie, I. Theil (Feste Erdoberfläche)</i></b> Geografia física, parte I: Terra sólida
<u>SS 1897</u>	<b><i>Geographische Uebungen (Bevölkerungsdichte und Ansiedelungen deutscher Landschaften)</i></b> Exercícios de Geografia (densidade populacional e paisagens em assentamentos alemães)
<u>WS 1897</u>	<b><i>Physische Geographie, II. Theil (Hydrographie und Klimatologie)</i></b> Geografia física, parte II (Hidrografia e climatologia)
<u>WS 1897</u>	<b><i>Vergleichende Uebersicht der europäischen Kolonien</i></b> Levantamento comparativos das colônias européias
<u>WS 1897</u>	<b><i>Geographische Uebungen</i></b> Exercícios de Geografia

FONTE: Catálogo retirado do site oficial da Universidade de Leipzig, região da Saxônia, Alemanha. Historische Vorlesungsverzeichnisse der Universität Leipzig/Catálogo Histórico de cursos da Universidade de Leipzig (<http://histvv.uni-leipzig.de>). Organizado e traduzido por Ricardo Devides (2012)

Peschel, Ratzel e Hettner foram ativos no processo de institucionalização da Geografia na Alemanha pós-unificação territorial. Assim como salientado anteriormente, ambos foram contemporâneos em um período específico de suas vidas, ligados pelo meio acadêmico de Leipzig, e ao contexto de estruturação da geografia nesta Universidade saxônica. O período de institucionalização da Geografia, na virada do século XIX – XX, também é o momento do auge do imperialismo alemão, e estes processos foram vivenciados pelos pensadores, cada qual em sua especificidade. Na relação com o Estado alemão, Ratzel se destaca frente à Peschel e Hettner, pois suas ideias e concepções de Estado, território e espaço, apesar de toda cientificidade que o caracterizou, foram facilmente incorporadas por Bismarck na legitimação do imperialismo.

Também é possível observar, a partir do estudo de Peschel, Ratzel e Hettner, as condições e transformações contextuais mais importantes, inseridas no período pós-unificação territorial, e que influenciaram o modo de fazer e pensar a Geografia e os conceitos geográficos no período de expansão dos impérios. Teórica e metodologicamente, a evolução da geografia neste período perpassou pelas práticas e contribuições de Peschel, Ratzel e Hettner. É claro que estes não foram únicos, poderíamos rapidamente citar Ferdinand von Richthofen, Moritz Wagner, Albrecht Penck, Alfred Kirchhoff e o cartógrafo Heinrich Kiepert; mas a ligação e certas condições específicas de Peschel, Ratzel e Hettner (a vinculação de ambos com Leipzig e a história de Leipzig frente à institucionalização da Geografia), fornecem pressupostos necessários para analisá-los conjuntamente no processo de institucionalização da Geografia.

Depois de Peschel introduzir e solidificar as concepções darwinistas na Geografia, e tecer críticas a Humboldt e Ritter, Ratzel vai teorizar os principais conceitos necessários à construção do arcabouço teórico da ciência geográfica, como território e espaço. A questão metodológica será abordada intensamente por Hettner, que vai apresentar uma nova forma de pensar a Geografia e o espaço, buscando a solução kantiana (neokantismo) das ciências nomotéticas e ideográficas, e colocando o conceito de região enquanto categoria principal da Geografia.

Podemos compreender a importância dos trabalhos e das práticas de Peschel, Ratzel e Hettner à institucionalização da Geografia moderna na Alemanha; essenciais, ressalvadas as suas peculiaridades, ativos em um processo que foi sim consolidado, mas não acabado; como deixam claras as propostas de Ratzel e Hettner nas obras pontuadas por esta pesquisa. Importante, e será ressaltada novamente, a particularidade de cada autor no processo de institucionalização da Geografia, todos inseridos em uma Alemanha pós-unificação política e territorial, mas que contribuíram de forma diferenciada, e porque não dizer, com genialidade e olhares clínicos, para determinados processos e acontecimentos, à grandeza da Geografia alemã na passagem do século XIX – XX.

## 7- CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Esta proposta de buscar compreender o universo empírico da Alemanha, na segunda metade do séc. XIX e início do séc. XX, a época de ouro da Geografia, foi enriquecedor em vários aspectos. A necessidade efetiva de buscar ampliar os horizontes do conhecimento da história da Geografia, na medida em que um novo estudo apresenta naturalmente novas referências bibliográficas, das clássicas as mais atuais; e neste sentido amplia o escopo de argumentações e análises convergentes à pesquisa. Elemento peculiar e marcante referiu-se também a simetria incrível que têm a Filosofia para com a Geografia, dadas as devidas considerações temporais e espaciais, no processo de sistematização do conhecimento geográfico enquanto uma disciplina científica, dotada de rico arcabouço teórico-metodológico.

No tocante à pesquisa, é importante demonstrar que alguns processos poderiam ser melhores explorados. No entanto, algumas evidências ficam claras à luz do presente estudo: A importância e a dimensão de apoio, investimentos e construções simbólicas do Estado alemão unificado frente às universidades e à sociedade alemã no geral, buscando uma estreita ligação entre trabalho (desenvolvimento industrial) e ciência é notável. Em outra medida, a grandeza de Ratzel frente à Peschel e Hettner foi percebida em praticamente todos os aspectos deste estudo. A dimensão e diversidade de suas obras e práticas, o seu comprometimento único com a ciência, a interdisciplinaridade e suas reflexões no *fin de siècle*, demonstram a amplitude e importância de Ratzel em relação a outros ilustres pensadores. A correlação entre as palestras e cursos dos pensadores, assim como a abrangência destes conteúdos frente à sociedade alemã, principalmente professores do ensino básico e universitários, torna-se essencial para entender a profundidade das ações do Estado no período bismarckiano.

A busca por referências outras enriqueceu incontestavelmente as discussões e a dissertação. Mesmo com a dificuldade em obter acesso a alguns materiais internacionais, foi possível perceber que existem inúmeros artigos com pontos de vista diferentes sobre o processo de construção de uma disciplina científica, tanto teoricamente quanto na aplicação de diferentes metodologias, assim como interessante intercâmbio com outras ciências afins. Também foi interessante notar que muitos trabalhos inseridos no momento áureo da Geografia alemã ainda estão em alemão gótico (letra FRAKTUR), e apresento esta constatação como um ponto de dificuldade na busca por novas referências.

Foi o caso da obra de Ratzel, utilizada na presente dissertação. A obra completa, edição de 1906, está em alemão gótico, e só agora está sendo transcrita para o alemão moderno, e depois traduzida para o português. Em 2010, saiu a tradução do segundo capítulo da obra, realizada pelo professor Marcos Bernardino de Carvalho (2010, *GEOgraphia*), e agora esta presente pesquisa pode apresentar partes analisadas e trechos do primeiro capítulo da obra, *Beschreibung und Schilderung* (Descrição e Narração). Esta atividade, relativamente paralela, sacramentou um dos principais avanços desta pesquisa, ao apresentar de forma inédita parte de uma obra de um geógrafo tão basilar e genial como Friedrich Ratzel, abrindo assim um enorme campo de interpretação para a epistemologia da Geografia em futuras pesquisas.

Todo este conjunto de argumentações e reflexões também foi utilizado na escolha das obras analisadas, ou melhor, em partes delas. Consciente das limitações neste tipo de escolha, os textos foram elencados buscando a concretização dos objetivos, ao buscar pontuar e contextualizar parte de uma obra específica e original de cada autor. Também é de conhecimento a densidade das obras destes ilustres geógrafos alemães: “*The races of man and their Geographical distribution*”, de Peschel, têm cerca de trezentas páginas; a *Über Naturschilderung*, ainda em processo de tradução, quatrocentas. Apenas o artigo de Hettner, em espanhol, foi explorado completamente.

No conjunto geral da obra, os avanços foram definitivamente superiores aos obstáculos. Os objetivos e a hipótese foram contemplados, e mesmo assim os resultados possibilitam inúmeros caminhos a trilhar, principalmente no que se refere ao *fin de siècle*, um momento tão ímpar, rico e ao mesmo tempo nebuloso da história da sociedade, das ciências, da Geografia. Em suma, analisar um momento histórico passado é como adentrar em um mundo novo, já que a cada investida sempre se pode fazer um caminho diferente, uma constatação peculiar, enriquecedora, marcante. O pesquisador acostuma-se com o trabalho, visualizada o momento histórico, lê inúmeros artigos sobre o mesmo assunto e identifica erros, seleciona acertos. Sob este ponto de vista, o processo e a realização final, a dissertação, foi positiva em todos os sentidos, pois ao mesmo tempo em que uma pesquisa com estas características expõe muitas dificuldades, quase que ao mesmo tempo e de forma convergente, esbanja para a Geografia inúmeras possibilidades de enriquecimento.

## 8- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### 8.1- Obras analisadas pela presente pesquisa

PESCHEL, Oscar. **The Races of Man and their Geographical Distribution**. Henry S. King & Co. London, 1876, 2º edition.

MENDOZA, Josefina G; JIMÉNEZ, Julio M; CANTERO, Nicolás O. **El Pensamiento Geográfico**. Cap. La Naturaleza de la Geografía y sus Metodos (1905), Alfred Hettner. 2º edición, 1994, Madrid, Espana.

RATZEL, Friedrich. **Über Naturschilderung**. 1º Ed. 1904, Gottingen, Deutsche.

### 8.2- Referências metodológicas

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e Método**. 3ºed. Editora Vozes, Petrópolis, 1999.

GADAMER, Hans-Georg. **O problema da consciência histórica**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

LEAL, Halina. Racionalidade científica contextual: uma proposta. *Filosofia Unisinos*, 8(2): 191-201, 2007.

LENOIR, Timothy. Registrando a ciência os textos científicos e as materialidades da comunicação. *Episteme*, Porto Alegre, v.2, n.4, 33-57, 1997.

LENOIR, Timothy. **Instituindo a ciência: A produção cultural das disciplinas científicas**. Rio Grande do Sul: Editora Unisinos, 2004.

SALOMON. Dêlcio Vieira. **A Maravilhosa incerteza: Pensar, pesquisar e criar**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2000.

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. São Paulo: Editora Perspectiva: 22º Ed., 2009.

### 8.3- Bibliografia referenciada e consultada

- ARANTES, Leonardo. **O neokantismo e a natureza da Geografia**. In: SIMPÓSIO BRASIL – ALEMANHA, DEUTSCH BRASILIANISCHES SYMPOSIUM, 4., Curitiba: UFPR, 2009.
- ARANTES, Leonardo. Nossos clássicos: Alfred Hettner, A Geografia como ciência corológica da superfície terrestre. UFF: *GEOgraphia*, V. 13, N. 25, 2011.
- BAUAD, Fabrício P; NASCIMENTO, Sandra do. **Breve debate sobre as modernas concepções teleológicas de natureza: repercussões na geografia de Karl Ritter**. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO, 2., São Paulo: USP, 2009.
- BERDOULAY, Vincent. L'Histoire de la pensée géographique: enjeux cosmopolitiques. Lisboa: *Inforgeo*. Edições Colibri, 18/19, PP 21-36, 2006.
- BINIMELLIS, Cecília Q. Em torno das origens da Geopolítica alemã. *CENEGRI*. V.1 (3), nº5, Rio de Janeiro, 2006.
- BLACHE, Paul Vidal D. L. La géographie politique a propos des écrits de M. Frédéric Ratzel. *Annales de Géographie*. n. 32, ano 7, 1898.
- BROC, Numa. La géographie française face à la science allemande (1870 – 1914). *Annales de Géographie*. n. 473, 86, 1977.
- BUTTMANN, Günther. **Friedrich Ratzel: Leben und Werk eines deutschen Geographen** (1844 – 1904). Stuttgart: Wissenschaftliche Verlagsgesellschaft, 1977.
- CAMPOS, Rui R. A escola alemã de Geografia. *Geografia*, v. 26 (2): 9 – 67, Rio Claro, 2001.
- CARVALHO, Marcos B. Friedrich Ratzel (1844 – 1904): “O insípido está sempre incorreto”. *GEOgraphia*, v. 12, 23. UFF, Rio de Janeiro, 2010.
- CARVALHO, Marcos B. Diálogos entre as ciências sociais: um legado intelectual de Friedrich Ratzel (1844 – 1904). *Biblio 3w. Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales*. Universidad de Barcelona, nº 34, 1997.
- CARVALHO, Marcos B. Ratzel: releituras contemporâneas: uma reabilitação? *Biblio 3w. Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales*. Universidad de Barcelona Nº 25, 1997.
- CARVALHO, Marcos B. Geografia e complexidade. *Scripta Nova. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales*. Universidad de Barcelona Nº 35, 1999.
- CLAVAL, Paul. **Evolución de la Geografía Humana**. Madrid: Oikos-Tau, 1974.
- CAPEL, Horacio. **Filosofia y ciência en la geografia contemporânea**. Espanha: Barcanova, 1981.

- CAPEL, Horacio. **Filosofia e ciência na geografia contemporânea: uma introdução à Geografia**. V.1. Maringá: Massoni, 2008.
- CHAYUT, Michael. Tragedy and Science. *History of European Ideas*. 25, 163 – 177, 1999.
- COSTA, Wanderley M. A Afirmação da Geografia política como disciplina científica. (229 – 261). **Geografia política e Geopolítica**. São Paulo: Hucitec, 1992.
- COSTA, Vicente C. De la eugenesia al ecologismo. *Biblio 3W*: Vol. XV, nº 851, Universidad de Barcelona, Espana, 2009.
- DARWIN, Charles. **Origem das espécies**. São Paulo: Escala, 2009.
- DIAS, Elisabeth H. **A Natureza da Geografia e seus métodos em Alfred Hettner**, Rio de Janeiro, 2009 (TESE)
- DICKINSON, Robert E. **Germany: a general and regional geography**. Taylor & Francis, 1964.
- DUNBAR, Gary. S. **Geography: Discipline, Profession and subject since 1870**. Netherlands: The Geojournal Library, 2001.
- ENGELMANN, Gerhard. **Die Hochschulgeographie in Preußen 1810 – 1914**. Deutsche, Wiesbaden: Erdkundliches Wissen 64, 1983.
- ETGES, Virginia. E. . **A contribuição de Alfred Hettner à Geografia**. In: Mendonça, Francisco; Lowen-Sahr, Cicilian Luiza; Silva, Márcia da (Org.). Espaço e Tempo - Complexidade e desafios do pensar e do fazer geográfico. Curitiba: Editora UFPR, 2009.
- FARINELLI, Franco. Friedrich Ratzel and the nature of (political) geography. *Political Geography* 19, 943 – 955. *Pergamon*, Bologna, 2000.
- FILHO, Oswaldo B. A. Literatura de explorações e aventuras: As “viagens extraordinárias” de Júlio Verne. *Sociedade & Natureza*, Uberlândia, 20 (2): 107-119, 2008.
- FONSECA, Sandra R. B. M; VLACH, Vânia R. F. **Uma introdução à geopolítica clássica: de Ratzel a Haushofer**. SIMPÓSIO REGIONAL DE GEOGRAFIA, 2., Uberlândia: UFU, 2003.
- FREZZATTI, Wilson A. Haeckel e Nietzsche: aspectos da crítica ao mecanicismo do séc. XIX. *Revista Scientiae Studia*. São Paulo: FFLCH, USP, v. 1, n. 4, p. 435-61, 2003.
- FRANCHÉ, Dominique. La géopolitique comme idéologie. *Historie Payot*, French, 1995.
- FULBROOK, Mary. **Historia de Alemanha**. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.
- GODOC, Françoise. Un siècle de conquêtes. *Les Cahiers de Science et Vie*. Paris, nº 50, avril, 1999.
- GODOY, Paulo R. T (org). **História do Pensamento geográfico e epistemologia da Geografia**: São Paulo: Cultura acadêmica, 2010.

- HARRISON, Charles; FRASCINA, Francis. **Primitivismo, cubismo, abstração: começo do século XX**. São Paulo: Cosac e Naify Editor, 1998.
- HARTSHORNE, Richard. El concepto de geografía como ciencia del espacio: de Kant y Humboldt a Hettner. *Documents d'anàlisi geogràfica* 18, Barcelona, 31-54, 1991.
- HELLWALD, Friedrich v. **Oskar Peschel**. Deutsche: Augsburg, 1876.
- HELFERICH, Gerard. **O cosmos de Humboldt: Alexander von Humboldt e a viagem à América Latina que mudou a forma como vemos o mundo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.
- HOBBSAWM, Eric. **A era do capital**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 14° ed., 2009.
- HOBBSAWM, Eric. **A era dos Impérios**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 8° Ed., 2003.
- HOBBSAWM, Eric. **Como mudar o mundo: Marx e o marxismo, 1840 – 2011**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- HOLBORN, Hajo. **The History of Modern Germany**. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 1982.
- HUSSY, Charles. Y aurait-il deux Friedrich Ratzel?. *Cahiers de géographie du Québec*, Canadá, vol. 37, n° 101, p. 435-440, 1993.
- HUDSON, Brian. The New Geography and the New Imperialism (1870 – 1918). *Antipode*. 9 (2) 9 – 12, 1972
- KEYNES, Richard. **Aventuras e descobertas de Darwin a bordo do Beagle**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 2004.
- KOST, Klaus. Anti-Semitism in German Geography 1900 – 1945. *Geojournal*, 46, 285 – 291, 1999.
- JAPIASSU, Wilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2° ed., 1991.
- LIVINGSTONE, David. N. **The Geographical Tradition**. Oxford: Blackwell Publishers, 1993.
- LOPES, Rogério. “A ambicionada assimilação do materialismo”: Nietzsche e o debate naturalista na filosofia alemã da segunda metade do século XIX. *Cadernos Nietzsche* 29: 309 – 352. São Paulo, 2011.
- MARINELLI, Olinto. Atlante dei tipi geografici. *Instituto Geografico Militare*, Italia. 1922.
- McMEEKIN, Sean. **O expresso Berlim – Bagdá: O império Otomano e a tentativa da Alemanha de conquistar o poder mundial (1898 – 1918)**. São Paulo, Editora Globo, 2011.
- MEHENDITI, S. La géographie comparée d'après Ritter et Peschel. *Annales de Géographie (Persee)* t. 10, n°49. pp. 1-9, 1901.

MERCIER, Guy. A região e o estado segundo Friedrich Ratzel e Paul Vidal de la Blache. *Annales de Géographie*, França, 583, 1995.

MORAES, Antonio Carlos R. **Geografia: Pequena história crítica**. São Paulo: Editora Hucitec, 18<sup>o</sup> ed., 2002.

MORAES, Antonio Carlos R. A gênese da geografia moderna. A particularidade histórica da Alemanha e a gênese da geografia moderna. In: MORAES, Antonio Carlos Robert. **A Gênese da geografia moderna**. São Paulo: Editora Hucitec, 1989.

MORAES, Antonio Carlos R. **Ratzel: Geografia**. São Paulo: Editora Ática, 1990.

MOREIRA, Ruy. **Para onde vai o Pensamento Geográfico? Por uma epistemologia crítica**. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

MOREIRA, Ruy. **O que é Geografia?** São Paulo: Editora Brasiliense, 11<sup>o</sup> ed., 1991.

MOREIRA, Ruy. Nossos clássicos: Alfred Hettner (1858 – 1941). *Revista GEOgraphia*. Rio de Janeiro: UFF, ano II, n. 3, 2000.

MENDOZA, Josefina G; JIMÉNEZ, Julio M; CANTERO, Nicolas O. **El pensamiento geográfico: Alianza Universidad Textos**. 2<sup>o</sup> edição. Alianza Editorial, Madrid, Espanha, 1988.

NAME, Leo. A natureza como o outro de diferentes partes: Uma discussão sobre Ratzel e Alteridade. *Revista bibliográfica de Geografía y ciencias sociales*. Barcelona: Espanha. Vol. XV, n<sup>o</sup> 859, 2010.

NOBRE, Renarde F. **Kultur versus Zivilization: A crítica da Intelligentsia alemã ao processo civilizador**. XII Simpósio Internacional Processo Civilizador. Recife, 2009.

NORBERT, Elias. **Os alemães: A luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

RIBEIRO, Guilherme. Luta pela autonomia e pelo território: Geografia e os estados alemão e francês na virada do século XIX ao século XX. *Revista Mercator*. Ceará: Fortaleza: UFC, ano 08, n. 15, 2009.

RINGER, Fritz K. **O declínio dos mandarins alemães: a comunidade acadêmica alemã (1890 – 1933)**, EDUSP, São Paulo, 2000.

SAUER, Carl. Oskar Peschel. *Encyclopedia of the Social Sciences*, 13:92, 1934

SAID, Edward W. **Cultura e Imperialismo**. Companhia das Letras. São Paulo, 1995.

SAFRANSKI, Rüdiger. **Romantismo: uma questão alemã**: São Paulo, editora Estação Liberdade, 2010.

- SAFRANSKI, Rüdiger. **Schiller o la invencion del idealimo aleman.** (trad. Raul Gabas). Editora Tusquets, 1º edição, 2006.
- SAHR, Wolf-Dietrich; ARANTES, Leonardo. A profusão das teorias espaciais e a fusão do espaço geográfico: Alfred Hettner e o projeto corológico. *GEOgraphia*. UFF: Vol 13, N. 25, 2011.
- SCHNITZLER, Arthur. **O caminho para a Liberdade.** Rio de Janeiro: Record, 2011.
- SCHEIDL, Ludwig. **O pré-expressionismo na literatura alemã.** Coimbra: Biblioteca Geral de Coimbra, 1985.
- SCHIER, R. A. Trajetórias do conceito de paisagem na geografia. *RA'E GA*. Curitiba: Editora UFPR, n. 7, p. 79-85, 2003.
- SMITH, Woodruff D. **Politics and the Sciences of Culture in Germany: 1840 – 1920.** New York, EUA. OXFORD UNIVERSITY PRESS, 1991.
- SPRINGER, Kalina. Considerações acerca da Geografia de Alexander von Humboldt: Teoria, Filosofia e concepção de natureza. *RA'E GA*, Curitiba: Editora UFPR, n. 18, p. 7-22, 2009.
- STODDART, D. R. **Darwin's impact on Geography.** University of Cambridge, England. 683 – 698, 1965.
- STODDART, D. R. **Geography, Ideology & Social Concern.** Oxford, England: Basil Blackwell, 1981.
- TYLER, Colin. Hegel, war and the tragedy of imperialism. *History of European Ideas*. 30, 403–431, Hull, 2004 ([www.elsevier.com/locate/histeuroideas](http://www.elsevier.com/locate/histeuroideas))
- VALKENBURG, Samuel Van. The German school of Geography. In: Taylor, Griffith. **Geography in the 20th Century.** Methuen, Londres, 1960.
- VITTE, Antonio C. **Contribuições à história e à epistemologia em geografia.** Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2007.
- VITTE, Antonio C. Modernidade, técnica e subjetividade na relação homem-natureza. *Revista Theomai (Online)*. Buenos Aires, v.12, n.1, pg. 1-10, 2005.
- VITTE, Antonio C. A ciência geográfica: entre a crise da razão e a reconstrução do cosmos. *Geografia em atos*, Presidente Prudente, n. 7, v. 1, 2007.
- VITTE, Antonio C. **Da teleologia da natureza ao darwinismo: Mutações e possibilidades interpretativas sobre a construção da geografia física moderna.** ENCUESTRO DE GEÓGRAFOS DE AMERICA LATINA, 2., Montevideo: Uruguai, 2009.

VITTE, Antonio C. **Relações entre o darwinismo e a teologia na institucionalização da geografia na Alemanha: o caso da geografia física**. São Paulo: 2010. [mimeografado].

WARDENGA, Ute. German Geographical thought and the development of Länderkunde. *Inforgeo*, 18/19, Lisboa, Edições Colibri, pp. 127-147, 2006.

WARDENGA, Ute; HARVEY, Francis. The Hettner-Hartshorne connection: reconsidering the process of reception and transformation of a geographic concept. *Finisterra*, XXXIII, 65, 1998.

WARDENGA, Ute; HARVEY, Francis. Richard Hartshorne's adaptation of Alfred Hettner's system of geography. *Journal of Historical Geography*, 32, 422-440, 2006.

WENEGER, Georg. Ratzel, Über Naturschilderung. *Geographische Zeitschrift*, 11. Jahrg., 10. H, pp. 584-586, 1905.

WERNER, Benno. Regionalismo e sociedade política. Tradução: Rogério Haesbaert. *GEOgraphia*. Rio de Janeiro: UFF, ano II, n. 4, 2000.